

INTRODUÇÃO

A presente dissertação enquadra-se no Mestrado em Intervenção Sócio Organizacional na Saúde, área de especialização em Políticas de Administração e Gestão de Serviços de Saúde e surgiu do interesse em estudar, qual a rede, de apoio social, das pessoas submetidas a artroplastia da anca, após a alta clínica.

Como Enfermeira Especialista em Enfermagem de Reabilitação, no Centro Hospitalar Lisboa Norte – Hospital de Santa Maria, Serviço de Ortopedia, apercebi-me da pressão exercida pelo próprio sistema de saúde quanto ao limite de dias de internamento, independentemente da recuperação funcional da pessoa, deparando-me com a ocupação da mesma vaga, quase em simultâneo por duas pessoas, ou seja, uma delas já havia tido alta clínica, ainda se encontrava no serviço a aguardar a saída e, já essa mesma cama tinha sido ocupada por outra pessoa.

A reabilitação visa a *“recuperação das funções perdidas, a procura de ganhos a nível da independência funcional, e na inserção e integração na sociedade do sujeito com incapacidades adquiridas”* (Oliveira, 2001, p.113). O sistema de classificação conhecido como o «International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps» (ICIDH), (Wade, 1992) citado por Oliveira (2001, p.14) tem sido útil para a compreensão das incapacidades, tirando partido de uma visão holística dos cuidados oferecidos.

Segundo Oliveira (2001, p.15) *“reportando-nos à própria classificação internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagem, podemos (...) entender que:*

- a Deficiência representa qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, caracterizando-se por perdas ou alterações que podem ser temporárias ou permanentes e que incluem a existência ou ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou outra estrutura do corpo, incluindo a função mental.

- a Incapacidade corresponde a qualquer redução ou falta (resultante de uma deficiência) de capacidades para exercer uma actividade de forma ou dentro dos limites considerados normais para o Ser-Humano, temporária ou permanentemente, reversíveis ou não.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- a *Desvantagem* representa um impedimento sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade, que lhe limita ou lhe impede o desempenho de uma actividade considerada normal para ele, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores socioculturais.

A doença é uma situação intrínseca, exteriorizada na deficiência e objectivada na incapacidade. A desvantagem é a tradução **socializante** de toda a situação.

O Enfermeiro de Reabilitação: “*avalia o estado de saúde do doente e ajuda a determinar objectivos a curto e longo prazo; fornece informações provenientes das ciências físicas, sociais e comportamentais e adopta uma atitude de vigilância para com o incapacitado. Deve fornecer informações sobre factores ambientais, o uso do equipamento, necessidades específicas (...)*” (Oliveira, 2001, p.18) e, também avalia e qualifica a força muscular, o equilíbrio, os processos de transferências.

A título metafórico, sentia-me, muitas vezes, numa fábrica, em que eu seria uma operária, a cumprir horários e a produzir cada vez mais e mais para que, ao contribuir na reabilitação precoce, conseguisse que as altas das pessoas fossem também elas mais precoces e, assim, deixar mais camas livres para que se pudessem operar mais pessoas. O bloco operatório a linha de montagem. As pessoas/doentes a matéria-prima.

No meio deste aparato questões se me colocavam: quem vai cuidar destas pessoas recentemente operadas? Porque é perverso o sistema de saúde? Que critérios se utilizam para submeter as pessoas, com escasso apoio social, à cirurgia?

Havia indícios de descontinuidade em termos da rede de apoio social por parte de alguns utentes que, mesmo assim, tinham alta. Numa situação de doença “*a pessoa (...) confronta-se com uma situação nova, (...) diferente, capaz de lhe limitar o desempenho das suas obrigações sociais, profissionais e familiares como até então sucedia*” (Oliveira, 2001, p.25).

O objetivo geral deste estudo foi o de conhecer as dinâmicas/lógicas da rede de apoio social dos doentes submetidos a artroplastia da anca.

Os objetivos específicos foram quatro: a) conhecer as dimensões da rede, tais como o tamanho e a densidade; b) conhecer a estrutura da rede, tendo como exemplo a medida de centralidade; c) identificar dinâmicas na prestação do apoio social, estabelecendo

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

comparações entre a rede de cada indivíduo e d) identificar dinâmicas na relação hospital - rede de apoio social do doente (família, amigos, vizinhos, outras solidariedades).

Neste estudo foi aplicada a metodologia de análise de redes sociais (ARS). A pertinência da metodologia para a compreensão do objeto de estudo (relações) é que esta metodologia é uma ferramenta que permite a análise do relacionamento entre pessoas e os seus elos pessoais em múltiplos contextos. É possível conhecer a partilha de recursos (amizade, prestígio, poder) no contexto a estudar, através da sua arquitetura de relações. A metodologia da análise de redes sociais permite não só essa análise, como utiliza os sociogramas (ou grafos) que permitem a visualização da arquitetura das relações. A metodologia permite a análise estrutural.

“Nos nossos dias o centro da investigação em análise de redes sociais centra-se em quatro pontos essenciais:

1) A utilização de métodos estatísticos possibilita aferir proposições relativas às propriedades da rede em detrimento da simples explicação;

2) O avanço no software estatístico que permite a visualização das redes;

3) As significativas melhorias ao nível da recolha de dados, conseguindo-se uma informação mais precisa e válida;

4) Melhoria nos métodos de análise de dados longitudinais “ (Fialho, 2006, p.4).

Segundo Wasserman e Faust, citado por Fialho (2006), a pertinência da utilização da metodologia prende-se também com o facto do estudo da estrutura das relações permitir fazer um diagnóstico sobre uma situação, permitindo localizar estruturas dentro das redes que lhe permitem localizar outras estruturas e fazer outras perguntas para obter outras respostas. Consequentemente, sublinha Mercklé citado por Fialho (2006), *“a ambição da análise de redes sociais não é somente perceber os «efeitos» das estruturas sobre os comportamentos mas, também, perceber os efeitos dos comportamentos sobre as estruturas sociais onde se desenvolvem as interações”* (Fialho, 2006, p.7).

A análise das redes sociais dá-nos uma perspetiva de mapeamento da realidade social em geral e das interações sociais em particular. O mapeamento da dinâmica tem a ver com as redes sociais que se desenvolvem em contexto prático. A dinâmica do grupo é em

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

função das relações que os seus membros estabelecem, neste caso concreto, as interações entre os doentes e os outros atores com quem estabelecem vínculos.

Os objetivos do mapeamento da dinâmica são:

- Perceber os indivíduos e entender como se encontram integrados na estrutura da rede;
- Identificar estrangulamentos na oferta de serviços, e pôr em evidencia os níveis de relacionamento, permite definir estratégias de rentabilização dos recursos disponíveis,

O objeto da análise é a própria relação que pode assumir vários níveis: amizade, autoridade, influência, aconselhamento (Fialho, 2008).

A análise de redes sociais estuda a relação entre vários elementos. Neste contexto sócio organizacional o tipo de relação é indivíduos/indivíduos (egoredes).

A visualização permite, graficamente, identificar as dinâmicas que se estabelecem entre determinados atores. Assim, a visualização será sinónimo de representação dos atributos e posicionamento dos atores na rede, representará as relações que se estabelecem num determinado contexto e, favorecerá uma compreensão gráfica dum determinado relacionamento inter ou intra organizacional.

A importância da aplicação da metodologia de análise de redes sociais (ARS) prende-se com a cada vez maior necessidade de qualidade a nível das organizações de saúde quase como um paradigma emergente do êxito das organizações. É impensável conceber à luz desse paradigma, a realidade social como unidade isolada, sem qualquer interação. Está dependente da dinâmica de redes interorganizacionais a estratégia dos processos de cooperação daí resultantes.

A metodologia descreve o contexto da investigação, a unidade de análise, o tipo de estudo, o paradigma de investigação, o processo de amostragem e os instrumentos de recolha de dados e, a forma como foram tratados e analisados.

Inicialmente delimitou-se o contexto sócio organizacional onde foi aplicada a metodologia (um serviço de um hospital de Lisboa), de seguida justifica-se a pertinência da metodologia para a compreensão do objeto de estudo, os objetivos do mapeamento da dinâmica, o objeto da análise e, por fim a reflexão e problematização sobre a metodologia em causa.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

As perguntas de partida formuladas para este estudo foram: *Qual é a dinâmica da rede de apoio social das pessoas submetidas a artroplastia da anca após a alta clínica? Como funciona a dinâmica da rede de apoio social das pessoas submetidas a artroplastia da anca após a alta clínica?*

O tipo de estudo para responder a estas questões foi o estudo de caso de carácter exploratório, atendendo à inexistência de investigação científica sobre o objeto de estudo. O estudo de caso é um método intensivo, que ao contrário dos estudos extensivos, não permite generalizar os resultados obtidos mas *“permite identificar determinadas particularidades (...) só possível com a leitura da realidade concentrada no caso”* (Tavares, 2007, p.67). Neste caso específico analisar as regularidades da rede de apoio social.

A estratégia de pesquisa consistiu na aplicação de técnicas de investigação documentais: a recolha e análise bibliográfica e de não documentais: a entrevista e o inquérito (Tavares, 2007).

A entrevista foi escolhida como técnica prioritária porque havia necessidade de desenvolver uma *“componente exploratória”* (Tavares, 2007), junto das assistentes sociais no contexto da investigação, que é, neste caso, o Serviço de Ortopedia do Centro Hospitalar Lisboa Norte – Pólo Hospital de Santa Maria.

A entrevista visou o aprofundamento e a exploração da informação, *“aprofundamento de um campo cujos temas essenciais conhecemos, mas que não consideramos suficientemente explicado num ou noutro aspecto (...) exploração de um domínio que não conhecemos”* (Ghiglione e Matalon, 2001, p.66). A entrevista careceu de um guião, o guião da entrevista, e pretendeu conhecer junto dos entrevistados, sobre o fenómeno a estudar, um nível de compreensão novo (Gauthier, 2003, p.281).

Segundo Ghiglione e Matalon, no processo de investigação habitualmente começa-se com uma abordagem qualitativa (entrevista), numa fase inicial (exploratória) seguida de uma abordagem quantitativa (inquérito), quando já *“sabemos como colocar o problema”* (2001, p.105), à amostra em estudo, neste contexto socio-organizacional na saúde.

Para Bravo (2001, p.307), *“a finalidade do inquérito é obter de maneira sistemática e ordenada informação da população investigada sobre as variáveis objecto de investigação”*.

O questionário sociométrico “Gerador de Nomes” foi aplicado por entrevista, ao invés de por questionário auto-administrado (auto-preenchimento), porque há maior controlo do processo comparativamente às respostas por questionário (Tavares, 2007) durante o período de Janeiro a Março de 2013.

Para minimizar os erros que pudessem surgir da incompreensão das perguntas e a fim de poderem ser corrigidas antes da sua aplicação realizou-se um pré-teste. O pré-teste serve para *“garantir que as questões tenham o mesmo significado para todos, que os diferentes aspectos da questão tenham sido bem abordados”* (Ghiglione e Matalon, 2001, p.105).

O questionário permite obter dados sobre os atributos dos atores e sobre as suas relações.

Foram estudadas as egoredes através de uma lógica de análise qualitativa de redes sociais, já utilizadas na saúde nos trabalhos de Sílvia Portugal (2007).

Definiram-se como critérios de inclusão, utentes internados no Serviço de Ortopedia sob artroplastia da anca, sem alterações ao nível da consciência, cognitivas e/ou psíquicas e que dessem o seu consentimento informado depois de devidamente esclarecidos da referida investigação e, em conformidade com a Declaração de Helsinki de Ética em Pesquisa envolvendo seres Humanos, cumpridos os procedimentos éticos e legais.

A dissertação está dividida em III capítulos. O primeiro é o enquadramento teórico onde se aborda a análise de redes sociais na sua génese, discussão do conceito e linguagem; as redes de apoio social: origem, capital social e redes de apoio e, artroplastia da anca e a rede nos cuidados de saúde. O segundo capítulo descreve a opção metodológica: natureza do estudo, técnica de recolha de dados, determinação da dimensão da amostra, tratamento e análise dos dados obtidos. No capítulo III será feita uma descrição dos resultados: caracterização sociodemográfica da amostra e análise das quatro dimensões de ajuda: económica, física, social e psicológica. Propõe um projeto de intervenção sócio-organizacional de acordo com as conclusões relativas a esta dissertação de mestrado.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

1– ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

A análise de redes sociais, como metodologia de investigação, desde a sua génese até aos nossos dias, percorreu algumas escolas e foi beneficiada por outras ciências que permitiram a objetividade de análise possível atualmente. De conceitos próprios, há até quem considere uma linguagem elitista, fundamenta a realidade social.

1.1– GÉNESE E EVOLUÇÃO DA ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Segundo Fialho (2008, p.8) *“o que distingue as redes sociais das redes espontâneas e naturais reside na intencionalidade dos relacionamentos e nos objectivos comuns estabelecidos entre os elementos que nela (rede) interagem”*.

Surge na Antropologia Social a génese do conceito de redes sociais com Lévi-Strauss, na década de 40, com a *“análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco”* (Fialho, 2008, p.9). Segue-se Radcliffe-Brown na década de 50 que segundo Fialho (2008, p.9), *“introduz o conceito de rede social total para caracterizar a estrutura social enquanto rede de relações institucionalmente controladas ou definidas”*. A psicóloga, Elizabeth Bott (1971) citado por Fialho (2008, p.9) utiliza *“o conceito de rede como uma ferramenta para a análise de relacionamentos entre pessoas e os seus elos pessoais em múltiplos contextos”*.

Considera-se no entanto que foi, nos anos 30, com Moreno, *“o grande impulsionador da análise de redes sociais, a partir dos pressupostos da sociometria”* (Fialho, 2008, p.9), que efetivamente o conceito tomou forma.

1.1.1 - A génese das redes – Sociometria

Jacob Moreno utilizou e desenvolveu a sociometria *“não como uma simples técnica, mas sim como um paradigma que procurava substituir algumas das teorias sociais anteriores”* Fialho (2008, p.10). Moreno recorreu aos sociogramas cuja representação gráfica permitia avaliar as relações entre 15 a 20 nós, sendo que a partir daí *“os sociogramas tornam-se mais difíceis e complexos de interpretar (...) a disposição dos nós fica totalmente ao critério do investigador (...) este tipo de análise não tomava em consideração os nós isolados”* (Molina, 2001; Lozares Colina, 2005) citado por Fialho (2008, p.11).

1.1.2 - Jacob Moreno e os testes sociométricos

A génese da análise de redes sociais encontra-se na sociometria criada por Moreno (1889-1974), ao contrário do que acontecia com a Psicologia e a Medicina da sua época em que o indivíduo era tratado como um elemento isolado, Moreno criou o psicodrama e a sociometria tendo como objetivo estudar o indivíduo *“em relação com os seus grupos, pois era aí que residiam as condições para a construção e desempenho de papéis (...) Moreno teve como ambição estudar a humanidade como uma unidade social real (...) propõe que o tratamento da pessoa deveria ocorrer dentro do grupo ao nível das relações”* (Fialho, 2008, p. 11).

Nos Estados Unidos, o psicólogo social de origem romena Jacob Moreno, década de 30, *“sugeriu encarar como “átomo social” (“social atom”), não tanto o indivíduo, mas o indivíduo e as relações interpessoais de simpatia e renúncia que se organizam ao seu redor”* (Rua, 2009, p.258) e considerou a existência de um objeto intermédio entre o grupo e o indivíduo, na psicologia social. Através de alguns estudos, Moreno verificou que um grupo de indivíduos estava relacionado por uma espécie de *“rede”*. Assim, identificado o conceito foi possível verificar a existência de relações que superavam a divisa dos grupos, atribuindo-lhes uma posição teórica exata.

Deste modo, Moreno citado por Rua (2009) dividiu este fenómeno em duas partes, de modo a tentar explicá-lo:

- Essas redes de relacionamentos são uns fenómenos "estruturados", por mais informal que possam parecer, não deixando de serem regulamentadas, organizadas e estruturadas pelos princípios que carecem ser esclarecidos;
- É atribuída às redes uma função que permitem, de certa forma, a comunicação de informações e contribuir para o fluxo da mesma, a formando-se a opinião pública, o que garante a função de controlo social.

1.2 - HARVARD E CHICAGO

Em 1929 W.Lloyd Warner, antropólogo, aluno australiano de Radcliffe-Brow, colaborou em Harvard com Elton Mayo, psicólogo social, nos estudos de Hawthorne na Electric Company de Chicago com o objetivo de identificar a influência, no rendimento dos trabalhadores, dos aspetos psicológicos e sociais.

Para a análise de redes sociais, este estudo, contribui com a *“identificação de subgrupos no sistema de relações sociais”* (Scott, 2000; Molina, 2001) citado por Fialho (2008, p.14) tendo-se utilizado sociogramas para evidenciar esses agrupamentos de pessoas. Os estudos de Hawthorne identificaram os *“Cliques”* (*“conjuntos de pessoas com laços informais que explicam a sua conduta no quadro do seu trabalho”*) segundo Fialho (2008, p.14), utilizado na linguagem da análise de redes sociais.

Em Chicago, Warner e Radcliffe-Brown deram início ao estudo das comunidades do sul dos Estados Unidos tendo concluído que *“não só existem relações entre pessoas, mas também os grupos em que estas fazem parte (...) se articulam entre si numa complexa rede de relações que explica a integração global no sistema social (...) as matrizes que relacionam pessoas e situações, grupos e classes sociais”* conforme (Scott, 2000; Molina, 2001) citado por Fialho (2008, p.14).

Para além dos contributos metodológicos da análise de redes sociais, o contributo e avanço da sociometria com *“o recurso a técnicas quantitativas de recolha de dados, instrumentos de representação gráfica e proposições sobre as propriedades formais das redes de relações”* (Fialho, 2008, pp.14-15).

Segundo Molina (2001) citado por Fialho (2008) os estudos feitos pelos investigadores de Harvard e Chicago foram estudos empíricos sobre a articulação de grupos informais com os sistemas sociais, tendo havido inovação quanto à metodologia e teorias sobre a análise das redes sociais.

George Homans aproveitou os estudos dos investigadores de Harvard e Chicago e, da sociometria e desenvolveu, através do estudo de cinco casos concretos, as seguintes proposições que segundo Fialho (2008, p.15) *“procuram explicar o funcionamento dos grupos em qualquer cultura ou momento histórico”*:

“- A frequência das interações é directamente proporcional à homogeneidade das actividades e sentimentos das pessoas envolvidas.

- Os membros dum grupo são geralmente mais semelhantes nas normas do grupo que interiorizam do que na sua conduta.

- Quanto mais elevado é o nível hierárquico que uma determinada pessoa ocupa no grupo, mais elevado será o número/nível de interações que estabelece.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- *Quanto mais elevada for a posição dum indivíduo num grupo, maior será a sua conformidade com as normas de conduta do mesmo.*

- *A interacção frequente dentro dum grupo pressupõe interacção menos frequente fora do grupo.*

- *A interacção será mais frequente quanto menor for a distância social.*

- *A relação entre duas pessoas (A e B) está em parte determinada pelas relações estabelecidas entre A e uma terceira pessoa C e entre B e C.*

- *A matriz de relações pessoais é simultaneamente parte dum sistema mais amplo de relações.” (Fialho, 2008, p.15).*

George Homans desenvolveu uma teoria sobre a dinâmica universal dos pequenos grupos (*The Human Group, Harcourt, Brace and Company – 1963*) assim como ao nível da liderança e da cultura empresarial, pela “teoria do Intercâmbio” (Fialho, 2008).

1.3 - A ESCOLA DE MANCHESTER

A escola de Manchester surge a partir da Segunda Guerra Mundial com o desenvolvimento do conceito de rede pela antropologia britânica com o objetivo de explicar “*as situações de troca nas sociedades tradicionais e mecanismos de articulação nas sociedades complexas*” (Fialho, 2008, p.16). Em 1954 Jonh Barnes utiliza o termo rede para a descrição na Noruega de uma pequena aldeia de pescadores (Molina, 2001 citado por Fialho, 2008).

Em 1955, a psicóloga Elisabeth Bott (canadiense que estudou antropologia em Chicago com Warner) tenta demonstrar que “*a segregação nos papéis conjugais dos casamentos urbanos (...) era uma função da rede social*” (Fialho, 2008, p.16) e, neste contexto, introduz o termo conectividade: “*quanto maior for a inter-conectividade subjacente nas redes sociais dos cônjuges, maior será a sua especialização ao nível dos papéis familiares e, por outro lado, quanto menor forem as inter-relações menos diferenciada será a conduta conjugal*” (Fialho, 2008, p.16). Para Bott a estrutura da rede social determina a conduta relativamente ao nível de segregação dos papéis sociais em relação à classe social (Fialho, 2008, p.16). Para Molina (2001) citado por Fialho (2008, p.16) “*a estrutura das relações tinha uma capacidade explicativa maior que a pertença a categorias sociais ou grupos institucionalmente definidos*”.

Clyde Mitchell, em 1969, contribui para a análise de redes sociais no sentido em que refere que esta é uma visão que complementa a tradicional e que ignorando-a perde-se a *“continuidade da interação social, dum determinado tipo de rede social (...) a partir duma determinada pessoa, ego e nos diferentes tipos de relações existentes, em detrimento das propriedades das redes globalmente consideradas”* (Fialho, 2008, p.17).

A escola de Manchester teve o contributo, para as ciências sociais e humanas de Bruce Kapferer, A.C. Mayer, Philip Mayer, Boissevain e Thoden van Velzen e Trouwborst, são alguns exemplos.

O conceito de “multiplexidade” que se utiliza na análise de redes sociais, é devido a Kapferer (Fialho, 2008).

1.4 - A ESCOLA DE HARVARD

É com a escola de Harvard que, segundo Fialho (2008, p.18) se dá uma rutura na sociometria clássica *“na passagem da relação entre os actores para a relação entre as posições estruturais”*. Surge em meados dos anos 70 com Harrison White, Lorrain, Boorman, Breiger, Levine donde surge a *“conceção da medida de equivalência estrutural”* (Fialho, 2008, p.18) através do desenvolvimento de modelos matemáticos das estruturas sociais (Fialho, 2008). Neste período aparecem os trabalhos de Granoveter (Varanda, 2001 citado por Fialho, 2008).

Na mesma época, na Universidade de Chicago, Ronald Burt desenvolvia uma nova técnica de análise de redes que permitia *“enquadrar os actores em categorias semelhantes ou distintas de acordo com as relações semelhantes ou distintas que mantinham na rede”* (Fialho, 2008, p.18).

O processo de análise de redes sociais passa da análise de redes ego-centradas e de pequenos grupos, para uma análise *“de situações macro estruturais”* (Fialho, 2008, p.18) porque *“a interação dos actores conduz até à definição das posições do sistema social; a partir da relação entre essas posições à estrutura do todo”* (Fialho, 2008, p.18). Este processo, vem associado a um instrumento que permite a análise, de associações voluntárias, movimentos sociais, sub culturas marginais permitindo, com este, *“identificar as posições e explicar os comportamentos em situações sociais que aparentemente tinham uma estrutura subjacente”* (Fialho, 2008, p.18).

1.5 - DOS ANOS 80 AOS NOSSOS DIAS

A partir da década de 80, o desenvolvimento da análise de redes, continuou até aos dias de hoje.

A década de 80 é assinalada por três linhas de investigação segundo (Galaskiewicz e Wasserman, 1993; citados por Varanda, 2001, 93) citado por Fialho (2008, p.19):

- *“O trabalho sobre os constrangimentos impostos pela posição na rede sobre a acção, que levou ao conceito de autonomia estrutural de Burt e de embeddedness em Granovetter;*
- *A investigação referente às redes sociais como oportunidades ou recursos para atingir determinados fins, que é o caso do conceito de capital social desenvolvido por Coleman e Granovetter, entre outros;*
- *E os temas da influência e difusão de inovações desenvolvidas por vários estudiosos, como Marsden, Friedkin, Burt e Valente, que postulam uma visão mais dinâmica da análise de redes, pois vêem-nas como canais que os actores utilizam para influenciar os comportamentos de outros”.*

Nos nossos dias e como já referido anteriormente a *investigação em análise de redes sociais centra-se em quatro pontos essenciais:*

- 1) *“A utilização de métodos estatísticos possibilita aferir proposições relativas às propriedades da rede em detrimento da simples explicação;*
- 2) *O avanço no software estatístico que permite a visualização das redes;*
- 3) *As significativas melhorias ao nível da recolha de dados, conseguindo-se uma informação mais precisa e válida;*
- 4) *Melhoria nos métodos de análise de dados longitudinais” (Fialho, 2006, p.4).*

O conceito de rede está longe de ser um neologismo, cerca das décadas de 30 e 40, começa efetivamente a tomar forma e utiliza-se até aos nossos dias como metáfora, técnica ou paradigma. É importante em Sociologia para a análise da estrutura das redes sociais e, o desenvolvimento de outras ciências como a matemática e a informática,

juntamente com a ARS tornou possível a análise de redes mais complexas (Portugal, 2007).

Segundo Silva et al (2013, p.21) *“a análise de redes sociais tem, nos anos mais recentes, vindo a beneficiar dum enorme desenvolvimento das técnicas de análise de matrizes e grafos. Associados a este contributo têm estado a estatística e a matemática que, por influência das suas técnicas, têm permitido objectivar muitas das análises de redes sociais”*.

Para Silva et al (2013, p.31) *“desde os estudos «clássicos» sobre análise de redes sociais até aos nossos dias (...) a teoria das redes sociais tem sido utilizada nas mais variadas teorias sociais. Desde os clássicos da antropologia (Barnes e Both) até aos nossos dias o enfoque das redes sociais tem-se centrado (...) no estudo das relações entre indivíduos em diferentes questões e situações sociais. (...) Assume-se como o meio para a realização duma análise estrutural cujo objectivo é explicar os fenómenos em estudo”*.

Segundo Degenne e Forsé (1994) citado por Silva et al (2013, p.31) *“ A análise de redes sociais pretende (...) evidenciar que o estudo duma díade (interacção entre duas pessoas) só tem fundamento em relação ao conjunto das outras díades da rede, dado que a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre a sua forma, conteúdo e função. (...) A função duma relação está dependente da posição estrutural dos elos, e o mesmo se verifica com o status e o papel do actor. Uma rede não se resume como simples soma das relações, e a forma como é exercida a influência em cada relação”*.

A análise de redes sociais tem beneficiado nos últimos anos de avanços, através de ferramentas de análise, como por exemplo o UCINET/Netdraw, (Silva et al, 2013).

2 – DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS? UMA DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO

2.1 - PORQUÊ FALAR DE REDE?

Viver em rede sempre fez parte da vida social do ser humano diz Barabasi (2002). Os seres humanos são seres de relação e sempre fez parte da sua natureza viver dentro de várias redes pessoais e sociais. Somos seres de relação.

2.2 - QUESTÕES ENQUADRADORAS

O que é a Análise de Redes Sociais (ARS)?

Deste modo, é usual levantar-se questões como “*o que entendemos por rede, redes sociais, a ciência de rede ou de análise de rede social?*” (Molina, 2010, p.36).

Citando Molina (2010, p.36) “*O primeiro uso do conceito de rede social, o metafórico, está naturalmente presente. Propomos falar ao invés uso metafórico na medida em que levanta questões de pesquisa a partir de uma perspectiva de rede*”.

2.2.1 - Do conceito de rede à análise de redes sociais

Segundo Portugal (2007, p.7) “*A network analysis trouxe novos princípios analíticos, novas linguagens e novos dados para a teoria sociológica, permitindo analisar a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional e (re) colocando no centro do questionamento o elemento básico da sociologia: a interação social*”.

Para Portugal (2007, p.7) “*a análise de redes fornece uma explicação do comportamento social baseada em modelos de interação entre os actores sociais em vez de estudar os efeitos independentes de atributos individuais ou relações duais (...) baseia-se na premissa de que estas têm uma realidade própria, no mesmo sentido em que os indivíduos e as relações têm*”.

Segundo Portugal (2007, p.7) “*A análise de redes procura encontrar regularidades, grupos, categorizações, de modo indutivo, através da análise do conjunto de relações. O ponto de partida da investigação não deve ser portanto um conjunto de unidades independentes, mas pelo contrário, o conjunto de relações que as interliga. Não se pode querer compreender a estrutura e ignorar as relações que se estabelecem entre os seus elementos*”.

A “*análise relacional*” segundo Wellman (1985) citado por Portugal (2007, p.7) “*permite estudar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, mas, também, o modo como eles os usam e modificam consoante os seus interesses*”.

A análise das redes sociais permite passar das “categorias” às “relações” (Degenne e Forsé, 1994, 6) citado por Portugal (2007, p.7) na medida em que “*os dados empíricos trabalhados a partir de categorias construídas a priori através da agregação de indivíduos com atributos semelhantes (...) Em função do problema em análise, trata-se de determinar em que medida as categorias descritivas estão relacionadas com as variáveis a explicar (...) estudam-se relações entre variáveis e não relações entre indivíduos*”.

Degenne e Forsé (1994, p.7) citado por Portugal (2007, p.7) refere que “*os indivíduos pertencem a categorias, mas também a redes relacionais, e as categorias não são mais do que o reflexo das relações estruturais que os ligam entre si*”.

No conceito de rede, a palavra rede, embora muito utilizada nos nossos dias e definindo quase a forma de pensar de forma a ser definida a nossa existência como uma “*racionalidade reticular*” (Parochia, 2001) citado por Portugal (2007), é antiga e remonta ao séc. XVII (Merclé,2004; Ruivo, 2000) citado por Portugal (2007, p.7).

As redes, nas sociedades actuais, são elementos chave na medida em que as sociedades são formadas por relações e, quando falamos em relações, falamos em redes. É nossa a responsabilidade das nossas ações, no entanto também somos afetados pelas ações dos outros. É isso que nos explica a teoria das redes: “*explica extensamente como são as possibilidades para a nossa acção e como nos influenciam as dos demais. O contexto da rede afecta as possibilidades de controlo tanto para as nossas acções como para as do resto dos actores que intervêm no dito contexto*” (Santos, 2008, XII).

Consequentemente, sublinha Mercklé citado por Fialho (2006, p.14), “*a ambição da análise de redes sociais não é somente perceber os «efeitos» das estruturas sobre os comportamentos mas, também, perceber os efeitos dos comportamentos sobre as estruturas sociais onde se desenvolvem as interacções*”. Se considerarmos a realidade social como um entrançado de redes conseguimos compreendê-la melhor porque a “*estrutura social é como uma rede*” (Santos, 2008, p.1).

Os processos sociais são compreendidos sob a forma de análise de redes sociais que foca, sob o seu ponto de vista, mais os vínculos que as características dos atores (Santos, 2008).

As redes sociais *“ajudam-nos a ver a organização social (...) a partir de um modelo diferente que nos concebe a sociedade como uma grande hierarquia estruturada e ordenada”* (Santos, 2008, p.1), permitindo saber como funcionam as instituições sociais (trabalho, comunidade, política, poder).

Por todo o lado em que focuemos a nossa atenção encontramos redes, todas as estruturas são formadas por elas, nuns casos redes físicas, noutras redes sociais, noutros uma mistura das duas (Santos, 2008).

A própria estrutura de um edifício é formada por redes: uma armação de vigas e colunas, uma malha de cabos elétricos. Segundo Fialho (2008, p.3) acerca da rede: *“de forma meramente ilustrativa, basta olhar para uma simples rede de pesca, em que as linhas se cruzam, formando um nó, um ponto de encontro, e formando outro nó, outro ponto de conexão e assim sucessivamente”*.

A análise de redes sociais (*social network analysis*) ou análise estrutural é uma metodologia de investigação que identifica e descreve a estrutura social (Molina, 2001).

Segundo Molina (2001), estuda relações entre elementos centrando-se nas suas relações ao invés de se centrar nas características dos seus elementos, como acontecia na análise tradicional. Os atributos são secundários, privilegia-se os *ligâmenes* relacionais (Rodriguez, 1995). *“Na análise de redes os atributos dos actores são interpretados em termos de pautas ou estruturas relacionais entre as unidades. Os ligâmenes relacionais entre actores são o primordial, os atributos são secundários”* (Rodriguez, 1995, p.11). O enfoque é maior nos vínculos do que nas características dos atores (Santos, 2008).

2.2.2 - Estrutura social

O objeto de análise das redes é a visão relacional da estrutura social. A articulação das relações sociais que se produzem entre os indivíduos é entendida como a estrutura social (Santos, 1996).

A análise de redes sociais apresenta uma grande utilidade na análise estrutural *“de forma que é capaz de dar uma visão integrada e coerente do sistema total em que se movem os actores sociais”* (Santos, 1996, p.11), ou seja, na estrutura social.

A estrutura pode ver-se como *“um modelo de relações sociais entre posições; e uma relação social é um vínculo entre actores que ocupam diferentes posições sociais que, por sua vez, implicam relações mútuas”* (Santos, 1996, p.11).

Segundo Santos (1996, p. 11) as relações mútuas *“podem ser simétricas ou assimétricas, de carácter positivo, negativo ou neutro”*. Para Gil (1996, p.38) *“as relações assimétricas indicam que os fenómenos não são independentes entre si (relações simétricas) e não se relacionam mutuamente (relações recíprocas), mas que um exerce influência sobre o outro”*. O que geralmente o pesquisador procura é o estabelecimento de relações assimétricas entre as variáveis (Gil, 1996).

Para a análise estrutural e de redes *“As técnicas propostas centram-se nas redes pessoais das pessoas que respondem e nos seus atributos”* (Santos, 1996, p.7).

Segundo Santos (1996, p.13) *“há duas formas de aproximar-se da realidade social: a primeira presta atenção nas características ou atributos dos actores de forma individual; a segunda (...) centra-se nas relações entre os actores que compõem essa realidade”*. Quando dois ou mais sujeitos aparecem juntos dão-se as relações: *“ (...) vinculação que um sujeito pode ter ou efectivamente tem com outros sujeitos ou objectos”* (Santos, 1996, p.13).

Citando Santos (1996, p.13) *“Estas duas aproximações medem-se de forma diferente. Os atributos são as propriedades ou características intrínsecas dos actores, objectos ou acontecimentos, enquanto as relações fazem referência às vinculações entre eles (...) Os atributos são o tipo de dados que normalmente se recolhem com os questionários (...) consideram e medem como valores de uma variável”*.

Se quisermos ter uma visão mais completa da realidade dos sujeitos, objetos ou acontecimentos a estudar, devemos *“para além das suas qualidades olhar também para os outros com quem se relacionam”* (Santos, 1996, p.13).

Para Rodríguez (1995) as explicações do comportamento dos atores normalmente são individualistas, ignorando o contexto social em que este se insere, que contempla o

comportamento de outros atores sendo que *“a natureza das relações de qualquer actor com outros membros do sistema pode afectar a percepção, crenças e acções do dito actor”* (Rodriguez, 1995, p.10).

Segundo Santos (1996, p.23) de acordo com o tipo de relação estas podem variar de forma e conteúdo, *“a forma de uma rede refere-se às propriedades das relações entre cada par de actores que existem independentemente de um conteúdo específico. Os aspectos básicos da forma de relação são: 1) a intensidade ou força do vínculo e 2) o nível de compromisso em determinadas actividades”*.

A força ou intensidade do vínculo mede-se pela dicotomia simples: presença versus ausência de relação até uma escala (graduada em intensidade) quantitativa para medir, por exemplo, o número de interações num período de tempo (Santos, 1996).

O nível de compromisso mede-se pelo grau de implicação ou pela profundidade das actividades que se realizam com essa pessoa (Santos, 1996).

O conteúdo, refere-se à função do vínculo ou função da rede com quem se relacionam os atores (Santos, 1996). Segundo Santos (1996, p.24) *“podem-se identificar, (...), três enfoques analíticos. Referem-se ao conteúdo (por exemplo, instrumental ou afectivo) que define a relação”*.

Os três enfoques, segundo Santos (1996, p.24) são os seguintes:

1 – *“O primeiro conteúdo pode denominar-se afectivo. É uma relação com uma orientação sentimental. Os sujeitos estão vinculados através de um sentimento. Amor, ódio, respeito, amizade entre dois actores (...). É um sentimento que existe entre um par de actores. A investigação de Laumann (1973) baseia-se numa relação com este conteúdo específico: a amizade íntima.*

2 – *Relação normativa. É uma relação específica, culturalmente definida. Implica um conjunto de expectativas, direitos e obrigações entre as pessoas implicadas na relação. A relação implica duas posições sociais. É o que conhecemos em termos de relacionamento de função/papel (por exemplo, pai/mãe-filho/filha; professor-estudante; vizinho-vizinho; médico-doente).*

3 – *Relação de intercâmbio. Implica interdependência entre dois actores. As acções de um repercutem-se nas circunstâncias do outro. Esta relação pode ser directa ou indirecta*

(...) as directas (zona de primeira ordem), que na prática coincidem com a maioria dos intercâmbios. Assim, uma relação é um intercâmbio ou um conjunto de intercâmbios entre dois actores” (Homans, 1961) citado por Santos (1996, p.24).

Se se utilizar o ponto de vista do intercâmbio os tipos de relação descritos nos nºs 1 e 2 estão englobados nesse tipo de relação *porque “...o afecto, o amor, o ódio, o respeito, são sentimentos intercambiados entre dois actores, o que gera dependência entre eles. A conduta de um afecta o outro” (Santos, 1996, p.25), conduta dirigida ao ego.*

Ao mesmo tempo, uma relação pai-filho, do tipo normativa, é uma relação de intercambio entre direitos e obrigações, gerando dependência, em que a conduta de um afecta a do outro.

Segundo (Hanneman, 2001) citado por Silva et al (2013, p.24) *“Todos os sociólogos são unânimes em afirmar que o poder é uma propriedade fundamental das estruturas sociais (...). Nas redes sociais o poder pode ser encarado como uma propriedade Micro (descreve as relações entre os actores) e como uma propriedade Macro (descreve uma população inteira). Ter uma posição favorável na rede é sinónimo de beneficiar de maiores possibilidades de interacções relativamente a outros actores mais desfavoráveis”.*

2.2.3 - Egoredes

A *“rede pessoal”* é a rede concreta e imediata (aquela que de forma directa nos une com determinadas pessoas), de cada actor que segundo Santos (1996, p.15) *“consiste em todos os vínculos que chegam e partem directamente do sujeito. Este conceito também se denomina “rede social egocêntrica”, “rede egocêntrica” ou simplesmente “rede pessoal”. Esta rede descreve o ambiente social ou “mundo social” de um actor ou sujeito”.*

A rede pessoal ou rede egocêntrica é usada nos casos em que o que interessa saber é *“qual o ambiente social imediato dos sujeitos concretos” (Santos, 1996, p.16).* A rede pessoal tem como objetivo comparar os dados obtidos através do estudo de um componente ou ator específico com os dados de outras redes pessoais (Molina, 2010). A pessoa como ponto central da estrela e a sua rede pessoal que abarca a zona de primeira ordem, a rede imediata onde se encontram os vínculos diretos numa relação de intercâmbio (Santos, 2008).

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Segundo Santos (1996, p.20) *“As pessoas podem estar unidas através de um ou mais vínculos ao mesmo tempo. (...) Uma relação social entre duas pessoas baseada num único vínculo denomina-se simples, ao contrário (...) vários vínculos descreve-se como múltipla. (...) O estudo das redes pessoais é, (...), o estudo das formas que apresentam e como se produzem os circuitos de influência entre o ego e os álteres”*.

Tal como a ARS, a ARP não se resume apenas ao comportamento humano, podendo ser aplicado a qualquer tipo de rede, tais como organizações ou países (Molina, 2010). Segundo o autor (2010, p.8) *“Os termos mais utilizados neste caso são "ego" e "alter". "Ego" refere-se ao nó central de uma rede e "alter" aos outros nós conectados com o "ego". Em alguns estudos, as redes pessoais referem-se a redes egocêntricas”*.

Podemos afirmar, que ambos os termos, se referem a dois tipos diferentes de redes. A rede pessoal é uma rede de "ego" e os seu "alter" reproduz uma relação (Molina, 2010).

O ponto de partida é o “ego”, e o início de uma rede egocêntrica é uma rede social, através da qual o “ego” e seu “alter” são selecionados. Deste modo, uma rede egocêntrica é formada através de relacionamentos e os limites específicos da rede social e não necessitam conter todos os alter que pertencem a um ego específico dentro de um relacionamento especial (Molina, 2010, pp.8-9). Qualquer rede completa pode ser analisada como uma série de redes pessoais, tomando como pontos de partida qualquer nó particular na rede. No entanto, Wellmann (2007a) citado por Molina (2010, p.8) explica que essas redes *“estarão delimitadas pelos próprios limites da rede completa original”*.

A exploração da rede de um ator é o centro da análise de rede pessoal, centrando-se no indivíduo e nos laços, de qualquer tipo ou relação, que esse indivíduo estabelece com os outros. *“O objectivo das redes pessoais é identificar os vínculos das pessoas, donde quer que cheguem, sem que se estabeleçam limites à rede, como é habitual no caso de redes sociais”* (Wellman, 2007a citado por Molina, 2010, p.8).

Os atores podem ser indivíduos, organizações, coletividades, fenómenos sociais. Actor segundo Wasserman y Faust (1994) citado por Rodriguez (1995) não significa necessariamente capacidade ou vontade para atuar. Actor é toda a entidade social cujas relações e ligâmenes estuda a análise de redes (Rodriguez, 1995). Pode aplicar-se, o termo ator, segundo Molina (2010), a uma pessoa concreta, a uma companhia, a um país.

Segundo Molina (2010, p.8) na análise de redes sociais *“o termo actor ou actores referem-se aos indivíduos que estão dentro de uma rede, enquanto que os laços referem-se a conexões entre os indivíduos numa rede”*.

A análise de redes sociais estuda a estrutura social, cujas regularidades nas pautas (listas) das relações serão essa mesma estrutura (Rodriguez, 1995).

Para Wasserman y Faust (1994), citado por Molina (2001, p.13), a análise de redes sociais, trata dados relacionais: *“um vínculo específico entre um par de elementos”*, que podem ser pessoas, grupos, organizações, países ou acontecimentos. E, é a partir *“dos pares de elementos e das relações estabelecidas entre eles”* Molina (2001, p.13) que é possível construir uma rede, a rede social.

Wasserman e Faust (1999, p.4), citado por Portugal (2007, p.7) identificam quatro princípios fundamentais na teoria das redes sociais:

- 1) Os atores e as suas ações são vistos como interdependentes e não como unidades independentes e autónomas;
- 2) Os laços relacionais entre atores são canais onde circulam fluxos de recursos (materiais e imateriais);
- 3) Os modelos de redes centrados nos indivíduos concebem as estruturas de relações como meios que configuram oportunidades ou constroem a ação individual;
- 4) Os modelos de redes conceptualizam a estrutura (social, económica, política, etc.) como padrões constantes de relações entre atores.

No caso em que os elementos são duas pessoas, a relação constitui-se pelo valor que uma delas atribui *“ao conjunto de sentimentos e condutas experimentadas com a outra pessoa”* Molina (2001, p.13).

A análise de redes sociais é útil para a explicação da realidade social (Santos, 2003). Ronald Burt (1982) citado por Rodriguez (1995, p.10) cita que *“a teoria de redes constrói as suas explicações com base em pautas de relações”*. A ARS explica o meio social *“como pautas de regularidades nas relações entre unidades em interação”* (Wasserman y Faust, 1994) citado por Rodriguez (1995, p.11).

A análise de redes sociais procede do trabalho pioneiro de Moreno (1934) que utilizou os sociogramas e a teoria de grafos (Rodriguez,1995). Os sociogramas em duas dimensões mostravam no sistema, as relações entre os atores (Rodriguez, 1995).

O sociograma, ou grafo, é uma representação gráfica entre dois atores (se existe relação entre eles), em que os atores serão pontos conectados entre eles, por uma linha que representa a matriz relacional (Rodriguez, 1995).

2.2.4 -Teoria de grafos

Segundo Reffay (2005) citado por Silva et al (2013, p.21) *“A sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece **indicadores** que permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até caracterizar a influência que cada individuo ocupa no grupo”*.

A teoria dos grafos é a teoria mais geral das redes, mais especificamente a teoria dos grafos aleatórios criada por Erdős nos anos 60 (Erdős 1960). A teoria parte das redes na sua forma mais estilizada: *“uma rede é composta por nós e pela existência (ou não) de ligações entre esses nós.”* (Rosa, 2002, p.102).

A teoria de grafos *“traduz a matriz de dados em conceitos e teoremas que se podem relacionar com aspectos substanciais das redes sociais”* (Rodriguez, 1995, p.35).

Os elementos fundamentais na análise gráfica dos sociogramas são: os pontos ou vértices e as linhas: os atores os pontos, as relações as linhas.

Os elementos básicos fundamentais para compreender a estrutura de uma rede são: os nós ou atores; os vínculos ou relações e, os fluxos (Fialho, 2008).

- *“Os nós ou actores são pessoas ou grupos de pessoas que se encontram movidas por um objectivo comum (...) representam-se por círculos. A soma dos nós representa o tamanho da rede”* (Fialho, 2008, p.33).

- *“Os vínculos são os laços que existem e se estabelecem entre dois ou mais actores (...) um actor exhibe um vínculo directo com outro actor. Os vínculos de relações são representados por linhas”* (Fialho, 2008, p.33).

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- *“O fluxo indica a direcção do vínculo. Estes fluxos podem assumir várias designações: unidireccional ou bidireccional. Quando um actor não tem nenhum tipo de fluxo (...) inexistência de vínculos, significa que se trata dum nó solto dentro da rede”* (Fialho, 2008, p.33).

Segundo Alejandro e Norman (2005) citado por Silva et al (2013, p.23), os fluxos representam-se com uma seta que indica o seu sentido:

- Fluxo mútuo ou bidireccional: são fluxos que têm setas em ambos os sentidos;
- Fluxo dirigido ou unidireccional: fluxo cuja direcção só contém um sentido.

2.2.5 - Tipos de relações

Segundo Silva et al (2013, p.25) *“uma das primeiras questões (...) antes de partirmos para o mapeamento duma rede social é sabermos qual o tipo de relação que queremos estudar. A cada relação, corresponderá uma matriz e, (...), uma rede que pode ser egocentrada ou completa”*.

Segundo Silva et al (2013, p.28) *“...o mapeamento das redes pode ser efectuado com base no modelo de blocos conhecido por blockmodels cujo principal objectivo é desenhar grupos de actores estruturalmente equivalentes. Cada bloco é interpretado como um modelo abstracto de unidades agregadas que se representam por uma **lógica de afinidade entre si** (...) os blocos identificam as **regularidades** da estrutura relacional...”*.

Para o desenho da investigação de redes, os elementos fundamentais são segundo Rodriguez (1995) as unidades amostrais, a (s) forma (s) das relações, o conteúdo relacional e o nível de análise.

As unidades amostrais contemplam o tipo de relação mais relevante e as unidades da organização que constituem a rede, os actores (Rodriguez, 1995).

A **forma** das relações refere-se *“às propriedades das conexões entre pares de actores (díadas) que são a intensidade ou fortaleza da união entre dois actores e, o nível de participação conjunta nas mesmas actividades”* Burt (1982) citado por Rodriguez (1995, p.23).

O **conteúdo** relacional refere-se ao tipo de uniões. Segundo Rodrigues (1995, p.23):

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- **“Relações transaccionais/transmissão:** os actores controlam a troca sobre elementos físicos ou simbólicos (presentes, compras, vendas)
- **Relações de comunicação:** as relações são canais através dos quais se transmitem mensagens.
- **Relações de fronteiras:** as ligações entre actores consistem em subcomponentes em comum: conselhos de administração com conselheiros comuns.
- **Relações instrumentais:** os actores entram em contacto com o objectivo de assegurar mercadorias valiosas, serviços, informações (através de trabalho, conselho Político, etcetera).
- **Relações sentimentais:** os indivíduos expressam sentimentos de amor, admiração, hostilidade.
- **Relações de poder/autoridade:** indicam os direitos e obrigações de actores para mandar e/ou obedecer (em organizações).
- **Relações de parentesco.”**
- **“Redes de parentesco e descendência.** São um tipo especial de redes que indicam as posições dos membros numa estrutura familiar” Knoke e Kuklinski (1982) citados por Silva et al (2013, p.27).

Fisher (1982) citado por Silva et al (2013, p.27) apresenta a seguinte tipologia das relações que geram as redes sociais:

- Relação formal. Assenta nos papéis organizados social e culturalmente, como por exemplo pai-filho, patrão-empregado, etc.
- Relação sentimental. Tem por base uma lógica de afetividade, na qual um indivíduo se compromete a ajudar.
- Relação de intercâmbio. Quando um indivíduo se compromete com os outros para a realização dum conjunto de atividades.

Relativamente ao **nível de análise**, existem quatro níveis segundo Rodriguez (1995).

O primeiro nível designa-se rede egocêntrico; o segundo tríada; o terceiro nível triada e por último, a rede completa ou sistema.

No nível da rede *egocêntrico*, segundo Rodrigues (1995, p.23), *“consiste em cada actor individual, todos aqueles com os quais tem relação e as relações entre eles”*.

A rede egocêntrica também se designa de rede pessoal (Rodriguez, 1995).

Segundo Wellman (1997), citado por Fialho (2013, p.25) nas perspectivas analíticas da análise de redes sociais, a egocentrada e a rede completa, na egocentrada “o tipo de análise está direccionada para um determinado nó/actor (ego) e outros nós/actores da rede com os quais o nó egóico mantém relações”.

Na *díada*, que é formada por dois actores (nodos), segundo Rodriguez (1995, p.23) “a questão central neste caso é se existe ou não uma relação directa entre dois actores, ou se existem conexões indirectas através de outros actores”. Relação binária para Santos (2003, p.74), que significa “um conjunto de pares ordenados de nodos”.

O terceiro nível, a *triada* tem como exemplo as relações sentimentais e a sua transitividade, sendo a análise entre três actores (Rodrigues, 1995).

O último nível e o mais importante dos níveis de análise, a rede completa ou sistema, “usa toda a informação acerca de padrões de relações entre todos os actores para averiguar a existência de posições distintivas, ou papéis, e para descrever as relações entre essas posições” (Rodrigues, 1995, p.23).

Segundo Wellman (1997) citado por Silva et al (2013, p.25) “a rede completa na qual a informação sobre o padrão de laços entre todos os nós, actores na rede, é utilizada, (...), para identificar os subgrupos reticulares com um maior nível de coesão interna”.

Quando se fala em rede completa existe a dificuldade de estabelecer um limite pois, sabe-se onde começa a relação mas não se sabe onde ela termina (Silva et al, 2013).

Para Borgatti (2003) os quatro níveis de análise de redes sociais:

- “Nível das *díades*: que assenta ao nível da proximidade incrementada e das possibilidades de comunicação.
- Nível dos actores: associada às posições que os actores ocupam na rede e os seus níveis de influência.
- Nível da rede/grupo: assente na lógica de que as equipas mais coesas agem melhor?
- *Díades e actores mesclados*: os trabalhadores do mesmo sexo comunicam mais entre si do que os do sexo contrário?

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Para Lazega (1998) citado por Silva et al (2013, p.29), o nível de análise faz-se em três sentidos alternativos:

- *Nível egocêntrico em que se procede a um levantamento das redes do actor a nível individual e se procura comparar indivíduos e explicar algumas diferenças entre eles.*
- *Nível relacional em que se focam as características das díades, tríades ou sub estruturas intermediárias de nível mais elevado. Procura enumerar as relações entre si (simetria, assimetrias, força de ligação, etc.).*
- *Nível estrutural que procura compreender as posições e papéis dos actores no sistema e descrever a natureza das relações entre as posições.*

Segundo Lazega (1998) para a concretização destes níveis de análise devem ser tidos em conta três tipos de dados:

- *dados sobre relações (recursos);*
- *dados sobre os atributos dos actores;*
- *dados sobre os comportamentos susceptíveis de serem influenciados pela posição dos actores no quadro da estrutura relacional a ser observada”.*

É importante referirmos que a análise de redes sociais detém três níveis de análise, como a análise micro, meso e macro. Assim:

- Análise de nível micro: consiste na análise de redes pessoais;
- Análise de nível macro: examina as interações de subsistemas;
- Análise de nível meso: investiga as redes interorganizacionais.

Deste modo, a ARS não se limita unicamente à pesquisa das relações físicas como também às de carácter simbólico, sendo assim um procedimento amplo que prevê a especulação de panoramas como a descrição das relações, explicação da causa-efeito-consequência, tal como a evolução das relações e a sua identificação de singularidades (Fialho, 2008).

Segundo Silva et al (2013, p.22) *“Nesta complexidade de níveis de análise uma ferramenta tem sido extremamente útil para a representação das interações entre os diferentes actores numa rede: o software Ucinet 6.85 for Windows tem permitido construir*

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

as matrizes e gráficos (grafo - nome técnico do gráfico de rede) e, por conseguinte facilitar a análise das redes sociais”.

Seguem-se algumas das principais medidas de análise de redes sociais que podem ser tratadas através do Ucinet:

Quadro 1 – Medidas descritivas e estruturais da rede

	Medidas descritivas
Densidade	É a proporção de laços efetivos entre os laços possíveis. Uma medida de grau de inserção dos atores na rede.
Centralidade	Permite obter a localização do ator em relação à rede local.
Proximidade	Grau de proximidade em relação a outros atores na rede.
Intermediação	Permite medir o grau de intervenção de cada ator relativamente a outros atores na rede.
Distância geodésica	Mede o grau de afastamento da localização dum ator em relação a outro.
Alcance	Mede a extensão do contacto que um ator estabelece com outros atores na rede.
Subgrupos	Permite medir o grau de concentração e formação de subgrupos numa determinada rede.
	Medidas estruturais
Densidade	Mede o grau de coesão e homogeneidade.
Transitividade	Mede o grau de flexibilidade e cooperação numa determinada rede.
Equivalência estrutural	Mede a posição relativa dum ator na rede.
Equivalência regular	Medida menos estrita que a anterior – mede o papel social.
Buraco estrutural	Mede o grau de coesão e competição da rede

Fonte: Silva et al (2013)

2.3 - A LINGUAGEM DAS REDES

A linguagem das *redes* “*continua a estar associada a uma elite de cientistas sociais que dominam uma linguagem muito particular e que, em certa medida, pode funcionar como um obstáculo para os cientistas sociais mais familiarizados com a lógica dos atributos nas suas análises dos fenómenos sociais*” Fialho (2008, p.32).

Segundo Silva et al (2013, p.22) “*A complexidade da terminologia (...) assente na lógica matemática, tem sido, (...) um dos factores que tem constrangido alguns investigadores a se dedicarem ao estudo da análise de redes sociais. Para Varanda (2000) citado por Silva et al (2013, p.22) “a análise de redes não é mais do que um «saco cheio de truques metodológicos e com um vocabulário místico» ”.*

O desenvolvimento das técnicas de análise de matrizes e grafos, por meio de ferramentas informáticas, beneficiou em simultâneo a análise de redes sociais que, associado à estatística e matemática, permitiu à sociologia, tornar mais objectiva a análise de redes sociais (Fialho, 2008). A repulsa do principiante é ultrapassada rapidamente “*em face do apelo intuitivo da perspectiva e da genuína utilidade destes instrumentos para o estudo das ciências sociais*” Varanda (2000, p.102) citado por Silva et al (2013, p.22).

Os grafos e as matrizes são formas de representação dos padrões de relações entre os atores, como ferramenta matemática a que recorrem os analistas de redes sociais (Fialho, 2008).

Segundo Fialho (2008, p.32) “*o contributo mais significativo da análise das redes resulta da introdução de instrumentos técnicos que possibilitam avaliar empiricamente os postulados teóricos sobre a natureza das relações e o carácter estrutural das redes*”.

A análise de redes sociais centra-se nas relações binárias ou múltiplas sendo diferente de outros métodos de investigação em que se centra nos atributos dos pares de indivíduos (idade, género), (Molina, 2010).

A ARS evoluiu como método de investigação de análise das estruturas sociais “*com o objectivo específico de investigar o aspecto relacional destas estruturas (...) desvelar a estrutura e a composição de uma rede em particular, assim como as questões de centralidade (que indivíduos estão melhor conetados com outros) e conectividade (como*

estão conectados ou não uns indivíduos com outros” (Scout, 1992, Wasserman & Faust, 1994; Newman, 2003, citado por Molina 2010, p.8).

Segundo McCarty (2002) citado por Molina (2010, p.8) *“os dados derivados da ARS permitem aos investigadores aplicar uma série de técnicas de análise matricial, algumas específicas da análise de redes sociais (tais como a centralidade e a densidade) e outras usadas em estatística multivariante (como a análise de conglomerados ou o escalamento multidimensional, para extrair padrões de relações”*.

2.4 - OS GRAFOS

Os grafos, na análise de redes sociais, são a *“representação gráfica através de pontos (nós) para representação dos laços ou relações entre os actores”* (Fialho, 2008, p.34). Esta forma de representação da realidade, em linguagem sociológica, levou à utilização da expressão sociograma (Hanneman, 2001) referida por Fialho (2008).

Segundo Fialho (2008), os grafos podem ser de dois tipos: binários e orientados, relativamente ao seu nível de medição.

Os grafos binários *“identificam se existe ou não vínculo entre os actores. Uma seta representa uma relação. A inexistência é sinónima de ausência de relação”* (Fialho, 2008, 34).

Os grafos orientados *“utilizam a convenção de que os actores ou nós estão conectados através de linhas que têm uma ponta de seta para indicar quem orienta o vínculo com quem”* (Fialho, 2008, p.34).

O grafo ou sociograma, segundo Fialho (2008):

- Composto por nós (atores ou pontos);
- Ligados através de linhas (relações ou vínculos);
- Cada vínculo pode ser orientado (representados com setas) ou pode representar concorrência, presença ou reciprocidade (representados por segmentos de reta) entre um par de actores.
- Os vínculos orientados podem ser recíprocos (representados por uma seta de dupla ponta, ex.↔).

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- A força do vínculo pode ser nominal ou binária (representa a presença ou ausência de vínculo), ordinal (representa se o vínculo é forte ou fraco) e, ponderada (Hannerman, 2001 citado por Fialho, 2008);

-representativo de um tipo único de relações entre os actores (simples);

-ou representativo de mais de um tipo de relações (múltiplo), (Fialho, 2008, p.34).

Segundo Fialho (2008, p.32, citando Reffay, 2005) *“A sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece indicadores que permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até mesmo caracterizar a influência que cada indivíduo ocupa no grupo”*.

A análise das redes sociais permite a *“conversão das matrizes em grafos para posterior visualização das interações sociais”* (Fialho, 2008, p.34).

2.5 - AS MATRIZES

Segundo Fialho (2008, p.33) *“as matrizes e os grafos têm-se constituído como a principal ferramenta para traçar e apresentar as interações entre indivíduos, grupos e organizações”*.

A matriz que suporta a análise de redes sociais é a *“estrutura das relações que assumem um carácter explicativo mais significativo que os atributos pessoais dos elementos que compõem um determinado sistema”* (Fialho, 2008, p.31).

A disposição dum conjunto de elementos de forma rectangular representa uma matriz (Fialho, 2008). Segundo Silva et al (2013, p.23) matriz é o *“conjunto rectangular de elementos representados em linhas horizontais (linhas) e verticais (colunas)”*.

Na análise de redes sociais, a matriz simples é a forma mais frequente *“constituída por linhas e colunas que representam os vínculos entre os actores”* (Fialho, 2008, p.36).

Segundo Fialho (2008, p.36) *“A matriz mais simples e comum é a matriz binária, na qual a existência de relação é assinalada com “1” e a inexistência com um “0” (...) denomina-se de matriz de adjacência, na medida em que está em relação com quem”*.

Segundo Alejandro e Norman (2005) citado por Silva et al (2013, p.23):

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- Matriz quadrada: matriz que tem o mesmo número de linhas e colunas;
- Matriz simétrica: matriz na qual as relações entre os nós ocorrem de forma bidireccional;
- Matriz idêntica: matriz que contém o mesmo nome e número de actores tanto em linhas como em colunas.

2.6 - AS CONEXÕES NA REDE

A forma como se encontram conectados os atores bem como as diferenças como se fazem essas conexões na rede permite compreender o número de laços que têm os atores individuais, se esses atores são “fortes” em relações ou em “buracos”, que significa atores que recebem mas não emitem, ou se acontecem ambas as situações. As conexões imediatas e as diferenças básicas explicam *“como os “actores” olham para o mundo e como o mundo os “olha”*” (Fialho, 2008, p.37).

Segundo Hanneman (2001) citado por Fialho (2008, p.37) *“o número e classe de laços entre actores são fundamentais para perceber a inclusão dum determinado actor na rede, a influência e poder que tem”*.

A estratificação ou o conflito são situações que se podem verificar pelas conexões da rede (Fialho, 2008). *“A nível individual o grau pelo qual um actor pode alcançar os outros indica até que ponto os indivíduos estão separados do conjunto, ou seja, até que ponto se encontram isolados”* (Fialho, 2008, p.37), cujo isolamento pode ter um significado psicossocial, pois *“se um actor não pode alcançar ou não pode ser alcançado por outro, significa que não existe aprendizagem, ajuda ou influência entre ambos”* (Hanneman, 2001 citado por Fialho, 2008, p.37).

A análise das díades (série de dois actores) ou tríades (série de três actores) são as aproximações mais comuns e permite analisar como os indivíduos se encontram espaçados, através da análise de estruturas locais (Fialho, 2008).

Nas relações de díade é importante saber *“até que ponto os laços são recíprocos. Numa rede onde predominam os laços recíprocos as conexões podem ser mais igualitárias ou estáveis, ao invés de outras em que predominam as relações assimétricas”* (Hanneman, 2001 citado por Fialho, 2008, p.38).

O tamanho da rede é obtido pela contagem do número de nós ($K - n^{\circ}$ de atores). Quanto maior for o grupo, maior a densidade dos laços que por sua vez levará à formação de novos grupos e frações diferenciadas (Fialho, 2008).

Numa rede, a distância entre os atores, *“A distância geodésica representa o número de relações entre actores através do caminho mais curto possível”* (Fialho, 2008, p.38) que é pequena em redes muito densas e permite fluidez na circulação da informação. Se as distâncias geodésicas forem grandes, denominam-se de excentricidade (Fialho, 2008).

2.7 – TÉCNICA, METÁFORA OU PARADIGMA?

A análise de redes sociais como técnica é um instrumento: *“a noção de redes é também usada como instrumento de análise de redes e conexões, sendo mapeadas e classificadas no seu número, intensidade e qualidade de elos”* (Fialho, 2008, p.9).

Em termos metodológicos, a ARS é um instrumento prático que nos permite conceber os fenómenos sociais mas numa ótica relacional e a sua utilização surge em parte do resultado da *“insatisfação com o modelo estrutural - funcionalista clássico”*¹. Tendo em conta que a designação de ARS surgiu no seio da antropologia britânica, é possível afirmar que foram desenvolvidos estudos relacionados com os grupos, dirigidos por Gluckman. Para Wellman (1991), Wasserman e Faust (1994) e Mercklé², muitos antropólogos da década de 50 deram ênfase aos sistemas de redes de relações sociais, desenvolvendo assim, a rede social de uma forma sistemática, Portugal (2007). Como exemplo deste facto, temos o estudo de Barnes sobre Bremmes, referido no capítulo anterior.

No sentido metafórico redes sociais *“refere-se a uma concepção da sociedade como sendo construída por redes de relações interpessoais ou intergrupais”* (Fialho, 2008, p.9).

Em sociologia segundo Santos (1996, p.15), rede social é uma metáfora que se usa *“para descrever um conjunto de vínculos que unem (se ligam) a um grupo de actores, para os quais cada vínculo se compõe de uma ou mais relações”*.

¹ Boissevain (1974) citado por Portugal, S. (2007) in *“Contributos para uma discussão de conceito de rede na teoria sociológica”*

² Citados por Portugal (2007)

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Segundo Portugal (2007, p.3) nos anos 30 e 40 a palavra era apenas usada como metáfora uma vez que *“os autores não identificavam características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas, nem estabeleciam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem”*.

Para Santos (1996, p.14) *“uma rede social é uma metáfora que se usa em Sociologia para descrever um conjunto de vínculos que unem a um grupo de actores, para os quais cada vínculo se compõe de uma ou mais relações”*.

O conceito de rede social, na segunda metade do séc. XX *“tornou-se central na teoria sociológica e deu azo a inúmeras discussões sobre a existência de um novo paradigma nas ciências sociais”* (Portugal, 2007, p.3).

Para Kuhn (1970) citado por Portugal (2007, p.8) *“o novo paradigma não surge como um processo cumulativo mas como algo radicalmente novo: produz novos recortes do mundo, adopta novos modelos, novos métodos, redefine os problemas e as soluções. O novo e o velho paradigma são irreconciliáveis e incomensuráveis, daí a visão descontínua de Kuhn sobre a evolução do conhecimento”*.

A teoria da ARS como paradigma, conforme Kuhn (1970), surge de uma descontinuidade do conhecimento porque ao emergir um novo paradigma este não se prende ao anterior, daí a descontinuidade.

O debate permanece até hoje e já em 1977 Samuel Leinhardt escreve sob o título: *Social Networks. A Developing Paradigm*.

A descontinuidade da evolução do conhecimento científico é aquilo que pode dar lugar a um novo paradigma. A evolução processa-se por 4 fases segundo Kuhn (1970) citado por Portugal (2007) com alternância de momentos de ciência normal, de crise, de ciência extraordinária e de revolução. Na prática da ciência normal o trabalho é no interior do paradigma (constituído por leis, hipóteses teóricas gerais, métodos e técnicas, meios standardizados de aplicar leis fundamentais a uma grande diversidade de situações). Porém na inadequação de um paradigma (quando a resolução dos seus enigmas se torna impossível) *“dentro do quadro da ciência normal dá-se uma crise e procuram-se alternativas no quadro da ciência extraordinária. O trabalho fora dos limites do paradigma pode permitir regressar à normalidade ou pode dar azo a nova teoria. Quando este último caso prevalece estamos perante a emergência de um novo paradigma e uma profunda*

reorganização de todo o domínio científico em causa, ou seja, segundo Kunh, de uma revolução científica” (Portugal, 2007, p.8).

O conceito de rede como metáfora *“útil para complementar algumas análises”* e por isso *“minimalista”* passa para uma posição *“maximalista”* enquanto paradigma, refere Portugal (2007, p. 6) segundo Wellman e Berkowitz (1991, p.4) citado por Portugal (2007, p.6) no seguinte texto:

“As estruturas sociais podem ser representadas como redes – como conjuntos de nós (ou membros do sistema social) e conjuntos de laços que representam as suas interconexões. Esta é uma ideia maravilhosamente libertadora. Dirige o olhar dos analistas para as relações sociais e liberta-os de pensarem os sistemas sociais como colecções de indivíduos, díades, grupos restritos ou simples categorias. Usualmente os estruturalistas têm associado «nós» com indivíduos, mas eles podem igualmente representar grupos, corporações, agregados domésticos, ou outras colectividades. Os «laços» são usados para representar fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre «nós» ”.

Para Marsden e Lin (1995, p.10) citado por Portugal (2007, p.8) há discordância no facto de se falar de um novo paradigma nas ciências sociais relativamente à teoria das redes. Para o autor *“estamos perante um campo do conhecimento que está longe de ser apenas um método, um conjunto de técnicas sofisticadas para abordar a realidade social (...) No entanto, não podemos, também, falar de um novo paradigma no sentido Kuhniano, em que uma teoria esmaga as concorrentes e enfraquece institucionalmente as suas rivais”.*

Segundo o autor citado por Portugal (2007, p.8) *“falta a network analysis a hegemonia que fez o sucesso do funcionalismo (...) o espaço da teoria sociológica é hoje partilhado por perspectivas diferenciadas, sem que se possa identificar um paradigma dominante (...) o próprio campo interno da disciplina está longe de se constituir como uma teoria “unificada” (...) a dissonância começa na forma de nomear o “novo paradigma”: “science of networks” (Watts, 2004), “social network paradigm” (Leinhardt, 1977), “network analysis” (Marsden e Lin, 1985; Knoke e KuKlinski, 1982) e a sua tradução francesa “analyse des réseaux” (Mercklé, 2004), “structural analysis” (Wellman e Berkowitz, 1991).*

Para Portugal (2007, p.9) a *network analysis* tem como abordagem *“explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que eles se inserem e explicar a*

estruturação a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações”. Segundo Mercklé (2004, p.97) citado por Portugal (2007, p.9) “*a network analysis pressupõe suplantar a dualidade do princípio simmeliano «os indivíduos fazem a sociedade, as sociedades fazem os indivíduos»*”.

2.8 – ESTADO DE ARTE

Apesar da análise de redes sociais ter estado, desde sempre, relacionada com o sector da saúde, a contribuição efectiva da mesma manifestou-se a partir do momento, em que se inicia a luta contra a sida, pelo reconhecimento que a mesma tem neste campo, uma vez que a infecção se transmite, em contextos de relação entre pessoas (relação sexual, partilha de seringas contaminadas, partilha do algodão contaminado, etc.), ou seja, por via sexual e parentérica, “*o estudo das redes associadas às pessoas, grupos de risco, e, inclusive grupos étnicos mais castigados pela doença, revelou-se como fundamental para melhorar as políticas de prevenção*” (Klov Dahl, 1995 citado por Molina, 2001, p.40). Neste contexto o autor defendeu que “*a taxa e a extensão da disseminação da doença transmitida através de relações pessoais dependeria da estrutura das redes relevantes. Assim, o conhecimento da estrutura das relações seria fundamental para a identificação da taxa e extensão previsível da doença, através do desenho duma rede*” (Fialho, 2006, p.198).

No contexto português, “*a nova configuração do Sistema Nacional de Saúde (SNS) e as suas implicações nos utentes dos serviços públicos de saúde configuram uma reorganização das redes de acesso, cujo recurso à análise de redes sociais tornará evidentes os potenciais buracos estruturais da rede, bem como os laços fortes e fracos no acesso ao Sistema*” (Fialho, 2006, p.199).

Sílvia Portugal (2005) caracteriza o papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde: “*Quem tem amigos tem saúde*” o que, em resumo, significa que “*os indivíduos conseguem através dos laços sociais aquilo que não conseguem através do vínculo de cidadania: serviços públicos eficientes e de qualidade*” (2005, p.1). Para a autora, o acesso à saúde estrutura-se segundo as seguintes variáveis: proximidade geográfica dos serviços ao nível da disponibilidade de oferta pública e a clivagem entre as zonas urbanas e as rurais desfavorecidas; o nível de rendimento familiar que, para as de fracos recursos, os serviços oferecidos, pelo mercado, não constituem alternativa ao público devido ao seu custo e, as características da rede relacional da família em que a escolha pelo sistema

público ou privado tem a ver com a rede de relações sociais; no caso da escolha pelos dois, o público serve para resolver problemas de rotina e o privado no recurso a especialidades médicas (Fialho, 2006).

O estudo de caso que contribuiu para a abordagem a este estudo, com a mesma temática, embora com objecto de estudo diferente foi o de Ermelinda Rebola (2012) no âmbito do Mestrado em Intervenção Socio-organizacional na Saúde e com o título de *“rede de apoio social ao doente pós síndrome coronário agudo”*. É um estudo de caso e centra-se na rede formal e informal do individuo internado no Hospital do Espírito Santo em Évora.

No quadro do objeto de estudo da presente investigação, encontramos o estudo de Maria de Fátima Elias³ cujo objecto de estudo foram pessoas idosas que sofreram fratura da anca, provocada por quedas, embora se centre no apoio psicossocial, dado ao cuidador/idoso, num outro contexto, o domiciliário. E o estudo de Cassilda Foro⁴ sobre suporte social e estratégias de coping, em doentes que fizeram artroplastia da anca por coxartrose.

³Elias, M. (2011). Contributos do apoio psicossocial, em contexto domiciliário, aos familiares cuidadores-idosos, após fratura da extremidade proximal do fémur. Tese de doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.

⁴ Foro Cassilda (2007). A qualidade de vida em doentes com coxartrose e artroplastia da anca: suporte social e estratégias de *coping*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/Instituto Politécnico de Beja.

3 – REDES DE APOIO SOCIAL

3.1 – ORIGEM DA SOCIEDADE CIVIL

A sociedade civil é uma grande rede social, *“na qual estão inseridos actores individuais e colectivos; organizações, instituições e associações que perseguem objectivos privados ou públicos e que se enquadram na esfera pública que é o Estado”* (Santos, 2008, p.7).

A sociedade civil, ideal, segundo Díaz (1997) citado por Santos (2008, p.12) deve ser formada pelas seguintes instituições:

- “1) Um governo, entendido como Estado ou autoridade política;*
- 2) Este governo opera sob o império da lei, ao qual todos devem e que serve de abrigo a todos*
- 3) Uma economia de mercado, o que implica um regime relativo de iniciativa privada*
- 4) Um tecido associativo plural ou um leque de associações voluntárias de toda a índole*
- 5) Uma esfera pública, em que deve haver um debate público livre”.*

Sendo fácil o seu conceito é, no entanto, mais difícil limitar a sua origem histórica. Sabe-se que remonta à metafísica hegeliana (1767) e que foi Adam Ferguson quem primeiro a usou em 1794, no seu livro *“Um ensaio sobre a história da sociedade civil”*.

Ferguson explica nesse livro que com o surgimento do Estado novo (moderno), a monarquia é fortalecida quando o rei liberta o seu povo do feudalismo, e do apego com o senhor feudal e promove as trocas comerciais (mercantilismo) que deu origem a uma nova classe social, chamada de burguesia, que mesmo sem títulos, tinha dinheiro e podia ascender na classe social surgindo assim uma revolução civil, a revolução burguesa. O Estado contribuiu para o nascimento do homem civil, o burguês, que consegue aliar-se a si próprio, construindo a sociedade civil, separada do próprio Estado (Santos, 2008).

Estado e sociedade civil, conseguem separar-se apenas em teoria porque na realidade a sua dissociação é difícil de apurar (Santos, 2008).

Outros dos teóricos da sociedade civil foram Smith (1799) que partilha com Ferguson (1794) do ponto de vista da sociedade burguesa a origem da sociedade civil: *“a aparição*

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

das actividades comerciais e a formação da sociedade comercial deu origem a um tipo de individuo que constitui a condição necessária para a sociedade civil” (Santos, 2008, p.15).

Em vários momentos da história definiram-se versões acerca da sociedade civil segundo M. Kaldor (2005) citado por Santos (2008) em cinco momentos:

A Societas civilis – diferencia-se do estado e das sociedades não civis dos impérios absolutistas e da guerra.

A Sociedade burguesa – originara um tipo de indivíduo, com o aparecimento das actividades comerciais e a formação da sociedade comercial, com qualidades para constituir a sociedade civil *“os mercados, as classes sociais, a lei civil e as organizações para o bem-estar formavam parte do que haveria de ser a sociedade civil” (Santos, 2008, p.15)*

A versão ativista referente à cidadania ativa, aquela em que os cidadãos podem influenciar as condições em que vivem, quer através da auto-organização, quer exercendo pressão política. Surge fora dos círculos políticos, enfatiza as limitações do estado bem como a redistribuição do poder.

A versão neoliberal é uma das versões mais globais mas também a mais limitada. A sociedade civil surge do terceiro sector, limitando e substituindo muitas das funções do estado, da vida associativa de voluntários e de caridade, sem fins lucrativos, desempenhando funções de bem-estar, limitada no entanto à rede de ONG (Organização Não Governamental) e organizações voluntárias.

A versão pós moderna concebe a sociedade civil como uma estrutura de redes distintas organizadas globalmente, num contexto de ação e de pluralismo, ou seja, ao alcance de todos.

A linha de um conjunto de definições de sociedade civil encontra-se no seguinte argumento *“a sociedade civil é um meio através do qual se produzem, negociam e renegociam os infinitos contractos sociais entre os indivíduos e os centros políticos e económicos de poder (...) é o marco em que se materializam os acordos e se produzem os resultados institucionais que estes geram” Kaldor (2005) citado por Santos (2008, p.16).*

No desenvolvimento da sociedade civil, Habermas (1989 e 1992) ou Cohen e Arato (1992), concebem a sociedade civil em sinónimo de esfera pública porque a sociedade civil é concebida como um mundo associativo mas em que há debate contínuo acerca do interesse público e entre este e os seus próprios (particulares) interesses (Santos, 2008).

Os vários modelos da sociedade civil descrevem-na, consoante os autores, conforme Diaz (1997) citado por Santos (2008):

- Sociedade burguesa, que é o conjunto de relações entre classes sociais ou de relações mercantis, cujo motor são os próprios interesses
- Tecido social, por ser composto por associações voluntárias, movimentos sociais, grupos de interesses, partidos políticos ou grupos ideológicos
- Tudo o que não cabe no conceito de Estado, ou seja, é um *“conceito residual, que só faz sentido a partir do seu contraste com o Estado, mas que pela imprecisão e amplitude, ameaça tornar-se irrelevante”* Vallespín (1996) citado por Santos (2008, p.9).

A sociedade civil é formada por duas esferas, a esfera íntima, a família e, a esfera das associações, as associações voluntárias, os movimentos sociais e as formas de comunicação pública (Santos, 2008).

Uma das qualidades mais importantes do conceito de sociedade civil é *“que se apoia na ideia de auto-organização da sociedade, na reconstrução de vínculos sociais à margem do Estado autoritário e no apelo à esfera pública independente e não mediatizada por nenhum Estado ou partido”*, segundo Arato (1996) citado por Santos (2008, p.13).

Ao definir a sociedade civil como independente do Estado, mesmo perante um estado autoritário, controlador da sociedade, sempre existiu e contribuiu para a libertação da sociedade porque *“seja em situações de maior ou menor clandestinidade, as redes sociais, as solidariedades e as relações informais, ou seja, o gérmen da vida associativa e das relações sociais necessárias, continua latente”* (Santos, 2008, p.14).

Segundo Kaldor (2005) citado por Santos (2008, p.16) *“As redes nas quais estão interligados os actores da sociedade civil (...) estão formadas por actores provenientes do Estado e do mercado”*.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Os atores da sociedade civil são: associações, movimentos sociais, ONG nacionais e internacionais, redes de organizações, redes de instituições, empresas, associações de voluntários, instituições educativas, clubes, sindicatos, meios de comunicação de massas, organizações caritativas e igrejas e, como instrumento principal, a família (Santos, 2008).

A sociedade civil é formada por vínculos *“flexíveis, específicos e instrumentais”* (Santos, 2008, p.17).

As redes sociais é aquilo que permite, é a ponte, entre a família e as organizações de maior dimensão até chegar ao Estado. A rede social permite o vínculo dos atores a diversas organizações da sociedade civil. As redes informais facilitam as relações económicas, assim como o circuito das ações são facilitadas através destas redes (Santos, 2008).

A base da sociedade civil são os grupos sociais (família, bairro, empresas, igrejas e nações) com os quais é possível estabelecer vínculos, e obtenção de satisfação através do reconhecimento social, só possível no contacto e relação com os outros, ao mesmo tempo obtendo nível de confiança nessas relações, extraindo daí informação, conhecimento e recursos (Santos, 2008).

Os atores da sociedade civil atual são atores da sociedade civil global que só faz sentido se *“existe uma relação entre mercados que assegure a autonomia económica e uma sociedade de direito que proporcione segurança”* (Santos, 2008, p.21).

A sociedade civil, equilibra o poder do Estado, ao mesmo tempo que protege os indivíduos do poder deste. A sociedade civil é produto de uma quantidade grande de capital social, que se entende como tecido associativo (Santos, 2008).

3.2 – CAPITAL SOCIAL, APOIO SOCIAL E REDES SOCIAIS DE APOIO SOCIAL

O capital social é *“um conceito que se refere ao conjunto de normas, redes e organizações através das quais se tem acesso a recursos escassos que facilitam a tomada de decisões e a realização de tarefas”* (Santos, 2008, p.20).

O capital social facilita a relação entre dois ou mais atores, é uma categoria relacional em que os atores que melhor se relacionam são quem mais beneficia. Burt citado por Santos (2008).

O capital social é uma entidade dinâmica que se compõe por aspetos da estrutura social e pelas ações dos atores (coletivos ou individuais) dentro dessa mesma estrutura, ou seja, os elementos da estrutura geram uma estrutura segundo Coleman citado por Santos (2008).

São três as definições de capital social:

Segundo Fukuyama citado por Santos (2008, p.23), “*o capital social é um conjunto de normas informais que promovem a cooperação entre dois ou mais indivíduos*”; porém as normas por si só não constituem o capital social e a cooperação é necessária nas relações para que se atinjam objetivos levando às externalidades (Santos, 2008).

As externalidades podem ser positivas ou negativas. Se a relação com o outro se faz na base da honestidade estamos perante externalidades positivas. Se pelo contrário a relação se faz sob suspeita ou hostilidade, a externalidade é negativa. As externalidades terão de ser tidas em conta aquando da medida da quantidade de capital social na sociedade porque de acordo com isso, as atividades do capital social serão bem ou mal usadas (Santos, 2008).

O raio de confiança é um conceito definido por Fukuyama (1999) citado por Santos (2008, 24) que diz que “*todos os grupos têm uma determinada quantidade de capital social que abarca certo raio de confiança (...) se o capital social de um grupo produz externalidades positivas, o raio de confiança se estenderá além do próprio grupo*” ou do tamanho do próprio grupo “*se o interesse do grupo é o grupo em si mesmo, a cooperação com estranhos será uma externalidade negativa (...) se o interesse do grupo é a sua projecção na sociedade, as externalidades que gera são positivas*” (Santos, 2008, p.25).

O capital social segundo Fukuyama (1995) citado por Santos (2008), nas sociedades democráticas:

-“*Evita ou diminui os custos de transacção vinculados aos mecanismos formais dos contractos, hierarquias, normas burocráticas*” (Santos, 2008, p.25);

- “*Tem uma função política nas democracias modernas*” (Santos, 2008, p.25).

Outra definição de capital social é a de Robert Putnam (2001) citado por Santos (2008, p.26) que “*identifica o capital social com o valor social e individual das redes e das suas normas associadas de reciprocidade. Este valor é significativo tanto para as pessoas*

envolvidas como para os outros, através das externalidades que origina” pois a riqueza do capital social, numa sociedade, não reside em indivíduos isolados cheios de virtude (Santos, 2008).

As redes formam-se de indivíduos cujo vínculo social conduz por si só a normas de conduta, e que *“implicam quase por definição, obrigações mútuas, de forma que não seriam interessantes se só se tratara de meros contactos”* (Santos, 2008, p.26).

A reciprocidade específica e a reciprocidade generalizada são dois tipos de reciprocidade gerados pelas redes. A reciprocidade específica é aquela em que alguém faz algo por outro se esse outro retribuir de igual modo; na reciprocidade generalizada, significa que alguém faz algo por outro sem esperar nada em troca, tendo esperança que alguém, mais adiante, faça algo por ela, diz-se por isso que *“uma sociedade com reciprocidade generalizada é mais eficiente que outra desconfiada; da mesma forma que o dinheiro é mais eficaz que a troca”* (Santos, 2008, p.26).

O capital social não é homogéneo pois difere em várias dimensões. A dimensão da formalidade; a dimensão da densidade de inter-relações. A dimensão da formalidade nas redes representa uma forma de capital social em que se ganha algo com a reciprocidade, a dimensão da densidade de inter-relações representa a forma como os membros estão interligados, se num extremo existem as formas quase invisíveis de capital social representada pelos conhecidos ou se por outro lado, as formas em que existe muita interligação, representada por exemplo por indivíduos que para além de trabalharem juntos ainda se relacionam no pós-laboral (Santos, 2008).

O capital social tem como vantagens sociais apontadas por Santos (2008): melhores resultados escolares, mais rápido desenvolvimento económico, diminuição do crime e torna o governo mais eficaz *“a pertença a associações civis e a conectividade social”* (Santos, 2008, p.27) a mesma pertença que incrementa a confiança social.

O conceito de capital social segundo Putnam (1995) citado por Santos (2008, p.27) refere *“o capital social refere-se às características da organização social tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para o benefício mútuo”*.

A terceira definição de capital social é a da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2001) *“trata de aglutinar todas as dimensões que*

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

influenciam no capital social (...) as redes junto com as normas e valores compartilhados e compreendidos que facilitam a cooperação no interior dos grupos e entre os grupos” (Santos, 2008, p.28).

3.3 - REDES COMO VEÍCULO DE FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL

As redes de apoio social são formadas por *“complexas redes de sustento, mais ou menos institucionais e institucionalizadas, que suportam o peso das situações menos produtivas em que se podem encontrar diversos cidadãos”* (Santos, 2008, p.70).

Segundo Brito e Koller (1999) citado por Siqueira (2006, p.149) *“Rede de apoio social é definida como conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo”*.

O apoio social (*social support*), termo de origem norte americana, explica a importância dos vínculos sociais no que toca ao enfrentar de adversidades e para a saúde das pessoas, constitui uma interface entre o indivíduo e o sistema social sendo uma importante dimensão do seu desenvolvimento e a rede de apoio social reforça a auto-imagem e a auto eficácia aquando do caminho para atingir um objetivo, contribuindo para o aumento da competência individual (Fontes, 2007; Garmezy e Masten,1994 citado por Siqueira 2006).

A *network analysis* tem demonstrado através dos seus estudos que *“as pessoas que conhecemos e aquelas «com quem podemos contar» influenciam o nosso estilo de vida, os nossos sucessos e insucessos, a nossa segurança e sentimento de bem-estar e, mesmo a nossa saúde”* (Martins e Fontes 2004) citado por Portugal (2007, p.9).

A família constitui no sistema de apoio social um pilar muito importante e, o nível de suporte que pode proporcionar aos seus membros está dependente do bem-estar da própria família associada à saúde e bem-estar dos indivíduos (Santos, 2008; Samuelsson, Thernlund, & Ringström,1996 citado por Siqueira, 2006).

As relações que o indivíduo estabelece, nos micros sistemas por onde se mobiliza, com as outras pessoas como família, amigos, escola, organizações de apoio, entre outros, assumem o papel de fornecer apoio (Siqueira, 2006).

A família constitui a unidade social básica de cooperação, são os pais (mãe e pai) quem cria, educa e socializa os próprios filhos, para as crianças é a primeira rede de apoio

social, a relação de apego com o cuidador primário, do grupo primário por excelência, que é a família (Santos, 2008; Ptacek, 1996 citado por Siqueira, 2006). A família começa por ser uma das principais fontes de solidariedade (Santos, 2008). Os amigos, grupos ou organizações de apoio ou de outra índole são atores que, perante famílias desintegradas, em que houve rompimento de vínculos, representam um recurso forte para os vínculos sociais, fora da família (Santos, 2008).

As redes familiares constituem sistemas de apoio em situações de desemprego, aos jovens, aos idosos, aos doentes, às mulheres desprotegidas (Santos, 2008).

O recurso mais frequentes das pessoas idosas é a família, embora com o aumento das pensões aumenta a dependência estatal, diminuindo por outro lado a dependência familiar no que toca ao aspeto económico contudo, a necessidade de apoio, afeto e companhia para os idosos como seres humanos, sendo a família continua a ser o pilar em que se apoiam estas pessoas que devido ao avanço da idade continuam o seu caminho (Santos, 2008).

Na autonomia das pessoas idosas em três aspetos: o económico, o residencial e o assistencial há dependência familiar, apenas no aspeto económico pelo sistema público de pensões, poderão dispensar o apoio da família (Santos, 2008).

A melhoria dos sistemas de apoio e cuidado de saúde aos idosos mantém na mesma a necessidade do contacto com a família (Santos, 2008). Inverte-se o sentido das trocas à medida que se envelhece *“quando a saúde e as capacidades físicas da pessoa idosa não o permitem cuidar de si próprio”* (Santos, 2008, p.77) são os filhos que cuidam dos pais, ou os irmãos mais novos do idoso, ou recorrem ao contrato de serviços externos ou acolhem-nos no seu próprio domicílio (Santos, 2008).

A família comporta-se como um único ator quando um dos seus membros fica doente e aqui entende-se como ator a rede familiar ampla, pois em caso de doença, a família mobiliza-se para assegurar a saúde ao seu membro, distribuindo as tarefas necessárias, estendendo-se para além da família nuclear e incluindo a família os amigos íntimos (Santos, 2008).

Bott (1976) citado por Portugal (2007, p.5) defende que *“a dinâmica da estrutura familiar depende não apenas do comportamento dos seus membros, mas também das relações que estes estabelecem com outros, ou seja, de que a estrutura da rede de parentes,*

amigos, vizinhos e colegas tem uma influência direta na definição das relações familiares”.

O apoio social ou como as pessoas constroem solidariedade. O apoio social define-se como “*o conjunto de provisões instrumentais ou expressivas, reais ou percebidas, levadas pela comunidade, redes sociais ou amigos íntimos*” (Peña, 2003 citado por Fontes, 2007, p.92).

Segundo Fialho (2007, p.94) “*o capital social envolve um conjunto de laços fortes e fracos, sendo que os primeiros possibilitam o desenvolvimento da confiança mútua e os últimos permitem a recolha de informações e conhecimentos*”.

Portugal (2007, p.9) cita Wellman referindo que no seu trabalho, o autor “*analisa a estrutura das redes e os efeitos que diferentes formas estruturais têm na mobilização de recursos e na construção de oportunidades para os seus membros, preocupando-se com as redes enquanto fonte de suporte social*”.

Os cuidadores na esfera privada, os familiares, os amigos e os vizinhos que são as redes de sociabilidade primária; os profissionais de saúde, e sociabilidade no campo da sociedade civil onde se encontram as redes secundárias tais como as associações voluntárias e ONGs e, grupos de apoio. Campos sociais institucionalizados – hospitais, serviços médicos diversos, associações profissionais, associações de auto ajuda, as ONGs, as associações de moradores, etc. (Fontes, 2007).

3.4 – REDES INFORMAIS DE APOIO SOCIAL

3.4.1 – FAMÍLIA E OUTRAS SOLIDARIEDADES

As redes familiares funcionam como sistemas de apoio no sentido em que os “*sistemas de apoio são formados por complexas redes de sustento, mais ou menos institucionais e institucionalizadas, que suportam o peso das situações menos produtivas em que se podem encontrar determinados cidadãos*” (Santos, 2008, p.70). Estes sistemas, proporcionados pelo Estado, embora de forma primitiva, visto que só fazem sentido através do funcionamento, dentre outros grupos de apoio, aquele que é considerado, o grupo primário de apoio, ou seja, a família, considerado o grupo de apoio por excelência (Santos, 2008). A família proporciona, como agente social, às pessoas que relativamente à sua capacidade produtiva se encontram numa situação crítica, uma rede de apoio de

natureza diversa junto com outros agentes sociais tais como: empresas; Estado e associações sem fins lucrativos (igrejas, sindicatos, associações profissionais, organizações não governamentais, fundações, etc.), (Santos, 2008).

O recurso financeiro para sustentar os vários serviços provém, no caso da família, das suas rendas precedentes do seu trabalho, do capital, logradas por eles mesmos ou herança, situação essa que permite e previne que “ *em momentos em que a situação económica e, o mercado de trabalho do país não eram os mais desejáveis, a situação geral não chegou a situações limite. Nestes casos a família significou um importante colchão salva-vidas...*” (Santos, 2008, p.71).

3.5 – REDES FORMAIS DE APOIO SOCIAL

3.5.1 – ESTADO, MERCADO E TERCEIRO SECTOR

O sistema político entende-se como uma rede social em que as unidades básicas “*não são os sujeitos, mas as posições ou os papéis ocupados pelos actores sociais e as relações ou conexões entre essas posições*” (Santos, 2008, p.46).

Na definição tradicional de sociologia, actores e posições relacionam-se de acordo com o seu papel, ou seja, “*como um conjunto articulado de posições que implica direitos, obrigações e expectativas de conduta num dado sistema social*” (Linton,1972; Merton, 1957 citado por Santos, 2008, p.46). Os papéis definem um conjunto de actividades, sendo para além de uma etiqueta social, aquilo que “*indica como se espera que seja uma conduta na interacção com os outros papéis, num conjunto determinado de circunstâncias*” (Santos, 2008, p.46). Santos (2008, 46) exemplifica da seguinte forma: “*cada papel social – mãe, advogado, chefe – existe só em relação com outros com os quais interactua regularmente – filha, cliente, empregado*”. É importante referir que os indivíduos não são actores se não interagirem e quando interagem já são rede.

Segundo (Knoke, 1994 citado por Santos, 2008, p.46) o sistema político é como “*um sistema socialmente estruturado que permanece relativamente estável com respeito aos modelos das posições sociais que o compreendem*”. É formado, segundo Santos (2008, p.46) “*por um conjunto de conexões, tanto directas como indirectas, entre os actores que ocupam as diferentes posições do sistema político (...) um conjunto de relações relativamente estáveis entre os actores públicos e privados que interactuam através de*

uma estrutura interdependente com o objectivo de alcançar metas comuns numa sociedade ou numa comunidade” (Santos, 2008, p.47).

Para Santos (2008) os atores, no caso das redes políticas, são de índole e natureza diversas: membros do governo, funcionários, grupos de interesse, meios de comunicação ou associações interessadas e, são redes que *“têm cada dia uma maior presença na hora de definir e intervir nas questões sociais e políticas que interessam numa sociedade”* (Santos, 2008, p.47) e cujo *“ desenvolvimento destas redes produz-se, principalmente, como consequência da intervenção cada vez mais crescente do Estado nas sociedades industriais, assim como da intensificação do processo de globalização”* (Chaqués, 2004, p.36 citado por Santos, 2008, p.47).

Mercado, sociedade civil e Estado, na perspetiva da análise de redes sociais, a conceção de análise das políticas, como atores participantes na sociedade, devem conectar-se e articular-se entre si, *“num conjunto articulado, com as políticas específicas para cada problema particular”* (Santos, 2008, p.47).

Segundo Santos (2008, p.47): *“As redes políticas são, portanto, o suporte das interações baseadas nas relações de intercâmbio que se produzem entre os diversos actores pertencentes às mais variadas organizações (civis, mercantis, burocráticas, governativas) com o fim de obter uns objectivos determinados”.*

O Estado tem um papel *regulador “com capacidade para fazer cumprir as regras numa ordem de liberdade. A sua função principal é a de ser guardião da comunidade, (Pérez Dias, Chuliá y Álvarez-Miranda, 1998 citado por Santos, 2008, p.70) mas ao mesmo tempo é o guardião da ordem da liberdade necessária para o funcionamento de uma sociedade civil saudável”* (Santos, 2008, p.70).

A economia é inseparável da vida social na medida em que a sociedade é concebida como um conjunto de instituições relacionadas (Santos, 2008). A organização das estruturas sociais está relacionada com a economia, pois a capacidade destas para se associarem, contribui para a inovação organizativa e para a criação de riqueza, através dos processos de confiança, gerados pelo capital social, indispensáveis para o bom funcionamento das relações de mercado sobre as quais assentam as economias desenvolvidas (Fukuyama,1998 citado por Santos, 2008; Santos, 2008).

Como “terceiro sector” entende-se aquilo que não faz parte nem do Estado e nem do mercado, ou melhor dizendo, o espaço que não é ocupado por nenhum dos dois quando são distinguidos o sector público e o sector privado. O sector público *“faz referência a todas as actividades que tem uma titularidade pública (...) o Estado (...) está por detrás delas (...) a existência de um certo controlo por parte do governo”* (Santos, 2008, p.117) e o sector privado *“é o que tradicionalmente se entende por mercado (...) controlado (...) ao menos em teoria, pelos agentes privados que participam em múltiplos negócios que se realizam quotidianamente”* (Santos, 2008, p.117) é entre o sector público e o privado ou, entre o Estado e o mercado, que se situa o chamado terceiro sector, grande espaço intermédio, sem ser ocupado, por nenhum dos dois sectores.

O terceiro sector, algumas vezes, é equiparado a associacionismo, ou seja, tudo aquilo que *“não são actividades de troca mercantil (business), nem actividades baseadas em acções políticas (...) guiadas pelo princípio da autoridade (government)...”* (Douglas, 1991 citado por Santos, 2008, p.117).

O terceiro sector é aquele que nem é Estado e não é Mercado (Santos, 2008).

4 – ARTROPLASTIA DA ANCA

A anca⁵ tem como função essencial *“a locomoção e em primeiro lugar a marcha, em que podemos distinguir uma fase em carga e outra em descarga separadas pelo período de duplo apoio ou apoio bipodal”* (Tinoco, 2009, p.131). O peso do corpo e a tensão dos músculos estabilizadores é suportado pela anca, na fase de carga, durante o movimento de extensão e cujas forças transmitidas à articulação, em terreno irregular e escadas, aumentam de forma significativa (Tinoco, 2009).

Artroplastia significa etimologicamente artro (articulação) e plastia (reconstrução) o que quer isto dizer: reconstrução de uma articulação, sendo neste caso específico a anca que é segundo Kapandji (1987) citado por Tinoco (2009, p.130) *“a articulação da anca é a articulação proximal do membro inferior, situada na sua raíz e tem como função orientá-lo em todas as direcções no espaço, razão pela qual possui três eixos e três graus de liberdade⁶:*

- *Um eixo transversal, situado no plano frontal, em que efectua os movimentos de flexão-extensão;*
- *Um eixo antero-posterior, situado no plano sagital, em que efectua os movimentos de abdução-adução;*
- *Um eixo vertical, em que efectua os movimentos de rotação externa-rotação interna”.*

A articulação coxofemoral, ou articulação da anca, é móvel em todas as direcções, enartrose, *“graças à forma esférica convexa da cabeça femoral e hemisférica côncava da cavidade acetabular”* (Tinoco, 2009, p.130).

A estabilidade da articulação coxofemoral *“é assegurada pela cápsula articular reforçada pelo ligamento redondo e ligamentos tendinosos, bem como pelos músculos periarticulares que colaboram na coaptação da articulação”* (Tinoco, 2009, p.130).

⁵A anca é uma articulação do tipo esfera e taça. Por ter de suportar o peso do corpo, a anca possui um suporte profundo, uma cápsula forte e ligações musculares afastadas do eixo do movimento.

A cintura pélvica é formada pela articulação dos dois ossos ilíacos, na parte posterior, com o sacro e, na parte anterior ligam-se entre si através de uma articulação denominada *sínfise púbica*. Os próprios ossos ilíacos tratam-se, de facto, de uma fusão de três ossos, o ísquio, o púbis e o ílio. Lateralmente estes três ossos unem-se e formam uma confluência semelhante a um pires denominado *acetábulo*, o qual se articula com a cabeça do fémur formando a articulação coxofemoral (Zuidema, 2002).

⁶Os ossos ligam-se entre si através de articulações, as quais permitem graus variáveis de movimento entre os ossos contíguos (Zuidema, 2002).

O peso do corpo é assim suportado pelos membros inferiores e “as pressões que em função disto resultam ao nível da articulação são função da superfície de cobertura da cabeça femoral pela cavidade cotilóide ou acetabular” (Darnault, Nizard, Guillemain, 2005 citado por Tinoco, 2009, p.130).



Fig. 1 – Imagem radiográfica da articulação da anca antes (esquerda) e após (direita) a substituição por uma prótese da anca (Branson e Goldsten, 2003 adaptado de Nabais, 2006)

4.1 – ARTICULAÇÃO DA ANCA E INCAPACIDADE FUNCIONAL

A incapacidade funcional que prevê a substituição da articulação na sua totalidade ou parcialmente tem como etiologia: fratura, infecção, artrose ou luxação.

Segundo Zuidema (2002, p. 30) “o fêmur, o osso mais comprido e forte do corpo, está dividido, em termos proximais, em cabeça e colo do fêmur e nos trocânteres grande e pequeno. Os trocânteres asseguram a ligação de alguns dos músculos utilizados no movimento da anca e são frequentemente locais de fratura”.

Segundo Tinoco (2009, p.132) “qualquer patologia da anca tem associada uma componente dolorosa que pode originar uma atitude viciosa, um deficit muscular e uma alteração do padrão da marcha. Estas perturbações tendem a fixar-se e agravar-se, se a lesão e a sintomatologia persistirem no tempo”.

Citando Zuidema (2002, p. 42) “A cápsula da anca é cilíndrica e possui fibras dispostas obliquamente. Em posição de rotação interna possui menor capacidade. Em casos de sinovite ou de inflamação da articulação da anca, deixa de existir o movimento de rotação

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

interna. Uma pessoa com rotação e fixação externas, a posição em que a cápsula possui a maior capacidade, indica geralmente que existe uma inflamação ou lesão da anca”.

Para Zuidema (2002, p. 42) “*Outro aspecto singular da anca é o abastecimento arterial da cabeça do fémur; as artérias circunflexas femorais interna e externa prolongam-se da parte distal à proximal da cápsula, tornando-as desta forma, propensas a lesões resultantes de cirurgia ou de traumas...*”.

4.2 – DEFINIÇÃO DE ARTROPLASTIA DA ANCA

Artroplastia define-se como a substituição da articulação. No caso específico da anca, se houve substituição da componente femoral e da componente acetabular define-se por artroplastia total da anca se, por outro lado, houve apenas a substituição da componente femoral, designa-se *artroplastia parcial da anca*.

Segundo Tinoco (2009, p.142) “*As prótese utilizadas actualmente têm um tempo de vida projectado para menos de 20 anos (...) os candidatos (...) são usualmente utentes com idade superior a 60 anos. Nos mais jovens o recurso a esta cirurgia é efectuado quando o estado funcional está severamente comprometido e a dor se torna intolerável*”.

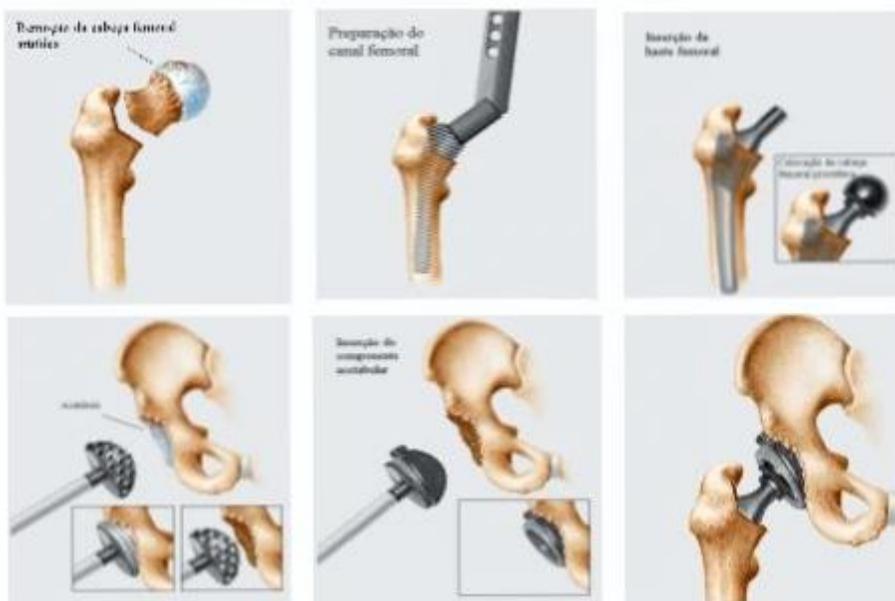


Fig. 2 – Ilustração do procedimento durante a realização de uma artroplastia total da anca

(Adaptado de <http://www.healthpages.org/AHP/LIBRARY/HLTHTOP/THR/> adaptado de Nabais, 2006)

4.3 – CUIDADOS APÓS COLOCAÇÃO DE PRÓTESE DA ANCA

A pessoa que foi submetida a artroplastia da anca, necessita de intervenções de enfermagem no processo da sua recuperação funcional que deverá incidir sobre analgesia local, mobilização articular, fortalecimento muscular, prevenção de luxação, treino de verticalização e marcha e treino de AVDs.

Os cuidados relativos à prevenção da luxação da anca, pós artroplastia, são inerentes tanto na ATA, em que a luxação é protésica, como na APA em que é acetabular, uma vez que o componente femoral foi o único a ser substituído. Na APA o acetábulo da pessoa é conservado, levando a que, caso ocorra luxação, esta é anatómica.

As complicações que podem surgir após artroplastia total da anca são: infecção descolamento asséptico; luxação e subluxação da PTA; lesões neurológicas periféricas; lesões vasculares; ossificações peri-articulares; fracturas peri-protésicas. Para além das complicações decorrentes da cirurgia existem as complicações decorrentes da **imobilidade**: obstipação; retenção urinária; alterações respiratórias; alterações da integridade da pele e estase venosa (Tinoco, 2009).

4.4 – IMPORTÂNCIA DA REDE SOCIAL NA PESSOA SUBMETIDA A ARTROPLASTIA DA ANCA

A análise de redes sociais esteve presente, desde o início, na área da saúde, quer seja em *“temas de difusão de inovação entre médicos”* (Coleman, 1996 citado por Molina, 2001, p.40) *“ou no estudo da relação existente entre saúde e rede social”* (Kadushin, 1982 citado por Molina, 2001, p.40).

No que diz respeito à colocação da prótese da anca, *“o tratamento (...) não termina com a implantação cirúrgica da prótese, antes deverá continuar, praticamente durante toda a vida da pessoa (...) considerando factores como a idade e género, a actividade física que irá desenvolver, a profissão, os hábitos de vida, a situação familiar de maior ou menor facilidade na reintegração”* (Tinoco, 2009, p.161).

A rede social de apoio na vida futura da pessoa é importante no que toca ao ensino e treino para hábitos de vida que conduzam à preservação da articulação com prótese, o êxito passa pelo ensino à pessoa e ao cuidador informal *“no sentido de reforçar técnicas e*

práticas correctas para a prevenção dos acidentes luxativos, proporcionando assim uma optimização da qualidade de vida” (Tinoco, 2009, p.162).

A pessoa submetida a cirurgia para colocação de prótese na anca deverá estar desperta para o facto de que *“o êxito da cirurgia (...) depende ensino proporcionado ao doente (...) assim como da capacidade de promover a integração dos cuidados necessários à preservação da articulação nas actividades de vida diária” (Tinoco, 2009, p.161).*

Segundo Tinoco et al (2009) *“o período de internamento no pós-operatório para obter um nível desejável de segurança varia entre 6 e 12 dias, dependendo de factores como a idade, o peso, a capacidade de aprendizagem, e o estado geral do utente, assim como o apoio familiar existente ou não”,* e o que observo na minha prática profissional é que o período de internamento excepcionalmente excede os 7 dias, independentemente de factores como o apoio familiar. O mesmo autor refere também que: *“o envolvimento do familiar/pessoa significativa no processo cuidativo durante o período de internamento torna-se fundamental para a continuidade de uma recuperação eficiente após a alta hospitalar” (2009, p.160)* e que *“o doente deverá ter alta quando apresentar um nível de independência bom e segurança na realização de AVDs (actividades de vida diárias), nomeadamente na marcha em piso plano e escadas, sentar, levantar e deitar, cuidados de higiene, bem como quando perceber e integrar conceitos gerais de segurança e risco nas restantes actividades” (Tinoco, 2009, p.159).*

A finalidade da ATA será: *“reduzir a dor e melhorar, restaurar ou manter a função articular, proporcionando maior estabilidade e evitar complicações durante o tratamento” (Tinoco, 2009, p.148).*

- Deve fazer marcha com canadianas durante três meses;
- Deve iniciar carga progressiva a partir do primeiro mês (cerca de dez por cento do peso corporal por semana);
- Depois dos três meses deve fazer marcha sem canadianas;
- Deve dormir com uma almofada entre as pernas durante pelo menos oito a doze meses;
- Deve evitar pisos acidentados e andar de bicicleta;
- Deve preferencialmente tomar banho de duche, em substituição da banheira;
- Todos os exercícios ensinados e treinados durante o internamento devem continuar, pelo menos durante seis meses;

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- Não deve fazer carga sobre o membro operado durante o primeiro mês;
- Não deve carregar pesos ou executar atividades que sobrecarreguem a anca;
- Não deve fazer mais de noventa graus de flexão na anca operada;
- Não deve cruzar as pernas;
- Não deve sentar-se em cadeiras ou sanitas baixas;
- Não deve sentar-se em cadeiras baixas sem braços, para evitar inclinar o corpo ao levantar-se provocando o aumento de carga na anca operada;
- Não deve dobrar o corpo sobre as pernas a partir da posição de sentado;
- Não deve fazer rotações bruscas

Em resumo o cuidador deverá ser informado e deverá treinar junto com o técnico de saúde as actividades de vida de forma a sentir segurança e ter oportunidade de esclarecer todas as dúvidas que poderão surgir após a alta. Idealmente , e de acordo com a disponibilidade do familiar, o técnico de saúde deverá agendar momentos para executar esses ensinamentos/treinos com o cuidador e com a pessoa.

CAPÍTULO II

5 - OPÇÃO METODOLÓGICA

O processo de investigação desenvolve-se em torno da problemática das redes de apoio social e operacionaliza-se através do estudo de caso concentrado no universo que são as pessoas submetidas a artroplastia da anca no serviço de Ortopedia do Centro Hospitalar Lisboa Norte, pólo hospital de Santa Maria.

O estudo de caso é um método intensivo que ao contrário dos estudos extensivos, não permite generalizar os resultados obtidos mas *“permite identificar determinadas particularidades (...) só possível com a leitura da realidade concentrada no caso”* (Tavares, 2007, p.67), mas que, a partir deste conhecimento, se poderá partir para outros estudos e, ser *“generalizável por meio de estudos de caso múltiplos”* (Carmo, 1998, p.177).

Como refere Bourdieu (1989^a, p.59) citado por Tavares (2007, p.89) *“tomar verdadeiramente partido da ciência é optar, (...), por dedicar mais tempo e mais esforços a por em acção os conhecimentos teóricos adquiridos investindo-os em pesquisas novas...”*.

A estratégia de pesquisa consistiu na aplicação de técnicas de investigação documentais que são a recolha e análise bibliográfica e a recolha e análise documental e, as não documentais: a entrevista e o inquérito.

O método de investigação ou estratégia de pesquisa designam as *“técnicas e práticas utilizadas para recolher, processar e analisar os dados...”* (Bowling, 1998) citado por Ribeiro (1999, p.41).

O método e técnica de análise de redes sociais englobam: sociogramas e matrizes, definição da unidade de análise, possibilidades de amostragem, colheita de dados, coesão ou equivalência, medidas de coesão, técnicas de equivalência estrutural, análise do consenso, programas de análise e visualização de redes (Molina, 2001).

5.1 - O que é o problema?

Segundo Gil (1996, p.26) a aceção do que é um problema de pesquisa, ou científico, é *“questão não resolvida e que é objecto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”*.

Segundo Quivy (1992, p.105) *“a problemática deve ser explicitada, porque fornece o plano teórico sobre que vai assentar a construção do modelo de análise. Resumindo, deve ser claramente apresentada porque constitui os alicerces da investigação. Ela é a parte teórica que, na investigação, precede e justifica o modelo de análise e as hipóteses que serão testadas pelos factos”*. A problemática, neste caso, incidiu sobre as redes de apoio social.

5.1.2 - Porque é que é importante estudar o problema?

É importante estudar o problema não só pelo desejo de conhecer, com vista a fazer algo mais eficiente ou eficaz, mas também para lhe dar resposta (Gil, 1996).

Para dar resposta ao problema temos a pesquisa, que é *“o procedimento racional e sistemático que tem como objectivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos (...) quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema”* (Gil, 1996, p.19). Diz-se que um problema é de natureza científica *“quando envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis (...) susceptíveis de observação ou de manipulação”* (Gil, 1996, p.27).

A formulação de um problema pode decorrer de *“interesses práticos referentes à predição de acontecimentos, com vistas a planear uma acção adequada”* (Gil, 1996, p.28).

Segundo Quivy (1992, p.13) *“A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido. Primeiro o estudo dos terrenos, depois a perfuração (...) Importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real (...) no seu sentido mais lato, um método de trabalho”*.

Para *“apresentar um estudo honesto sobre uma questão particular, continua a ser indispensável tomar conhecimento de um mínimo de trabalhos de referência sobre o mesmo tema ou, (...), sobre problemáticas que lhe estão ligadas”* Quivy (1992, p.49).

No entanto, para evitar a *bulimia livresca* é importante *“seleccionar muito cuidadosamente um pequeno número de leituras e de se organizar para delas retirar o máximo proveito”*

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Quivy (1992, p.49). “O objectivo é, (...), fazer o ponto da situação acerca dos conhecimentos que interessam para a pergunta de partida” Quivy (1992, p.50).

Para Quivy (1992, p.22) “... Não há bom trabalho que não seja uma procura sincera da verdade. Não a verdade absoluta, estabelecida de uma vez por todas pelos dogmas, mas aquela que se repõe sempre em questão e se aprofunda incessantemente devido ao desejo de compreender com mais justeza o real em que vivemos e para cuja produção contribuimos”. É importante estudar o problema porque, não está estudado e, é importante compreender a rede social, de apoio, porque há indícios de descontinuidade (lacuna), de cuidados, quando a pessoa tem alta hospitalar.

Citando Quivy (1992, 91) “A problemática é a abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adoptar para tratar o problema posto pela pergunta de partida”.

Segundo Quivy (1992, p.101) “Escolher uma problemática é pois, ao mesmo tempo, definir exactamente o objecto de investigação” neste caso a rede de apoio social “e optar por um modo de abordagem deste objecto “, nesta situação em concreto o estudo de caso das pessoas submetidas a artroplastia da anca, por meio da análise de redes sociais, ou mais concretamente, de redes pessoais.

É importante compreender a rede para perceber qual é a lógica da mesma em termos de regularidades e concluir quem é que assegura a continuidade dos cuidados de saúde após a alta clínica e, saber como será possível intervir naquele contexto ou em outros semelhantes. Faz-se investigação para conhecer e, conhecer para aplicar.

5.2 - Pergunta de investigação

A investigação é um “...processo sistemático que permite examinar fenómenos com vista a obter respostas para questões precisas que merecem uma investigação” (Fortin, 2003, p.17).

Partindo da pergunta de investigação, defini o objectivo geral, para dar resposta à pergunta de investigação.

As perguntas de investigação foram:

- Qual é a dinâmica da rede de apoio social das pessoas submetidas a artroplastia da anca após a alta clínica?

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- *Como funciona a dinâmica da rede de apoio social das pessoas submetidas a artroplastia da anca após a alta clínica?*

5.2.1 - Pergunta de investigação – objetivos

A pergunta de investigação (partida) constituiu uma preocupação pessoal, uma irritação, como ponto de partida, do problema de investigação.

A pergunta de partida servirá como fio condutor para, com a ajuda do trabalho exploratório (leituras, entrevistas), definir a problemática de pesquisa (Quivy, 1992). Segundo Gil (1996, p.30) *“ao formular perguntas sobre o tema, provoca-se a sua problematização”*.

Segundo Quivy (1992, p.20) *“ Só é possível escolher uma técnica de pesquisa quando se tem uma ideia da natureza dos dados a recolher. Isto implica que se comece por definir bem o projecto”*.

Para a pergunta de investigação *“...a experiência revelou ser muito eficaz (...) enunciar o projecto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor”* Quivy (1992, p.30). Para responder à pergunta de investigação foram enunciados os seguintes objetivos:

- Objectivo geral: conhecer as dinâmicas/lógicas da rede de apoio social dos doentes submetidos a artroplastia da anca;
- Objectivos específicos: a) conhecer as dimensões da rede, tais como o tamanho e a densidade;
- b) Conhecer a estrutura da rede, tendo como exemplo a medida de centralidade;
- c) Identificar dinâmicas na prestação do apoio social, estabelecendo comparações entre a rede de cada indivíduo;
- d) Identificar dinâmicas na relação hospital-rede de apoio social do doente (família, amigos, vizinhos, outras solidariedades).

5.2.2 - Características da pergunta de partida

Não há perguntas de investigação perfeitas. Porém, “... *uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela, e em particular deve ser possível fornecer elementos para lhe responder*” Quivy (1992, p. 33):

“...para poder ser tratada, uma boa pergunta de partida terá de ser precisa (...) unívoca e tão concisa quanto possível” Quivy (1992, p. 34).

“...deve ser realista, isto é, adequada aos recursos pessoais, materiais e técnicos em cuja necessidade podemos imediatamente pensar e com que podemos razoavelmente contar(...) não deverá ser moralizadora. Não procurará julgar, mas sim compreender (...) não deve ser de ordem filosófica” Quivy (1992, pp. 35-37-38).

“...uma pergunta aberta, o que significa que várias respostas diferentes devem poder ser encaradas a priori e que não se tem a certeza de uma resposta preconcebida (...)abordará o estudo do que existe ou existiu, e não o daquilo que ainda não existe(...)terá uma intenção compreensiva ou explicativa” Quivy (1992, pp. 39-40-41).

Em resumo, uma pergunta de partida deve ser clara (precisa, concisa e unívoca); exequível (realista) e pertinente ou seja, abordar o estudo do que existe, ter uma intenção compreensiva ou explicativa em vez de filosófica ou moralizadora (Quivy, 1992)

6 - NATUREZA DO ESTUDO

Segundo Gil (1996, p.19) a “*pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até à satisfatória apresentação dos resultados*”.

O tipo de estudo é o Estudo de Caso de carácter exploratório, descritivo com uma abordagem quanti/qualitativa.

Segundo Gil (1996, p. 45) “*As pesquisas exploratórias têm como objectivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. (...) Têm como objectivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (...) na maioria dos casos assume a forma (...) de estudo de caso*”. É escolhido quando o problema é pouco explorado.

Segundo Gil (1996, p. 45) *“As pesquisas descritivas têm como objectivo (...) a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou (...) o estabelecimento de relações entre variáveis. (...) ou estudos (...) e uma das características (...) está na utilização de técnicas (...) como o questionário e a observação sistemática”*.

Segundo Gil (1996, p.46) *“algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”*.

O estudo de caso tem maior utilidade nas pesquisas exploratórias (Gil, 1996). A sua origem deveu-se ao método introduzido por C.C. Laugdell nos Estados Unidos (ensino jurídico) e a sua difusão *“está ligada à prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo (...) ao trabalho dos assistentes sociais junto a indivíduos, grupos e comunidades”* (Gil, 1996, p.59). O estudo caso, usa-se atualmente, na investigação das mais diversas áreas de conhecimento.

Esta investigação operacionalizou-se por meio de um estudo de caso, que segundo Yin (2010, p.32) *“o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidos”*.

Segundo Gil (1996, p.58) *“o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objectos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”*.

O estudo de caso como método de pesquisa define-se como: *“...um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação”* (Young, 1960, p. 269) citado por Gil (1996, p.59).

Segundo Yin (1998) citado por Carmo (1998, p.217) *“Em estudos de caso pode ainda estudar-se um caso único ou casos múltiplos e os dados recolhidos podem ser de natureza qualitativa, quantitativa ou ambas”*.

Nesta investigação, os dados recolhidos permitem apenas estudar a estrutura da rede social de apoio das pessoas submetidas a artroplastia da anca, numa unidade de

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

internamento, num intervalo de tempo, ou seja, estudar este caso concreto, sem poder generalizar para outros casos mas que poderá originar a novas pesquisas.

O estudo de caso não permite uma generalização estatística, nem uma extrapolação para outras realidades, mas apenas uma generalização analítica.

Na investigação científica podem ser utilizados vários métodos ou abordagens de estudo, consoante o problema que se pretende estudar. Neste caso específico, optou-se por um estudo, que tem um carácter exploratório, descritivo e, de abordagem quanti/qualitativa, dado existir pouca informação sobre esta temática. Um estudo deste tipo poderá ser um ponto de partida importante para futuras pesquisas.

Pretende-se retratar uma realidade social, neste caso, a rede social de apoio dos doentes submetidos a artroplastia da anca, com intuito essencialmente descritivo de forma a compreender a estrutura da rede social, de apoio, nesta realidade.

Fortin, (1999, p.22) classifica ainda os métodos de investigação em dois, “*os dois métodos de investigação que concorrem para o desenvolvimento do conhecimento são o método quantitativo e o método qualitativo*”. Esta dissertação inscreve-se no paradigma qualitativo, uma vez que utiliza a metodologia da análise de redes sociais.

Segundo Fortin (1999, p.22) “*o método quantitativo é um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis (...) tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento e validação dos conhecimentos; oferece também a possibilidade de generalizar os resultados, de prever e de controlar os acontecimentos*”.

Segundo Fortin (1999, p.22) “*o método de investigação qualitativa está preocupado com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ele observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los. O objectivo (...) é descrever ou interpretar, mais do que avaliar*”.

De acordo com as dimensões de análise preconizadas por Porras (2001), citado por Fialho (2008), esta investigação está estruturada pela dimensão estrutural e posicional. Nomeadamente, estrutural na medida em que, se pretende identificar o número de interações existentes entre os atores da rede em relação ao número potencial, a coesão da rede e posicional pois pretende-se estudar o posicionamento dos atores na rede, se estes são centrais, periféricos ou intermediários nas relações.

É necessário assegurar a validade e fiabilidade do estudo seja qual for a sua natureza. Segundo Carmo (1998, p.218) *“a validade interna diz respeito à correspondência entre os resultados e a realidade (...). A fiabilidade diz respeito à replicação do estudo (...) assegurar que os resultados obtidos seriam idênticos ao que se alcançariam caso o estudo fosse repetido”*.

7 - TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS

O universo ou a população alvo em estudo incide sobre as pessoas/doentes submetidos a artroplastia total da anca (ATA) ou artroplastia parcial da anca (APA), no ano de 2013, no Serviço de Ortopedia do Centro Hospitalar Lisboa Norte – EPE – Pólo Hospital de Santa Maria.

Foram recolhidos dados das cirurgias efetuadas nos últimos 4 anos, anteriores ao estudo, desde 2008, inclusive, a 2011 e sendo que 10% desse universo (média de, aproximadamente, 200 cirurgias) constitui uma amostra de 14 doentes submetidos a ATA e 6 doentes submetidos a APA. O total da amostra de 20 pessoas é 10% do valor total da média das cirurgias nos 4 anos anteriores a este estudo.

O instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário sociométrico que permite recolher em simultâneo dados relacionais e dados sobre os atributos dos atores.

Para Bravo (2001, p.307) *“a finalidade do inquérito é obter de maneira sistemática e ordenada, informação da população investigada sobre as variáveis objecto da investigação”*.

A elaboração das perguntas de inquérito terá de ser feita de forma a evitar os erros clássicos do inquérito referidos nalguma bibliografia. A linguagem utilizada é de primordial importância sobretudo a *“semântica...se queremos evitar as ratoeiras provenientes das possibilidades de leitura múltipla de uma mesma mensagem”* (Ghiglione e Matalon, 1992, p.17) citado por Tavares (2007, p.84). Sabe-se que a sua boa construção depende essencialmente da prática do investigador.

Para minimizar os erros que possam surgir de incompreensão das perguntas e a fim de poderem ser corrigidas ainda numa fase reversível, ou seja, antes da sua aplicação, o investigador realiza o pré-teste (Tavares, 2007). Neste caso particular foi seguido um

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

modelo já existente e validado, pelo perito. Apliquei o instrumento de colheita de dados numa outra amostra.

O pré-teste consistiu em *“testar previamente o questionário junto de um pequeno número de indivíduos pertencentes às diversas categorias do público a que diz respeito o estudo, mas, se possível, diferentes dos que foram incluídos na amostra”* (Quivy, 1992, p.173).

O pré-teste, pré-inquérito, serviu para *“garantir que as questões tenham o mesmo significado para todos, que os diferentes aspectos da questão tenham sido bem abordados”* (Ghiglione e Matalon, 2001, p.105).

Para Quivy (1992, p.173) *“permite muitas vezes detectar as questões deficientes, os esquecimentos, as ambiguidades e todos os problemas que as respostas levantam”*. Após o pré-teste não houve necessidade de corrigir qualquer aspecto.

Segundo Santos (1996, p.31) *“a realização do pré-teste é fundamental. Por muito esmero que se tenha posto no desenho, na eleição dos termos e das expressões linguísticas das perguntas, há sempre que mudar alguns termos que resultam vagos ou que não se entendem bem”*.

Para além deste aspecto há que ter em conta o tamanho do inquérito pois a finalidade de aumentar o número de perguntas para se obter mais informação pode traduzir-se em menor concentração e originar respostas aleatórias que podem enviesar os resultados (Tavares, 2007). O tempo de realização do inquérito deste estudo foi de 20-25 minutos e foram necessárias 8 perguntas, 2 perguntas para cada dimensão: económica, física, social e psicológica.

Para a dimensão económica as perguntas relativamente à ajuda financeira foram: - Quando está doente, **sente-se mais à vontade** para pedir ajuda financeira a quem?

- **Quem o deveria** ajudar financeiramente?

Para a dimensão social, a ajuda na divisão das responsabilidades - Quando está doente, **quem o/a ajuda nas tarefas** do seu dia-a-dia?

- **Quem o/a deveria** ajudar **nas tarefas** do seu dia-a-dia?

Para a dimensão física, a informação prestada ao indivíduo e as questões - **Quem o ajuda** a compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença?

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- **Quem o deveria ajudar** a compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença?

Para a dimensão psicológica, a ajuda psicossocial e as questões - Quando está doente, **a quem recorre para conversar** sobre a sua doença?

- Quem **deveria estar disponível para conversar** consigo sobre a sua doença? (Ver Anexo I).

Segundo Santos (1996, p.31) *“por muito cuidado que se ponha na duração da aplicação de um módulo de perguntas reticulares (...) os inquiridos são humanos e cansam-se (...) a técnica do questionário é assim: não toda a informação, embora de muita gente”*.

O inquérito pode ser aplicado por entrevista ou por questionário autoadministrado (autopreenchimento). As desvantagens do inquérito aplicado por entrevista são a possibilidade de enviesamento das respostas, na presença do investigador, mas, por outro lado, há maior controlo do processo comparativamente às respostas por questionário (Tavares, 2007).

8 - DETERMINAÇÃO DA DIMENSÃO DA AMOSTRA

Para determinar a dimensão da *amostra* *“não basta saber que tipos de dados deverão ser recolhidos. É também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo”* (Quivy, 1992, p.159) de uma população, sendo que no sentido mais lato a palavra população entende-se como *“o conjunto de elementos constituintes de um todo”* (Quivy, 1992, p.162).

Segundo o autor (1992, p.160) *“o campo de análise deve ser muito claramente circunscrito”*. A unidade de análise foram os utentes submetidos a artroplastia da anca e o contexto de investigação, o serviço de ortopedia do CHLN, pólo HSM.

A rede social de uma pessoa pode ser muito grande *“...temos que restringir a rede pessoal do sujeito investigado a um subconjunto de pessoas que sejam as que estão mais próximas do inquirido”* (Santos, 1996, p.21).

Segundo Santos (1996, p. 16-17) *“ a rede pessoal de um actor consiste num subconjunto obtido de entre todos os demais N -1 actores do sistema com os quais o actor tem conexão directa (Knoke e Kuklinski, 1982, p. 51). Este subconjunto não se rompe se se*

*pergunta pela sua existência e natureza ao respondente. Tal subconjunto, que é a **rede pessoal**, também se chama **estrela de primeira ordem**, **estrela primária** ou **zona de primeira ordem**”.*

Segundo Santos (1996, p. 18) “o ponto central da estrela é o ego ou respondente do questionário. Os raios da estrela são os vínculos que o unem com outras pessoas (...) a rede pessoal (ou egocêntrica) é aquela que abarca a zona de primeira ordem (...) junto com as zonas subsequentes, formam a rede social global do indivíduo (...) para estudá-la há que construir a matriz total das relações. A rede global analisa-se mediante a técnica chamada *Análise de Redes Sociais*”.

Segundo Santos (1996, p.21) “há que delimitar a rede a essa zona de primeira ordem: isto é, aquela parte da rede que tem forte influência na configuração do mundo social do inquirido (...) identifica os membros da rede perguntando aos inquiridos sobre os nomes (sem apelidos - atenção ao anonimato) das pessoas que participam num determinado contexto com o inquirido”: Inquérito Gerador de Nomes.

Segundo Santos (1996, p.25) “As perguntas sobre redes devem fazer referência ao núcleo exacto da rede. Os nomes que surjam como respostas às perguntas que desenhemos têm que fazer referência às pessoas chave na vida dos inquiridos. (...) *Relações com alta probabilidade de intercâmbio entre os actores (...) em relações actuais (...). O importante é o presente imediato ou um passado tão próximo que tenha efeitos nas circunstâncias vitais do inquirido*”.

O núcleo da rede segundo Santos (1996, p.25) “pode-se identificar mediante o emprego de certos tipos de perguntas:

Pergunta que façam referência à necessidade indispensável de algum recurso. Por exemplo: se se necessita pedir uma determinada quantidade de dinheiro para uma emergência a quem o pede? (ao banco, a uma entidade de crédito ou a alguém – a quem?).

Perguntas relativas a necessidades de ajuda quotidiana. Por exemplo: se se necessita mover um móvel ou algo do estilo. A quem se pede numa circunstância deste tipo?”.

Segundo Santos (1996, p.26) “o conceito de núcleo da rede é interessante por várias razões. Em primeiro lugar, está muito próximo de proporcionar operativamente a rede

peçoal real do inquirido. Em segundo lugar, de acordo com a teoria do intercâmbio, há uma alta probabilidade de que as pessoas que formam parte desse núcleo reticular influam sobre as atitudes e a conduta do ego em que está ancorada a rede: o inquirido”.

Segundo Santos (1996, p.28) *“uma vez identificados os membros componentes da rede pessoal (...) convém saber o conteúdo da relação entre os inquiridos e os membros da rede. São vizinhos, familiares, companheiros de trabalho ou algumas destas relações simultaneamente”.*

Segundo Quivy (1992, p.161) *“à totalidade destes elementos, ou das unidades constitutivas do conjunto considerado chama-se população, podendo este termo designar tanto um conjunto de pessoas, como de organizações ou de objectos de qualquer natureza (...) uma vez delimitada uma população (...) nem sempre é possível, ou sequer útil, reunir informações sobre cada uma das unidades que a compõem”.*

Neste estudo de caso estudou-se uma amostra para estudar componentes não estritamente representativas, mas características da população. Segundo (Ghiglione e Matalon, 2001, p.58) *“é necessário substituir a noção global de representatividade por uma noção mais ampla, a de adequação da amostra aos objectivos estabelecidos”.*

Sendo algo longo, dispendioso, impossível e inútil inquirir toda a população uma vez que *“é possível obter as mesmas informações, com uma certa margem de erro, erro calculável”* (Ghiglione e Matalon, 2001, p.29) inquirindo um número restrito de pessoas com características idênticas às da população.

8.1 – Tipo de amostragem

O processo de selecção da amostra (método de amostragem) foi amostragem por conveniência ao invés da aleatória simples.

Para (Ghiglione e Matalon, 2001, p.31) *“as amostras ditas aleatórias, ou estatísticas, obtêm-se por um sorteio que respeite a condição de definição das amostras representativas: actuar de forma a que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de fazer parte da amostra”.*

Segundo Hicks (2006, p.27) *“o principio fundamental, que sustenta a recolha aleatória simples de uma amostra, é o de cada elemento da população alvo ter igual probabilidade de ser seleccionado para o estudo”.*

A amostragem aleatória simples é uma amostragem probabilística em que “*cada elemento de uma dada população tem uma igual probabilidade de ser seleccionado*” Carmo (1998, p.192).

Segundo Santos (1996, p.16) “*do ponto de vista reticular, um dos inconvenientes mais graves do método de amostragem aleatório (...) é que as relações sociais entre os indivíduos se rompem, devido ao método de eleição dos elementos da amostra, que obtém a informação retirando os sujeitos do grupo a que pertencem (...) por este motivo, recorreu-se ao conceito de rede pessoal como a rede de relações que parte de um ego determinado (respondente)*”.

Este tipo de amostragem permite eliminar o enviesamento no entanto não há garantia de que a amostra seja representativa.

A amostragem por conveniência foi a forma mais eficaz de colheita dos dados. Na amostragem por conveniência utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários, no estudo exploratório (Carmo, 1998). Envolve a selecção, de entre toda a população, das pessoas mais acessíveis.

8.2 - Propriedades reticulares

Segundo Santos (1996, p.29) “*há um conjunto de variáveis que se podem obter através de itens de pergunta. As principais são: **categoria, densidade, intermediação e agrupamento***”.

A definição mais comum de **categoria** “*é o número de pessoas às quais tem acesso o respondente. Mede-se (...) 1) número de alteres; isto é, o número de nomes citados no gerador de nomes ou número de nomes de pessoas que o respondente nomeia ou escreve numa lista (...)*” (Santos, 1996, p.29).

Segundo Santos (1996, p.29) a categoria “*faz referência a vínculos simétricos ou a vínculos nos quais não se especifica a direcção (...) se não há menção específica do tipo de categoria, está-se fazendo referência à categoria de saída. Os vínculos partem do ego até aos alteres (...) pode falar-se de categoria de entrada quando os vínculos chegam ao ego desde diferentes áteres*”. A rede de entrada e saída refere-se à categoria de entrada e saída.

Segundo Santos (1996, pp.29-30) a **densidade** “é a interconexão entre os membros da rede (...) operacionaliza-se como a proporção de vínculos existentes de todos os vínculos possíveis. No caso das redes pessoais aponta para o facto de que as pessoas vinculadas com o ego estão (e em que proporção) vinculadas entre si”.

A **intermediação**, segundo Santos (1996, p.30) “é um indicador de centralidade, e por conseguinte de poder e controlo (...) é possível que o inquirido tenha uma posição que possa conectar dois indivíduos isolados entre si (...) a força da intermediação diminui quando os alteres são socialmente homogêneos e fortemente conectados”.

O **agrupamento** segundo Santos (1996, p.30) “é uma variável cuja finalidade é semelhante à da intermediação, no sentido em que se podem diferenciar os áteres que estão fortemente conectados ao inquirido e, por sua vez, entre si, dos que não estão, formando um subgrupo. Consegue-se combinando os itens da densidade com os da força do vínculo entre alteres”.

As variáveis intermediação e agrupamento proporcionam uma medida social ao nível micro, porém, se realizadas numa população de maior tamanho, tem implicações sobre a integração ao nível macro (Santos, 1996).

Por fim, e não menos importante, como refere Santos (1996, p.31) é “o facto de questionar o inquirido (ego da rede) acerca do máximo de atributos possíveis dos seus áteres (pessoas nomeadas): sexo, educação, ocupação, ideologia política, religião, etc. (...) pode-se obter uma ideia clara de como podem influenciar as diferentes categorias de áteres (em função de determinados atributos) sobre determinada característica do inquirido”.

9 – CONSTRUÇÃO, VALIDAÇÃO E APLICAÇÃO

Segundo Quivy (1992, p.111) “à elaboração dos conceitos chama-se conceptualização. Constitui uma das dimensões principais da construção do modelo de análise”.

Para o autor (1992, p.122) “A conceptualização é mais do que uma simples definição ou convenção terminológica. É uma construção abstracta que visa dar conta do real”.

Citando Quivy (1992, p.186) “A observação indirecta, por meio de questionário ou de guião de entrevista, deve vencer a resistência natural ou a inércia dos indivíduos. Não basta conceber um bom instrumento, é preciso ainda pô-lo em prática de forma a obter

uma proporção de respostas suficiente para que a análise seja válida”. Depois da primeira versão do questionário ficar redigida é necessário garantir a sua aplicabilidade no terreno e, avaliar se está de acordo com os objetivos do estudo. Após esta fase, procedeu-se à análise dos dados recolhidos. Esta fase refere-se a encaminhar o questionário para peritos na área. Esses peritos, individualmente, ajuízam os itens, e analisam se estes se referem ao que realmente se pretende avaliar com o instrumento (Pires, 2010). Segundo (Fortin, 2003, p.253) *“Terminada a primeira redacção do questionário, é altura de submeter esta versão à discussão e à crítica de outras pessoas peritas no conteúdo, na arte de construir um questionário, e capazes de detectar os erros técnicos e gramaticais. É a seguir a esta primeira revisão que deve ser efectuado um pré-teste”*.

Para a realização desta etapa, a versão do questionário foi encaminhada e solicitada a colaboração de um perito doutorado em sociologia com trabalhos na área da análise de redes sociais, a fim de avaliar a adequação do conteúdo do mesmo ao tema a ser investigado. Após a apreciação do questionário o perito sugeriu a inclusão da dimensão psicológica, *“enquanto especto psicossociológico essencial à (re) integração social do doente após a vivência de uma situação patológica e em alguns casos limitadora”*.

Foi realizada a carta de pedido de autorização ao Exmo. Sr. Presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar Lisboa Norte – Pólo Hospital de Santa Maria (Ver Anexo II) tendo sido autorizada a sua aplicação (Ver Anexo III).

Segundo (Ghiglione e Matalon, 2001, pp.155-156) *“quando uma primeira versão do questionário fica redigida (...) é necessário garantir que (...) seja de facto aplicável e que responda (...) aos problemas colocados pelo investigador. O conjunto destas verificações constitui os pré-testes (...). Quando acabamos de redigir um questionário podemos interrogar-nos sobre os seguintes aspectos”*:

- Se as questões são compreendidas da mesma forma por todos e, da forma como o investigador previu;
- Se há questões muito difíceis ou inúteis;
- Se as questões fechadas cobrem todas as respostas possíveis;
- Se as respostas serão aceites pelas pessoas ou haverá recusas;

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

- Se ordem das questões é aceitável ou haverá passagens de um assunto para outro de forma inesperada ou, se algumas respostas influenciam as questões;
- Se o questionário é *“muito longo, aborrecido, difícil, indirecto, parcial”* (Ghiglione e Matalon, 2001).

De acordo com Fortin (2003, p.253) *“o pré-teste consiste no preenchimento do questionário por uma pequena amostra que reflecta a diversidade da população visada (...), a fim de verificar se as questões podem ser bem compreendidas”*. O pré teste deverá ser aplicado numa amostra semelhante à do estudo, no entanto, nunca deverá ser aplicado à população alvo.

Segundo (Ghiglione e Matalon, 2001, pp.121-156) *“Quando se concebe um questionário é importante conservar uma atitude empírica. Perante duas formulações (...) para uma mesma questão, (...) é preferível testá-las, ou seja, coloca-las a uma pequena amostra e analisar as respostas que cada forma suscita (...) este procedimento constituirá uma pequena entrevista não directiva, cujo tema seria a questão do questionário”*.

Como referido anteriormente, o questionário foi aplicado a uma amostra de conveniência. Na amostragem de conveniência utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários, no estudo exploratório (Carmo, 1998). Envolve a selecção, de entre toda a população, das pessoas mais acessíveis, neste caso, 5 doentes, intencionalmente, pertencendo a diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, géneros e diferenciação socioprofissional, com a finalidade de realizar a análise semântica que consiste em verificar se, os itens dos questionários são inteligíveis para todos os inquiridos.

E como referem Pires et al (2010), os instrumentos devem ser sujeitos a um estudo piloto cujos participantes partilhem características semelhantes com a população futura a que se destina aplicar. Os estudos piloto são de extrema importância, segundo Santos (1996, p.31), *“ a realização do pré-teste é fundamental. Por muito esmero que se tenha posto no desenho, na eleição dos termos e das expressões linguísticas das perguntas, há sempre que mudar alguns termos que resultam vagos ou que não se entendem bem”*.

As perguntas do inquérito são simples, claras e fáceis proporcionando uma resposta rápida. Apenas poderia haver o problema nas ambiguidades inerente aos conceitos de

divisão de responsabilidades e ajuda para compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença.

Quando se aplicou o questionário foi feita a monitorização junto dos doentes de forma a eliminar as possíveis ambiguidades na interpretação dos conceitos e conceções contidas nas perguntas. Assim foi explicado, a cada inquirido, que quando se pergunta, relativamente à divisão de responsabilidades deve referir: quem o/a ajuda nas tarefas de casa, faz as compras, vai levar/buscar os netos à escola, vai ao banco, quando não está ou está impossibilitado/a de as realizar.

Relativamente à conceção *ajuda para compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença*, foi identificado a necessidade de definir e explicar ao inquirido que deve referir quem o/a ajuda a compreender o que é a sua doença, qual o prognóstico, que exames irá fazer em que dia e onde, como marcar os exames e consultas, que hábitos de vida deve alterar, quem o informa quanto às ajudas existentes dentro da organização e na comunidade, etc.

Foram retiradas algumas notas de campo, para melhor interpretação das relações.

Quanto às perguntas referentes à caracterização da amostra, na pergunta *Onde reside?* Optou-se por registar apenas se residia, numa cidade, vila, aldeia para não identificar o inquirido através da sua residência e salvaguardar o anonimato.

O pré-teste permite verificar as condições em que o questionário deverá ser aplicado. Dado a natureza das perguntas e as possíveis dúvidas que poderiam advir, foi importante encontrar um local que oferecesse privacidade e minimizasse as interferências.

Os questionários foram aplicados no local de trabalho. O investigador não sentiu necessidade de os aplicar noutra local, uma vez que, com os inquiridos, já havia criado uma relação de confiança. Os inquiridos assinaram o respectivo consentimento informado (Ver Anexo IV).

9.1 - Inquérito por questionário sociométrico - Gerador de Nomes

Segundo Carmo (1998, p.215) *“sociometria consiste na avaliação e análise das relações interpessoais dentro de um dado grupo de sujeitos (...) são representadas num gráfico denominado sociograma (...) na sua construção poderá (...) utilizar-se diferente simbologia e este poderá apresentar diversas formas. Um sociograma mostra aqueles*

que são escolhidos por muitos membros do grupo, aqueles que ninguém escolhe e pequenos grupos cujos membros se escolhem mutuamente”.

Segundo Carmo (1998, p.215) *“as técnicas sociométricas são utilizadas com fins práticos ou para investigação no caso de se pretender estudar relações entre membros de um grupo e características comportamentais”.*

Segundo Santos (1996, p.17) *“a técnica para a obtenção de (...) dados reticulares consiste em perguntar ao respondente pelas suas relações”.*

Para *“descrever correctamente as redes das pessoas numa entrevista breve (...) equivale à consideração das implicações que implica adoptar uma definição conceptual e operativa de rede que funcione correctamente num questionário”* (Santos, 1996, p.11).

O instrumento de observação, na observação indirecta, é um questionário ou um guião de entrevista. Segundo Quivy (1992, p.166) *“o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção de informação (...) não é recolhida directamente, sendo (...) menos objectiva (...) dois intermediários entre a informação procurada e a informação obtida (...) duas fontes de deformações e de erros que será preciso controlar para que a informação obtida não seja falseada”.*

Segundo Santos (1996, p.12) para a descrição precisa da rede é necessário *“desenvolver questionários standardizados (...) que possam administrar-se por um investigador em tempo razoável de duração de um questionário, e que possam ser facilmente tabulados e codificados para a sua introdução numa base de dados e seu posterior tratamento estatístico”.*

Segundo Santos (1996, p.12) os dados *“referem-se às redes dos inquiridos e aos atributos dos seus membros, e não às redes sociais globais no sentido da «análise de redes estruturais», ao estilo de White, Boorman e Breiger (1976) ou da sociometria mais tradicional (Moreno, 1940) ”*, ou seja, referem-se ao estudo das egoredes.

Os dados reticulares *“procedentes de inquérito são uma representação do «mundo social» dos inquiridos e não a rede global do sistema social em que vive a população”* (Santos, 1996, p.12).

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Segundo Santos (1996, p.13) *“embora os atributos e as relações sejam aproximações conceptualmente diferentes sobre a realidade social, (...) tais opções não são nem opostas nem exclusivas. Muito pelo contrário, muitos dos aspectos da conduta social se podem estudar de ambas as perspectivas”*.

Segundo Santos (1996, p.14) a rede pessoal, rede egocêntrica, ou seja, a rede concreta e imediata de cada actor *“consiste em todos os vínculos que chegam e partem directamente do sujeito. Este conceito também se denomina «rede social egocêntrica», «rede egocêntrica» ou, simplesmente, «rede pessoal». Esta rede descreve o ambiente social ou «mundo social» de um actor ou sujeito”*.

Na rede egocêntrica, uma rede centrada exclusivamente numa pessoa *“os objectivos são os vínculos que rodeiam cada unidade de amostragem”* (Santos, 1996, p.14), isto é, cada unidade de análise (utentes submetidos a artroplastia da anca – estudo das egoredes).

É importante para o investigador, para além de saber os nomes, saber quais são *“as propriedades da rede pessoal e a sua estrutura interna e não apenas quem são os membros que a compõem”* (Santos, 1996, p.18).

A investigação operacionalizou-se através de questionário sociométrico gerador de nomes. Existem 5 tipos diferentes de geradores de nomes: o de Lauman, 1973; Fischer, 1982; Requena, 1991; Willmott, 1987 e o General Social Survey.

Um gerador de nomes, segundo Santos (1996, p.35), *“ é qualquer pergunta do questionário desenhada de tal forma que proporciona uma serie de nomes de pessoas relacionadas através de algum vínculo com o inquirido”*. O questionário é constituído por perguntas geradoras de nomes.

A título de exemplo menciona-se O gerador nº1 Lauman, (1973) cuja investigação teve como objectivo *“demonstrar que as relações dos sujeitos, - fundamentalmente os amigos - têm grande importância para explicar determinados traços no comportamento e atitudes das pessoas”* (Santos, 1996, p.36). O gerador de Lumann baseia-se numa pergunta acerca de quem são os três amigos considerados mais íntimos do inquirido, utilizou o seguinte item.

“ Agora poderia pensar em três homens que sejam amigos mais íntimos e a quem vê muito frequentemente. Podem ser parentes ou não, como queira” (Santos, 1996, p.35).

É um bom gerador de relações simples tem a limitação de reduzir as relações a um único tipo de vínculo “ *o único problema reside na ambiguidade inerente à concepção de “amigo íntimo (...) tem a limitação de reduzir as relações a um único tipo de vínculo: a amizade (...) a três amigos mais íntima não representa (...) não são representativos das outras relações que podem formar a rede pessoal mais imediata de um sujeito”* (Santos, 1996, p.36).

Foi necessário construir um gerador de nomes que se adaptasse e respondesse aos objectivos do estudo. Existem diferentes tipos de geradores de nomes como já foram mencionados e todos apresentam vantagens e limitações. No entanto, de acordo com Santos (1996) qualquer investigador pode usá-los directamente ou com algumas modificações, segundo as suas próprias necessidades.

Nesta investigação o instrumento de pesquisa apresenta duas partes: a Parte A, destina-se à caracterização sociodemográfica dos inquiridos. Os itens sócio demográficos foram: a idade, o género, estado civil, situação profissional, residência, grau de ensino concluído, quem é o respondente e, tipo de cirurgia.

Deste modo como refere Santos (1996, p.34) “*pode-se examinar a relação da variável considerada com determinadas variáveis independentes: características sociais ou demográficas, nível educativo, (...) ocupação, idade, etc. Estas variáveis não são só variáveis independentes correlacionadas entre si, mas também algumas de elas podem ser qualitativas (por exemplo o sexo)”*.

A técnica de análise de classificação múltipla, segundo Santos (1996, p.34) “*Trata-se de uma técnica que se pode usar para examinar a relação entre uma variável independente e uma variável dependente ou as relações entre cada um dos conjuntos de variáveis independentes e uma variável dependente”*.

A parte B refere-se à rede de apoio social das pessoas submetidas a artroplastia da anca. As perguntas do questionário visam conhecer, quais as relações que os diferentes actores na rede do inquirido estabelecem com este, nas 4 dimensões: ajuda financeira, ajuda na divisão de responsabilidades, ajuda física e ajuda psicossocial, para posteriormente identificar padrões de relacionamento e medir a coesão e homogeneidade da rede.

Segundo Molina (2001), os métodos de recolha de dados utilizados na análise de redes sociais são: questionários, entrevistas em profundidade, observação e registos documentais. Os questionários, segundo Molina (2001, p.73), podem classificar-se em:

“Lista fechada de pessoas (organizações, eventos, etc.) no qual se pede à pessoa que responde que identifique se existem relações (ou de que tipo) com cada um dos membros da lista;

Lista livre de pessoas, no qual se pede à pessoa que nomeie livremente as pessoas com as quais tem relação”.

Para o autor (2001, p.73) o que se pretende “é identificar relações directas entre as pessoas que respondem e os membros de uma lista fechada ou aberta”. Estas técnicas podem-se combinar pedindo primeiro à pessoa uma lista livre, para depois elaborar uma lista fechada.

Em alternativa, segundo Molina (2001, p.73) “consiste em pedir a uma pessoa que não somente nos diga, qual é a sua relação com as pessoas da lista, mas também informe quais são na sua opinião as relações existentes entre as pessoas da lista (matriz «quem conhece a quem») ”.

Segundo Molina (2001, p.74), existem outros tipos de questionários baseados na eleição de membros de uma lista como: “Escolher um número livre de pessoas de uma lista fechada; Escolher um número limitado de pessoas de uma lista fechada; Ordenar a lista em um ranking segundo um critério preestabelecido e valorização das relações estabelecidas com os membros de uma lista fechada”.

Nesta investigação, optou-se por uma lista livre de pessoas/entidades que proporcionam apoio ao inquirido nas quatro dimensões. É pedido ao inquirido que mencione o nome/entidade e refira qual o tipo de relação que estabelece com o nomeado. Assim, além de conhecermos a rede de apoio social do inquirido será possível, identificar a rede formal e informal pelo tipo de resposta obtida.

Segundo Molina (2001, pp.73-74) “estes tipo de investigação interferem com a fadiga dos inquiridos (o limite seria 30 itens), (...) há que ter em conta que relações são poder e que nem todas as pessoas estão dispostas a revelar quais são as suas relações. Portanto, é

conveniente informar adequadamente quais os objectivos da investigação, assegurar a confidencialidade dos dados e trabalhar com pessoas voluntárias”.

Na recolha de dados, assim como em todo o processo, foram cumpridos os procedimentos éticos e legais, em conformidade com a Declaração de Helsinki de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos. Foi explicado, a cada inquirido, antes da aplicação do inquérito, o objectivo do estudo e, garantido o sigilo e a confidencialidade dos dados. Após este procedimento foi disponibilizado ao inquirido o consentimento informado, para assinar, caso concordasse participar no estudo (Ver Anexo IV).

10 – ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

Segundo Quivy (1992, p.187) *“os inquéritos por questionário são acompanhados por métodos de análise qualitativa, os métodos de entrevista requerem habitualmente métodos de análise de conteúdo, que são muitas vezes, embora não obrigatoriamente, qualitativos”.*

Bogdan e Biklen (1994, p.205) citados por Fialho (2008, p.177) referem-se à análise de dados como *“o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”.*

Reporta-se Quivy (1992, p.216) *“A análise das informações, compreende múltiplas operações, (...) três delas constituem, em conjunto, uma espécie de passagem obrigatória: primeiro a descrição e a preparação (agregada ou não) dos dados necessários (...); depois a análise das relações entre as variáveis; por fim, a comparação dos resultados observados ...”.*

Para o autor (1992, p.217) *“os dados que constituirão o objecto da análise são as respostas-informações obtidas para cada indicador durante a observação. Estes dados apresentam os diferentes estados de uma variável. (...) 30 anos é um estado ou uma modalidade da variável idade”.*

Citando o mesmo autor (1992, p.217) *“Chama-se variável a todo o atributo, dimensão ou conceito susceptível de assumir várias modalidades. Quando um conceito apenas tem um único atributo ou indicador, a variável identifica-se com o atributo (por exemplo, a idade).*

Quando um conceito é composto por várias dimensões ou atributos, a variável é o resultado da agregação das dimensões e atributos”.

Segundo Quivy (1992, p.219) *“Os processos de análise ou de agregação das variáveis são muito diferentes, consoante os problemas colocados e as variáveis em jogo. Além disso, cada método de análise das informações implica procedimentos técnicos específicos (...) Trata-se, no entanto, em todos os casos, de revelar a independência, a associação (correlação) ou a ligação lógica que pode existir entre variáveis ou combinações de variáveis”.*

Para a análise de dados deste estudo utilizou-se fundamentalmente uma metodologia qualitativa de análise de redes baseada no modelo de investigação realizado por Portugal (2007) em que se trataram os dados numa lógica de análise de conteúdo. Apesar de ter recorrido a uma análise qualitativa, há uma panóplia de programas para a análise e visualização de redes. O programa de análise Ucinet 6⁷ - versão 6.378 e o programa Netdraw versão 2.28. O programa funciona em ambiente Windows e *Netdraw*, disponível em <http://www.analytictech.com/ucinet.htm>.

Nos programas de uso geral, de análise e visualização de redes, destacam-se: o *Multinet*, *Pajek* e *Ucinet*.

A *Multinet* tem como característica integrar no mesmo programa um pacote estatístico *standard* e um pacote de análise de redes, o qual permite combinar análises de dados dos atributos e relacionais (Molina, 2001).

Pajek está desenhado para gerir grandes redes, segundo Molina (2001, p.95) *“trabalhar com redes completas, com partições, permutações ou clusters (...) apresenta uma complexa gama de opções para a manipulação e transformação de grafos, assim como para a sua análise. Contudo, não é possível realizar operações à escala multidimensional ou CONCOR, como permite o Ucinet (...) uma das principais vantagens de Pajek é a sua possibilidade de visualizar grafos de maneira dinâmica e modifica-los. É possível exportar diferentes formatos gráficos, (...) os ficheiros que utilizam o programa MAGE, um programa de análise molecular de grande utilidade para a análise de redes sociais”.*

Ucinet é o programa de análise de redes sociais mais utilizado. O Ucinet permite a gestão de matrizes e grafos; transformação de matrizes e grafos (normalização, simetrizar,

⁷ Versão mais recente

gestão das diagonais, etc.); ferramentas de análise de dados (escala multidimensional, clusters, estatística, álgebra de matrizes, etc.); ferramentas para a análise de redes tais como rotinas de coesão (cliques, n-clan, K-plex), de equivalência estrutural (CONCOR, equivalência regular), de centralidade e transitividade (Molina, 2001, p.94).

Partimos da rede de relações, para as diferentes matrizes, sendo considerada como a rede de relações de ajuda, o número de alteres isto é, o número de nomes de pessoas/entidades citados no gerador de nomes pelo inquirido, para as diferentes matrizes: Ajuda financeira, ajuda na divisão de responsabilidades, ajuda física prestada ao indivíduo e ajuda psicossocial. Para obtermos a análise mais detalhada das características da rede e de cada uma das suas componentes, teremos que recorrer à análise dos indicadores de rede. Estes indicadores podem ser calculados de forma individual (para cada nó) ou de forma conjunta (para toda a rede) conforme o quadro seguinte:

Quadro 2 – Indicadores de análise da rede

Tipo de indicador	Nó	Rede completa	Descrição
Densidade	Sim	Sim	Apresenta o valor em % da densidade da rede, ou seja, se a conectividade é alta ou baixa. A densidade é uma medida que se expressa através da percentagem do quociente entre o número de relações existente e entre as possíveis.
Centralidade	Sim	Não	O grau de centralidade assenta no número de atores aos quais um ator está diretamente ligado.
Centralização	Não	Sim	O ator exerce um papel notoriamente central e está altamente conectado na rede.
Intermediação	Sim	Sim	Trata-se da possibilidade que um nó tem para ser intermediário das comunicações entre pares de nós. Estes nós também são conhecidos por actores de ponte.
Proximidade	Sim	Sim	Trata-se da capacidade dum actor alcançar todos os nós da rede.

Fonte: Silva, Fialho e Saragoça (2013)

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Segundo Rodriguez (1995, p.61) relativamente à representação espacial das redes” as *representações gráficas das redes (...) baseadas na teoria dos grafos, significaram apresentar as estruturas sociais de forma significativa e clara*”. Segundo o autor, o único programa que existe é o *KrackPlot*.

Existem programas de visualização como *KrackPlot*, *Mage*, *Moviemol* (Molina, 2001) e *NetDraw*.

O Programa *KrackPlot*, relacionado com o Ucinet permite representar e analisar redes relativamente grandes, tanto direcionadas como recíprocas, de acordo com Molina (2001) a sua principal vantagem reside nas alternativas automáticas da representação dos dados.

Os programas *Mage* e *Moviemol* “*utilizados em química para a análise das estruturas moleculares dinâmicas revelou-se como a ferramenta de visualização mais potente para a análise de redes sociais (...) obter imagens tridimensionais de uma estrutura molecular (átomos e enlaces, ou seja, nós e linhas) e uma animação da sua evolução no tempo ou sobre determinadas circunstâncias*” (Molina, 2001, p.97).

Segundo Molina (2001, p.98) *Mage* “*é um programa que permite definir todo tipo de variáveis e associá-las a cores, linhas e tamanhos (...) modificar a visualização da rede simplesmente clicando na variável que nos interessa estudar... ao mesmo tempo podemos obter todos os ângulos de visão da estrutura fazendo-a girar. Por último, podemos encadear uma série de imagens que nos permitem obter uma animação de uma rede*” (Molina, 2001, p.98).

Molina (2001, p.98) refere que “*uma das chaves do interesse despertado pela análise de redes sociais é a sua capacidade de oferecer representações de sistemas sociais. Através dos sociogramas podemos inferir a existência, de ordenações, de grupos e de estruturas. No entanto, a representação de uma matriz é suscetível de diferentes alternativas*”, sendo possível, sem se saber qual é a correta, representações diferentes dos mesmos dados (Molina, 2001).

CAPÍTULO III

11 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos, da percepção, de cada um, dos actores que se disponibilizaram a participar no estudo, relativamente à sua rede de apoio social. Pretendeu-se, com os questionários sociométricos recolhidos, caracterizar a amostra e compreender quais as regularidades da rede.

Os resultados assentam na identificação e caracterização da rede e abordaram dois tipos de redes de apoio: as redes informais, nas quais se inclui a família, os vizinhos, os amigos e, a rede formal: o estado, o mercado e o terceiro sector.

Os tipos de rede de apoio foram identificados, pelo tipo de respostas dadas pelos inquiridos, através do tipo de relação com o gerador de nomes, na zona de primeira ordem.

11.1 - CARACTERIZAÇÃO SÓCIO DEMOGRAFICA

As tabelas seguintes pretendem enumerar os indivíduos, total de 20, e caracteriza-los quanto às variáveis de atributo (Ver Anexo V): idade, situação profissional e grau de ensino concluído, internados no Serviço de Ortopedia do Centro hospitalar Lisboa Norte – Pólo Hospital de Santa Maria, que foram submetidos a artroplastia, total ou parcial, da anca de 1 de Janeiro a 31 de Março de 2013.

Tabela 1 - Variáveis de atributo - idade

Questionário Sociométrico	Idade
1	24
2	27
3	52
4	61
5	64
6	65
7	68
8	69
9	69
10	71
11	71
12	74
13	75
14	76
15	76
16	79
17	81
18	82
19	85
20	85

Fonte: questionário

Da análise da tabela anterior pode-se verificar que, quanto à idade, os inquiridos situam-se entre os 24 e os 85 anos. Desses atores, 17 têm idade compreendida entre 60 e 85

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

anos. Os restantes atores têm 24, 27 e 52 anos. A média de idade da amostra é de 68 anos sendo de 77 anos para o género feminino e de 63 anos para o género masculino. Desta amostra sabe-se que quanto, à distribuição por género, 13 inquiridos são do género masculino e 7 do feminino.

Segundo a Técnica de Serviço Social (TSS) entrevistada: *“é muito mais fácil ir para casa com um cuidador mulher do que com um cuidador homem, como neste caso em que há mais homens e com mais de 65 anos, a cuidadora é a mulher. Porque o papel do cuidador ainda está muito associado à mulher e ainda para mais nesta faixa etária”*.

Tabela 2 - Variáveis de atributo – situação profissional

Questionário Sociométrico	Situação profissional
1	Limpeza de vidros
2	Reformado por invalidez
3	Vendedor de vinhos
4	Operário Químico
5	Reformado
6	Reformado
7	Reformado
8	Administrador de empresa
9	Reformada
10	Reformado
11	Reformado
12	Reformado
13	Reformado
14	Reformado
15	Reformado
16	Reformado
17	Reformado
18	Reformado
19	Reformado
20	Reformado

Fonte: questionário

Numa situação profissional ativa encontram-se apenas 4 inquiridos da amostra visto que, dada a média de idades, 75% dos inquiridos, neste caso, 15, estão reformados. Apenas 1

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

dos inquiridos está reformado por invalidez. Tabela 3 - Variáveis de atributo – grau de ensino concluído

Questionário Sociométrico	Grau de ensino concluído
1	Secundário Complementar
2	Secundário Complementar
3	1º Ciclo
4	1º Ciclo
5	Licenciatura
6	Secundário Complementar
7	1º Ciclo
8	Licenciatura
9	Secundário Complementar
10	1º Ciclo
11	1º Ciclo
12	Secundário Complementar
13	Sem escolaridade
14	Curso Técnico Profissional
15	1º Ciclo
16	1º Ciclo
17	1º Ciclo
18	1º Ciclo
19	Secundário Complementar
20	Secundário Complementar

Fonte: questionário

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Os actores inquiridos têm baixas habilitações. Dos 20 actores, 9 frequentaram o 1º ciclo, 1 actor é analfabeto, 7 actores frequentaram o ensino secundário complementar mas sem o completar, apenas 1 tem curso técnico profissional e 2 têm licenciatura.

Relativamente ao estado civil 2 actores são solteiros, 13 são casados ou vivem em união de facto, 1 é divorciado e 4 são viúvos.

O local de residência de 12 dos inquiridos é a cidade, 5 vivem em vilas e 3 em aldeias. Salienta-se o caso de um inquirido que vive num lar, apesar de ter filhos, casados, mas que por viuvez e, pela nora, que vive mais próximo ainda estar activa profissionalmente e não lhe conseguir dar apoio, teve de ir para um lar de idosos.

Os inquiridos solteiros vivem com a mãe, dos quatro viúvos, apenas 1 vive no lar e os outros têm apoio nas 3 ou 4 dimensões que o inquirido aborda.

Os casados têm o apoio do companheiro e/ou dos filhos. O actor divorciado vive sozinho e conta com o apoio de vizinha e amigos.

11.2 - ANÁLISE DA REDE DE APOIO SOCIAL À PESSOA SUBMETIDA A ARTROPLASTIA DA ANCA

A análise da rede social de apoio, à pessoa submetida a artroplastia da anca, fez-se com base na metodologia de análise de redes sociais de Sílvia Portugal, e utiliza uma análise de frequências simples, para o cálculo das medidas de análise.

Com efeito foi construída uma matriz das relações estabelecidas entre o utente e o apoio recebido, esta matriz binária reflecte a presença (1) ou ausência de relação (0) entre os actores sociais.

As notas de campo, recolhidas no momento da aplicação do questionário gerador de nomes, permitiram completar informação e dar significado à representação da rede.

É importante para o investigador, para além de saber os nomes, saber quais são *“as propriedades da rede pessoal e a sua estrutura interna e não apenas quem são os membros que a compõem”* (Santos, 1996, p.18).

A organização da estrutura, situando o actor como o nó central e os restantes actores com quem se relaciona. A centralidade permite obter a localização do actor em relação à rede local e, a densidade permite saber qual é a proporção de laços efectivos entre os

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

laços possíveis. É uma medida de grau de inserção dos actores na rede. O tamanho da rede é identificado pelo nº de nós estabelecidos com o actor central.

Segundo Oliveira (2001) *“o suporte social possibilita uma fonte extra de recursos (desde informação, orientação, dinheiro, bens ou aptidões) para ajudar o indivíduo a suportar melhor as situações difíceis”*.

Tal como referido no enquadramento teórico, a família comporta-se como um único actor quando um dos seus membros fica doente e, aqui, entende-se como actor a rede familiar ampla, pois em caso de doença, a família mobiliza-se para assegurar a saúde ao seu membro, distribuindo as tarefas necessárias, estendendo-se para além da família nuclear e incluindo a família os amigos íntimos (Santos, 2008).

Bott (1976) citado por Portugal (2007, p.5) defende que *“a dinâmica da estrutura familiar depende não apenas do comportamento dos seus membros, mas também das relações que estes estabelecem com outros, ou seja, de que a estrutura da rede de parentes, amigos, vizinhos e colegas tem uma influência directa na definição das relações familiares”*.

11.2.1- Análise da ajuda financeira

O recurso mais frequente das pessoas idosas é a família. Com o aumento das pensões, aumenta a dependência estatal, diminuindo por outro lado a dependência familiar no que toca ao aspecto económico contudo, a necessidade de apoio, afecto e companhia para os idosos, como seres humanos, continua a ser a família: o pilar em que se apoiam e, que apesar do avanço da idade, continuam o seu caminho (Santos, 2008).

Na rede egocêntrica, uma rede centrada exclusivamente numa pessoa *“os objectivos são os vínculos que rodeiam cada unidade de amostragem”* (Santos, 1996, p.14), isto é, cada unidade de análise (utentes submetidos a artroplastia da anca – estudo das egoredes).

A rede tipo da ajuda financeira é a seguinte:

- Ego: doente
- Actores da rede: filhos
- Lógica da rede: são pessoas idosas que dependem dos filhos todos para satisfazer esta necessidade.

Na dimensão Económica identificaram-se os atores sociais da rede de apoio responsáveis pela ajuda financeira (Ver Anexo VI). Sendo central a posição da pessoa submetida a cirurgia. A maioria das egoredes constitui redes de pequenas dimensões caracterizadas por ajuda de alguns dos filhos. Em 8 casos a rede tem 1 nó e no restante um máximo de 3 nós. O caso da Egorede 5 é um nó isolado uma vez que *“não precisa de ajuda financeira”*. O caso da Egorede 10 também não tem qualquer vínculo real uma vez que pediria ajuda financeira ao *“banco se tivesse menos 5 anos do que aqueles que tenho”*.

No caso da Egorede 8 o actor diz que no caso de necessitar de ajuda financeira recorre à esposa mas idealmente quem o deveria ajudar seriam os filhos porque ele ajudou-os e *“agora é o inverso”*.

O caso 7, 10, 15, 16 e 20 que não recorrem a ninguém no que toca à ajuda financeira recorreriam idealmente aos filhos ou ao Estado. O caso 10 relativamente a esta dimensão é um nó isolado. Nos casos em que a rede informal é mais frágil, recorre-se à rede formal.

A rede tipo relativamente à dimensão económica caracteriza-se pela ajuda financeira proveniente dos filhos em 15 respostas, de ninguém em 5 respostas e do companheiro em 4. Idealmente essa ajuda financeira deveria provir dos filhos em 16 respostas, seguida do Estado com 3 respostas. No caso 1 e 2 essa relação é de filhos para pais (neste caso a mãe). O caso da Egorede 14, aponta, para além dos filhos os amigos e, o caso 19, para além dos filhos, o companheiro, como a rede ideal a quem pediria ajuda. Os restantes casos recorreriam à rede formal (Banco e Segurança Social). As redes de maior tamanho têm 3 nós.

Segundo a Técnica de Serviço Social *“ a [rede] financeira não pode estar desligada da rede formal da grande parte das outras dimensões principalmente da física e da social, e refere que as pessoas não recorrem a técnicos (apoio privado) por uma questão financeira, porque, o fisioterapeuta é caro para eles e nem aos cuidados de saúde primários não só pelo desconhecimento dos seus direitos/benefícios/recursos, mas também porque a resposta é insuficiente em tempo real. É a questão da (in) acessibilidade. Razões para eles não falarem na rede formal, porque a maior parte nem pensa em recorrer a esta, pela questão da acessibilidade. Só a senhora viúva que está institucionalizada é a única que fala na rede formal, antes tinha a mesma percepção que o resto dos inquiridos, tinha a nora e o companheiro, que cuidavam dela. A rede real dela é actualmente a formal”*.

11.2.2- Análise na divisão das responsabilidades

Na dimensão Social identificaram-se os atores sociais da rede de apoio responsáveis pela ajuda na divisão das responsabilidades (Ver Anexo VII). A maioria das egoredes é uma rede de pequenas dimensões e varia entre 1 a 3 nós. A divisão das responsabilidades foi apontada como pertencendo à companheira, sendo que a maioria dos actores centrais são do género masculino, seguido dos filhos. No caso da Egorede 13, era a nora que cuidava do actor, apesar desta ter dois filhos *“antes de ir para o lar, era a nora e o marido que me ajudavam, os filhos não podiam porque andam a trabalhar”*.

A rede tipo relativamente à dimensão social caracteriza-se pela ajuda proveniente dos companheiros em 12 respostas e dos filhos em 9. Idealmente essa ajuda deveria provir dos filhos em 9 respostas, seguida dos companheiros com 8 respostas. No caso 1 e 2 essa relação é de filhos para pais (neste caso a mãe) e namorada. Os casos 8 e 12 apontam, para além dos filhos, para a companheira e, o caso 19, para além dos filhos e companheiro também a empregada.

O apoio é essencialmente prestado pela rede informal e sendo que a maioria dos actores são do género masculino a ajuda será maioritariamente feminina. No caso 18 a ajuda é formal, por meio de uma empregada, e no caso 19, a ajuda é mista (informal: filhos e marido) e formal (empregada).

A rede tipo na divisão das responsabilidades é a seguinte:

- Ego: Doente;
- Atores da rede: companheiro;
- Lógica da rede: são pessoas idosas que dependem dos companheiros para a satisfação desta necessidade.

Segundo a TSS *“ é interessante notar que o caso 10, tem na rede real o companheiro mas refere como rede ideal ninguém e que provavelmente é um caso de isolamento social e o caso 20 que é o único que refere o técnico de saúde, e que tem na rede real o companheiro, provavelmente gostaria do seu apoio ou de ter outro tipo de informações que validassem algumas dúvidas. É importante nesta dimensão, a gestão da doença: a mediação para desmistificar, para aconselhar; informação da doença. O que é a doença; cuidados a ter com a doença: comportamentos - fornecer informação; - lista de*

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

medicamentos, convencionais e alternativa; lista de dúvidas. O assistente social pode fazer a gestão da doença e o enfermeiro também”.

11.2.3 - Análise da ajuda física prestada ao indivíduo

Na dimensão física identificaram-se os atores sociais, da rede de apoio, responsáveis pela ajuda prestada ao indivíduo numa determinada situação relacionada com a sua doença (Ver Anexo VIII). A maioria das egoredes é uma rede de pequenas dimensões: apenas com 1 nó e até 4 nós (Egorede 9).

A rede tipo, relativamente à dimensão física, caracteriza-se pela ajuda proveniente dos companheiros, em 9 respostas e, dos filhos em 6. Idealmente essa ajuda deveria provir dos filhos, em 5 respostas, seguida dos companheiros com 3 respostas e assistente social, igualmente com 3 respostas. No caso 1 e 2 essa relação é de filhos para pais (neste caso a mãe) e no caso 1: para além da mãe, namorada e irmão.

O caso da Egorede 16, aponta, para além dos filhos, para a companheira e, o caso 8, para além dos filhos e companheiro e neto, também a empregada.

A rede informal apontada na rede real conta com actores como: vizinha, neto e amigos e na rede ideal o caso 8 gostava que houvesse *“uma pessoa que desse apoio doméstico (empregada de apoio doméstico), para o caso, se eu não pudesse sair, ou precisasse de conduzir, por ele...alguém que vivesse com eles”*; no caso 11 pede *“alguém da assistência para ajuda domiciliária”*.

O apoio é essencialmente prestado pela rede informal e no caso 8 e 19, a ajuda é mista (informal: filhos, companheiro; neto) e formal (empregada). No caso 13, a ajuda informal *“deveria ser a nora, mas não pode porque anda a trabalhar”*.

Idealmente é referido como ajuda formal: a assistente social, o Estado e o técnico de saúde.

São referidos os netos, nesta dimensão, na Egorede 8, numa perspetiva real e, nas Egoredes 18 e 19 como nós possíveis. Segundo Oliveira (2001, p.78) *“o suporte social desempenha um papel indispensável na vida adulta, e em particular nos idosos. Nas últimas décadas da vida de um adulto, muitas das responsabilidades e papéis são relativizados, diminuindo gradualmente. Neste período, as crianças ou os netos oferecem-se como potenciais suportes na vida social”*.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

A rede tipo, na ajuda física, prestada ao indivíduo é a seguinte:

- Ego: Doente;
- Atores da rede: companheiro;
- Lógica da rede: são pessoas idosas que dependem dos companheiros para a satisfação desta necessidade.

11.2.4 - Análise da ajuda psicossocial

Na dimensão psicossocial identificaram-se os atores sociais, da rede de apoio, responsáveis por ajudar o indivíduo, disponibilizando-se para conversar sobre a sua doença (Ver Anexo IX). Pouco menos de metade (9) das egoredes é uma rede de pequenas dimensões: apenas com 1 nó, as restantes têm 2, 3 e até 4 nós (Egorede 6, 8, 16 e 17). Nalgumas situações a rede real é superior à rede ideal porque as pessoas, ao terem necessidade de desabafar, acabam por fazê-lo com quem está mais presente e nem sempre com aqueles com quem seria o ideal.

Segundo a TSS *“Normalmente a rede real é menor que a ideal. Na dimensão psicológica é o contrário. A rede real é maior que a rede ideal, como acontece nos casos 2, 7, 8, 13, 14, 16, 17, porque as pessoas conversam sobre a sua doença com quem está presente; com quem está disponível; com quem consegue fazer escuta/escuta activa”*.

A rede tipo da ajuda psicossocial é a seguinte:

- Ego: Doente;
- Atores da rede: amigos;
- Lógica da rede: são pessoas idosas que desabafam com os amigos.

Relativamente à dimensão psicossocial, a rede caracteriza-se pela ajuda proveniente dos amigos, em 14 respostas, quase se poderá dizer que *“quem tem amigos tem saúde”* segundo Sílvia Portugal (2005), seguida dos filhos, com 13 respostas e, do companheiro, com 6 respostas. Idealmente essa ajuda deveria provir dos filhos, em 10 respostas, seguida dos amigos, com 8 respostas e, companheiro com 5 respostas. No caso 1 e 2 essa relação é idealmente de filhos para pais (neste caso a mãe) porque na realidade foi substituída pela namorada e pelo irmão.

No caso 12 seria importante *“Alguém da assistência social que fosse ao domicílio ou quem me pudesse dar ajuda tendo confiança para tal”*. Na Egorede 13, para desabafar, o inquirido refere: *“ a mulher do meu filho mais velho vive longe de mim. A mulher do meu filho mais novo, gosto mais desta para desabafar (tem mais jeito) gosta mais de mim”*. No caso da Egorede 2, os filhos é que detectam essa necessidade: *“não recorre a ninguém, nós é que detectamos que não está bem. É uma pessoa muito reservada”*.

Verifica-se ainda a responsabilização, na ajuda psicossocial, do Médico de família, por parte de 3 pessoas, na rede ideal.

Aparece a figura do porteiro, como alguém da rede informal, alargada, nas pessoas que vivem na cidade. Talvez isto se deva ao facto de existir um clima de confiança consolidado durante anos, pela proximidade e disponibilidade, pelo partilhar de problemas e de alegrias, das suas vidas.

Segundo Oliveira (2001, p.88) *“o suporte social, (...), facilita a mobilização de “recursos psíquicos, podendo aumentar a motivação individual em situações particularmente difíceis. Através dos relacionamentos com pessoas significativas, a forma pessoal de fazer face aos problemas, (...), pode ser modificada”*.

CONCLUSÕES

Segundo Lemieux (2012, p.88) *“As redes de apoio são constituídas por pessoas ajudadas às quais pessoas ajudantes dão apoio sob a forma de bens ou serviços, de informação ou de laços de sociabilidade. O apoio será geralmente maior quanto maior for o capital social das pessoas ajudadas”*.

Na presente investigação foi utilizada uma tipologia que assenta na descodificação das redes de apoio financeiro, rede de apoio na divisão das responsabilidades, rede de apoio na ajuda física e rede de apoio psicossocial.

A rede tipo desta amostra, nas 4 dimensões: económica, física, social e psicológica é que o apoio reside na família: filhos, companheiro e, família alargada: os amigos.

Os objectivos propostos para a presente investigação foram:

- Conhecer as dinâmicas/lógicas da rede de apoio social dos doentes submetidos a artroplastia da anca. E a conclusão foi que a regularidade da rede assenta no apoio prestado pelos filhos ou pelo companheiro;
- a) conhecer as dimensões da rede, tais como o tamanho e a densidade. As redes estudadas foram de pequenas dimensões (entre 1 a 3 nós) e a densidade, na maioria, há homogeneidade: a rede efectiva coincide com a rede ideal;
- b) Conhecer a estrutura da rede, tendo como exemplo a medida de centralidade. Assume-se que o inquirido é o actor central, donde partem todos os outros elos de ligação, uma vez que se trata de uma egorede;
- c) Identificar dinâmicas na prestação do apoio social, estabelecendo comparações entre a rede de cada indivíduo. A rede tipo que se evidencia é a de pessoas idosas cujo apoio social na doença ou incapacidade recairá na família;
- d) Identificar dinâmicas na relação hospital-rede de apoio social do doente (família, amigos, vizinhos, outras solidariedades) o que se trata de uma lacuna, pelo que constituirá uma proposta de intervenção.

É de salientar que, da análise das dimensões estudadas, em reunião com a técnica do serviço social:

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

-“Na patologia e sequelas, escolhida, a pessoa volta à sua vida normal, sem sequelas, a rede é mais concentrada na família e na família alargada;

- O número considerável de homens com mais de 60 ou 65 anos, referem o apoio da companheira: justificação do papel da mulher e do papel alargado na família;

- Os jovens falam como apoio nuclear a namorada/mãe, sendo idealmente a mãe, mas sempre a mulher;

- É referida a nora, empregada; auxiliar do lar, de novo o papel do cuidar, no género feminino;

- Pelo tempo curto de recuperação, a autonomia ainda se mantém noutras áreas. Dependência parcial é diferente de dependência total e como tal, na ajuda na doença, de uma forma geral, são os cuidadores informais a dar apoio necessário em vez do apoio (técnico) formal: enfermeiro; fisioterapeuta; ajudante domiciliário;

- Núcleos familiares ou famílias que ainda funcionam no apoio e inter-ajuda;

- Modelos: filhos que ajudam os pais; perceber que contam com os companheiros e com as noras, apesar dos valores da família se terem modificado; da fragilidade dos jovens;

- A pessoa não fala, na rede formal, quando nas suas experiências de saúde não se criaram relações de confiança; só quando o técnico de saúde consegue, de alguma forma capacitar e “empoderar” a pessoa (fazer a gestão da doença), cria uma relação que embora seja para a autonomia, é sempre uma relação com (dar poder para fazer escolhas); autonomizar para empoderar: há outras áreas do apoio psicossocial que não podem ser descontinuadas;

- desmame da dependência: se a pessoa passou por um processo de fragilidade e mudança de projecto de vida, é importante saber que técnicos pode ter para esclarecer uma dúvida; se a relação for de qualidade, se tiver uma dúvida, pode telefonar e contactar com o técnico de saúde; a distância tem de alimentar a relação de confiança que é técnica/ética e, que é diferente de indiferença. Porque as pessoas que tiveram certamente um apoio na gestão da doença: - que conhecimento é que têm da doença/evolução da doença; - as pessoas que têm filhos vão ver tudo na internet; - se a pessoa teve a possibilidade de passar junto: quais as possibilidades, o que é que se consegue fazer, normalmente o utente que tenha acesso, pergunta e dá-se-lhe um reforço positivo.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Se for criado com os técnicos ou algum técnico de saúde uma relação em que se faça a gestão e a capacitação da doença é mais fácil que os técnicos de saúde sejam tidos em conta quando falarmos de alguma área”.

A análise da rede de apoio social, nas pessoas submetidas a artroplastia da anca, por meio da análise de redes sociais, em várias dimensões, é uma temática que até à data, neste contexto, ainda não tinha sido estudada o que poderá ter sido interessante e inovador. O estudo da análise de redes sociais e redes pessoais foi um desafio e acrescentou uma nova óptica no conhecimento da realidade social de cada actor.

Uma das etapas a atingir, ao longo desta investigação, consistiu em entender a rede, a linguagem da rede e as conclusões daí decorrentes. As limitações ao estudo foram:

- Pequeno tamanho amostral
- Amostra de conveniência de base hospitalar (num único hospital) pelo que seria interessante cruzar o estudo a outras unidades de análise, hospitais e/ou centros de saúde.
- Algumas variáveis serem referidas por terceira pessoa (cuidador) em caso de pessoa com afasia, por exemplo.
- Avaliação da eficácia do projecto de intervenção relativamente à recuperação funcional no grupo de intervenção
- Amostra de utentes unicamente com artroplastia da anca pelo que seria interessante estudar a rede de apoio social noutros contextos.

Em futuras investigações seria interessante estudar o mesmo modelo noutras patologias e/ou noutro contexto. Estudar outras unidades de análise.

Assim, em termos futuros, seria fundamental poder extrapolar esta investigação para outros contextos na tentativa de encontrar regularidades, semelhanças e diferenças nas dinâmicas da rede de apoio social.

PROPOSTA DE PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIO-ORGANIZACIONAL

Após a apresentação dos resultados obtidos nesta dissertação e suas conclusões, recomenda-se uma proposta de intervenção sócio organizacional, capaz de fazer face ao problema e, permitir a continuidade dos cuidados à pessoa. A proposta será apresentada sob a forma de projecto, prática comum nos sectores de actividade humana.

O projecto “*é um empreendimento com características de complexidade, unicidade, finitude, recursos limitados, envolvimento interfuncional, escalonamento de tarefas, orientado por objectivos e com um produto (ou serviço) final*” (Weiss & Wysoki, 1992, citado por Moura, 2006, p.22). O projeto de intervenção sócio-organizacional visa melhorar as condições da preparação para a alta hospitalar através do aperfeiçoamento da infra-estrutura e recursos humanos; cooperação interinstitucional: parceria hospital-centro de saúde; e formação e qualificação de profissionais para as necessidades de intervenção na comunidade.

O projecto proposto, com base na prática, consiste em traçar um plano de intervenção intra – hospitalar de acordo com os resultados da análise dos resultados da dissertação. Os resultados demonstraram que a rede de apoio da pessoa é a rede informal, a família, mais concretamente, os filhos.

A proposta consiste na articulação com a família, de forma bem delimitada e, com canais bem definidos, durante o período de internamento da pessoa, com vista a dar informação ao cuidador de forma a assegurar a continuidade de cuidados com os serviços de saúde na comunidade para darem continuidade aos cuidados caso se justifique.

Quadro 3 - Plano de intervenção sócio organizacional

DIAGNÓSTICO	
Existência de lacunas na continuidade de cuidados à pessoa submetida a prótese da anca após a alta	
ANÁLISE EXTERNA	
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Existência de <i>guidelines</i> que preconizam	Aumento do número de reinternamentos por

boas práticas para melhor recuperação funcional da pessoa após a cirurgia	queda ou luxação da anca, após a alta		
ANÁLISE INTERNA			
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS		
<p>Pessoa motivada para a recuperação funcional</p> <p>Boa relação com o técnico de saúde da área da reabilitação</p> <p>Menor sobrecarga dos cuidadores, após a alta, quanto maior a recuperação funcional da pessoa operada</p>	<p>Profissionais pouco motivados para a temática; não exclusividade dos profissionais para a temática da reabilitação; Baixa capacidade de intermediação na rede; Baixa adesão da família na participação dos cuidados à pessoa; Barreira institucional que dificulta a adesão da família na participação dos cuidados à pessoa</p>		
OBJECTIVOS			
OBJECTIVOS	PRAZOS	METAS	CENÁRIOS
<p>Optimizar a recuperação funcional</p> <p>Reduzir a sobrecarga dos cuidadores.</p> <p>Promover o autocuidado, a auto-eficácia</p> <p>Reduzir o medo de cair e prevenir quedas</p> <p>Avaliar/orientar a gestão do ambiente físico/doméstico;</p> <p>- Programa educacional à pessoa/família (rede de apoio):</p> <p>Treinar a marcha com uso de dispositivos;</p> <p>Ensinar/treinar autocuidados: (deitar/levantar, sentar/levantar, entrar/sair da banheira; subir/descer escadas);</p>	A agendar		CHLN - HSM

<p>Ensinar/treinar exercícios;</p> <p>Orientar sobre dispositivos adaptativos</p> <p>Orientar sobre recursos comunitários</p>					
ESTRATÉGIAS					
Criação de um grupo de trabalho para a elaboração de um protocolo de actuação					
PLANO DE ACÇÃO					
Criação de grupo de trabalho, multidisciplinar, para elaboração de protocolo de participação, dos actores da rede de apoio da pessoa, na prestação de cuidados					
FASES DE ACÇÃO			PRAZOS		
Etapas na elaboração do protocolo a definir			Elaboração e entrega do protocolo de actuação após aprovação do Conselho de Administração do CHLN - HSM		
RECURSOS NECESSÁRIOS					
HUMANOS		FÍSICOS		FINANCEIROS	
Profissionais de referência na temática da reabilitação		Sala para reunião e elaboração do protocolo		A definir e actualizar	

INDICADORES DE DESEMPENHO

Elaboração de *check-list* de auditoria à actuação; Resultados das auditorias.

Fonte: Fritz (2010)

Quadro 4 – Grelha de avaliação do plano de intervenção

Data de preenchimento:

Responsável pelo preenchimento:

Grelha de avaliação do plano de intervenção

CrITÉRIOS de avaliação do plano de intervenção	NÃO Aplicável	Inferior ao previsto	Igual ao previsto	Superior ao previsto	Observações
Aceitação (face ao plano)					
Coerência (aplicabilidade e execução do plano)					
Conformidade (os critérios, em que medida se respeita o plano)					
Eficácia (execução respeitando os princípios estabelecidos pelo plano)					
Eficiência (adequa os critérios estabelecidos com os recursos existentes)					

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Pertinência (objectivos da intervenção são pertinentes)					
Sistema de gestão (utilização adequada dos recursos)					
Sustentabilidade (identificação de situações passíveis de mudança)					
Utilidade (Respeito pelos critérios e normalização dos procedimentos)					

Fonte: Fritz (2010)

Quadro 5 – Projecto de auditoria ao plano de intervenção

Procedimento a auditar	Plano de Intervenção
Departamentos implicados	Centro Hospitalar Lisboa Norte – Hospital de Santa Maria Serviço de Ortopedia 6
Data	A agendar
Auditor	Externo (técnico especializado na área da qualidade em saúde)
Causas da auditoria	Implementação de um novo plano de intervenção na área dos cuidados à pessoa submetida a artroplastia da anca, ao nível dos elementos que compõem a rede prestadora de cuidados
Objectivo da auditoria	Verificação de conformidade do procedimento, adesão dos profissionais do serviço e adequação de novas estratégias a implementar
Documentos a utilizar	Referencial normativo adoptado
Lista de verificação	Verificar clareza do objectivo;

	<p>Verificar se estão definidas as responsabilidades e deveres de todos os implicados na implementação do plano;</p> <p>Verificar se é realista e adequado à problemática;</p> <p>Verificar a lista de registos de tarefas efectuadas;</p> <p>Verificar se foi feita a distribuição a todos os implicados na implementação do plano:</p> <p>Verificar se as entidades têm presente o plano de intervenção;</p> <p>Verificar se estão a implementá-lo;</p> <p>Verificar se as actividades/tarefas descritas são as que estão a ser elaboradas e executadas;</p> <p>Verificar o tratamento e seguimento dos indicadores referidos.</p>
Elaboração e verificação do relatório final da auditoria	<p>Folha de síntese; Lista de verificação devidamente preenchida; Resultados da auditoria; Recomendações e propostas de acção correctiva.</p>

Fonte: Fritz (2010)

BIBLIOGRAFIA

Babo M. (2006/2007) *Revista de comunicação e linguagens/ Arte e comunicação*. Publicação do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens - Publicação semestral 2006/2007 nº37.

Barabási, A. (2003). *Linked. How Everything is Connected to Everything Else and What it Means for Business, Science and Everyday Life*. New York: Plume.

Bravo, R. (2001). *Técnicas de investigação social – teoria e exercícios*. 14ª edição. Madrid: Paraninfo – Thomson Learning.

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia de investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

Fialho, J. (2006). *Análise de redes sociais - algumas pistas de aplicação à saúde*. Revista economia e sociologia, 83, pp 183-203.

Fialho, J. (2008). *Redes de Cooperação Interorganizacional – o caso das entidades formadoras do Alentejo Central*. Tese de doutoramento em Sociologia, Évora: Universidade de Évora.

Fontes, B. - *Redes sociais e saúde: sobre a formação de redes de apoio social no cotidiano de portadores de transtorno mental*. Política e trabalho, revista de ciências sociais, nº 26, Abril de 2007.

Fortin, M (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização*. 3ª Edição, Loures: Lusociência.

Fritz, I. (2010). *Dinâmicas e relações intra-organizacionais nos cuidados à criança/adolescente com diabetes Mellitus tipo I*. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Socio-Organizacional na saúde. Universidade de Évora/Escola Superior de Tecnologias da Saúde.

Gauthier, B. (2003). *Investigação social, da problemática à colheita de dados*. 3ª Edição, Loures.

Gil, A. (1996). *Como elaborar projectos de pesquisa*. 3ª Edição. São Paulo: Atlas.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Ghiglione, P. e Matalon, B. (2001). *O inquérito sociológico – teoria e prática*. 4ª Edição, Oeiras: Celta.

Hicks, C. (2006). *Método de investigação para terapeutas clínicos – concepção de projectos de aplicação e análise*. 3ª Edição. Loures: Lusociência.

Lemieux, V; Ouimet M. (2012). *Análise estrutural das redes sociais*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto Piaget.

Molina, J. (2001). *El análisis de redes sociales - Una introducción*. Edicions Bellaterra. Naves de tolosa: Barcelona.

Molina, J. Maya (Eds.) ***Elementos para el trabajo en red Apuntes desde el análisis de redes sociales REDES***, *Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales Volumen especial. Diciembre de 2010* <http://revista-redes.rediris.es>

Moura, D.; Barbosa E. (2006). *Trabalhando com projetos*. Editora Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro.

Nabais, C. (2006). *Análise numérica da interface osso – cimento na artroplastia da anca*. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia biomédica. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Oliveira, R. (2001). *Psicologia Clínica e Reabilitação Física – uma abordagem psicoterapêutica da incapacidade física adquirida*. Lisboa: ISPA.

Pires, M et al (2010). [Questionário de estilos parentais para pais: Validação preliminar](#). Em: *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 4 a 6 de Fevereiro 2010. Lisboa. Acedido em: 04/03/2012 em: www.actassnip2010.com/conteudos/actas/MetInv_1.pdf.

Portugal, S. (2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Oficina do CES nº 271, Março 2007. Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais de Coimbra.

Portugal, S. (2005). *Quem tem amigos tem saúde: o papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde*. Em: *Simpósio, Família, redes sociais e saúde*. Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo. Hamburgo.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva, Lisboa.

Rebola, E. (2012). Rede de apoio social ao doente pós síndrome coronária aguda. Um estudo de caso. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Socio-Organizacional na saúde. Universidade de Évora/Escola Superior de Tecnologias da Saúde.

Ribeiro, J. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Coimbra: Climepsi.

Rodriguez, J.. (1995). *Análisis estructural y de redes*. Cuadernos metodológicos, nº 16. Centro de Investigaciones sociológicas: Montalban, 8, Madrid.

Rosa, A. (2002). *A cultura das redes*. *Revista de comunicação e linguagens/ Arte e comunicação*. Publicação do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens - Nº extra Junho 2002.

Rua, A (Eds.) *La perspectiva del interaccionismo estructural para el análisis de redes sociales*. *REDES, Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales Volumen 17*. Diciembre de 2009 <http://revista-redes.rediris.es>

Santos, R. (1996). *Redes sociales y cuestionarios*. Cuadernos metodológicos, nº 18. Centro de Investigaciones sociológicas: Montalban, 8, Madrid

Santos, R. (2003). *Análises de redes sociales - Orígenes, teorías y aplicaciones*. CIS: centro de investigaciones sociológicas. Montalban: Madrid.

Santos, R. (2008). *Redes sociales y sociedad civil*. CIS: centro de investigaciones sociológicas. Montalban: Madrid.

Silva C. et al (2013). *Iniciação à análise de redes sociais casos práticos e procedimentos com UCINET*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Siqueira, A et al (2006). *A rede de apoio social e afectivo de adolescentes institucionalizados no sul do brasil*. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* - 2006, Vol. 40, Num. 2 pp. 149-158

Tavares, D. (2007). *Escola e Identidade Profissional – o caso dos técnicos de cardiopneumologia*. Lisboa: Edições Colibri – Instituto Politécnico de Lisboa.

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Tinoco, A. (2009). *Enfermagem em Orto traumatologia*. 2ª Edição. Coimbra: Formasau - Formação e saúde, Lda.

Yin, R. (2005). *Estudo de caso planeamento e métodos*. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman.

Versão em Português dos Instrumentos de Avaliação da Qualidade de Vida (1998) (WHOQOL) Acedido em 26/02/2012, em www.ufrgs.br/psiq/whoqol3.html

Zuidema, G. (2002). *Atlas de Anatomia Funcional Humana*. 4ª Edição. Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXOS

ANEXO I

Parte A

Caracterização Sócio Demográfica

As questões que se seguem, destinam-se a enriquecer e caracterizar o actor. As suas respostas serão registadas nos espaços respectivos e assinalada uma cruz nas respostas mais adequadas.

PA1	Idade: _ _ Anos
PA2	Género: Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/>
PA3	Estado Civil: Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Casado(a) ou União de facto <input type="checkbox"/> Divorciado(a) ou Separado(a) <input type="checkbox"/> Viúvo(a) <input type="checkbox"/>
PA4	Situação Profissional: Desempregado(a) <input type="checkbox"/> Reformado(a) <input type="checkbox"/> Profissão <input type="checkbox"/> Qual? _____
PA5	Onde reside: _____
PA6	Grau de ensino concluído: Sem escolaridade <input type="checkbox"/> 1º Ciclo (4ª Classe) <input type="checkbox"/> 2º Ciclo (6ª Classe) <input type="checkbox"/> Ensino Secundário Complementar <input type="checkbox"/> Curso Técnico-Profissional <input type="checkbox"/> Bacharelato ou Curso Médio <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Pós-Graduação, Mestrado ou Doutoramento <input type="checkbox"/>
PA7	Respondente: Próprio <input type="checkbox"/> Familiar <input type="checkbox"/> Técnico de saúde <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____
PA8	Tipo de Cirurgia: Artroplastia total da anca <input type="checkbox"/> Hemiartróplastia da anca <input type="checkbox"/>

Parte B

Rede Social de Apoio

Refira **nomes de pessoas ou entidades** que respondam à pergunta efectuada. Na segunda coluna refira qual a relação que estabelece com essa mesma pessoa ou entidade.

Exemplo: Nome Manuel; Relação – filho

PB	Ajuda Financeira	<i>Nome/Entidade</i>	<i>Relação</i>
PB1	Quando está doente, sente-se mais à vontade para pedir ajuda financeira, a quem?		
PB2	Quem o deveria ajudar financeiramente?		

PB	Ajuda na divisão de responsabilidades	<i>Nome/Entidade</i>	<i>Relação</i>
PB3	Quando está doente, quem o/a ajuda nas tarefas do seu dia-a-dia?		
PB4	Quem o/a deveria ajudar na divisão das tarefas do seu dia-a-dia?		

PB	Ajuda física prestada ao indivíduo	<i>Nome/Entidade</i>	<i>Relação</i>
PB4	Quem o/a ajuda a compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença?		
PB5	Quem o/a deveria ajudar a compreender uma determinada situação relacionada com a sua doença?		

PB	Ajuda Psicossocial	<i>Nome/Entidade</i>	<i>Relação</i>
PB6	Quando está doente, a quem recorre para conversar sobre a sua doença?		
PB7	Quem deveria estar disponível para conversar consigo sobre a sua doença?		

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO II

Ao Exmo. Senhor
Presidente do Conselho de Administração
Do Centro Hospitalar de Lisboa Norte, EPE -
Pólo Hospital de Santa Maria -
Direcção de Enfermagem

Eu, Francisca Maria Soares Monteiro, Enfermeira Especialista em Enfermagem de Reabilitação, do mapa de pessoal do Centro Hospitalar Lisboa Norte (CHLN) – Pólo Hospital de Santa Maria, com o número mecanográfico 14374, colocada no serviço de Ortopedia 6 e a frequentar o VIII Curso de Mestrado em Intervenção Socio-Organizacional na Saúde, Especialização em Políticas de Administração e Gestão de Serviços de Saúde, da Universidade de Évora em parceria com a Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa, aluno nº 7821, vem por este meio requerer a V. Exa se digne autorizar a aplicação do pré teste e do questionário sociométrico relativo ao trabalho de investigação (dissertação de mestrado) do plano de estudos do 2º ano do referido curso, cujo tema recaiu sobre redes de apoio social e prestação de cuidados de saúde sob o título: **“Redes de apoio social – um estudo de caso sobre doentes submetidos a artroplastia da anca”** com orientação do Prof. Doutor Joaquim Manuel Rocha Fialho, Professor Auxiliar Convidado no Departamento de Sociologia da Universidade de Évora.

Partindo do indício de alguma descontinuidade no quadro da rede social de apoio, as intenções de investigação visam descodificar as lógicas de apoio social, numa situação em particular: os doentes submetidos a artroplastia da anca, do CHLN – HSM, no Serviço de Ortopedia, numa amostra do universo em estudo, no sentido de conhecer as regularidades da rede social de apoio no contexto de investigação referido. Para isso pretende-se: conhecer as dinâmicas da rede de apoio social dos doentes submetidos a artroplastia da anca através do conhecimento da dimensão e estrutura da rede e da identificação das dinâmicas na prestação do apoio social. A intenção da investigação terá igualmente o propósito de diagnosticar uma situação e através da mesma apresentar propostas de intervenção socio-organizacional na saúde, salvaguardando a confidencialidade dos dados recolhidos bem como a identidade dos inquiridos.

Junta-se, em anexo, o questionário a aplicar.

Desde já o meu agradecimento

Pede deferimento.
Lisboa, 28 de Fevereiro de 2012

ANEXO III

CENTRO HOSPITALAR
LISBOA NORTE, EPE



HOSPITAL DE
SANTAMARIA



Hospital
PulidoValente

Exma. Senhora
Enf. Francisca Maria Soares Monteiro
Serviço de Ortopedia
Centro Hospitalar Lisboa Norte, EPE

Refª PCA – 03.DEZ.2012 – 0930

Assunto: Projecto de Investigação “Redes de Apoio Social – Um estudo sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca”.

Tenho o prazer de informar V. Exa. que o projecto em epígrafe foi aprovado pela Comissão de Ética para a Saúde do CHLN, e autorizado pelo Conselho de Administração em 29 de Novembro de 2012.

Com os melhores cumprimentos, *MC*

O Presidente do Conselho de Administração

Prof. Dr. J. A. Correia da Cunha

/MC

CONSELHO DE
ADMINISTRAÇÃO

Av. Professor Egas Moniz
1649-035 LISBOA
Tel: 217 805 000 – Fax: 217 805 610

www.chln.pt

Alameda das Linhas de Torres, 117
1769-001 LISBOA
Tel: 217 548 000 – Fax: 217 548 215

www.chln.pt

1

ANEXO IV

QUESTIONÁRIO

Rede Social de Apoio ao doente submetido a artroplastia da anca

Caro(a) Utente,

Chamo-me Francisca Maria Soares Monteiro, e pretendo realizar um estudo de investigação no âmbito do Mestrado em Intervenção Socio-Organizacional na Saúde, Políticas de Administração e gestão de Serviços de Saúde cuja tese tem como tema: Rede social de apoio ao doente submetido a artroplastia da anca.

Venho solicitar a sua colaboração no preenchimento deste questionário e a sua autorização para usar os dados recolhidos. Para o efeito, solicito que responda, conforme as indicações que lhe forem pedidas, a todas as perguntas. No início ser-lhe-ão feitas questões relativas a si próprio(a) que pretendem recolher elementos para a análise estatística do grupo em estudo, sem que se pretenda com isso qualquer identificação pessoal.

Se aceitar participar neste estudo, desde já lhe **garanto que o questionário é anónimo e confidencial e os dados** recolhidos, bem como a sua utilização dos mesmos serão no âmbito estrito da realização e divulgação do presente trabalho de investigação.

Obrigado pela sua colaboração

A Investigadora,

(Francisca Monteiro)

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, declaro que fui informado(a) sobre o estudo **“Redes de apoio social: um estudo de caso sobre pessoas submetidos a artroplastia da anca”** da autoria de Francisca Monteiro e, de livre vontade anuí em colaborar no mesmo. Compreendi o tema em estudo, objectivos e metodologia do mesmo e foram-me esclarecidas as dúvidas que apresentei.

Tendo conhecimento de que não terei qualquer benefício ou prejuízo pela minha colaboração no referido estudo de investigação, dou autorização para que nele sejam utilizadas os dados por mim produzidos, na observância das condições de **confidencialidade e rigor científico**.

Lisboa, ____ de _____ de 2013

ANEXO V

Tabela 1 - Dados sociodemográficos: variáveis de atributo

Questionário Sociométrico	Idade	Género	Estado civil	Situação profissional	Residência	Grau de ensino concluído	Respondente	Tipo de cirurgia
1	24	Masculino	Solteiro	Limpeza de vidros	Vila	Secundário Complementar	Próprio	ATA
2	27	Masculino	Solteiro	Reformado por invalidez	Aldeia	Secundário Complementar	Próprio	ATA
3	52	Masculino	União de facto	Vendedor de vinhos	Cidade	1º Ciclo	Próprio	ATA
4	61	Masculino	Casado	Operário Químico	Vila	1º Ciclo	Próprio	APA
5	64	Masculino	Casado	Reformado	Cidade	Licenciatura	Familiar	APA
6	65	Feminino	Divorciado	Reformado	Cidade	Secundário Complementar	Próprio	ATA
7	68	Masculino	Casado	Reformado	Vila	1º Ciclo	Próprio	ATA
8	69	Masculino	Casado	Administrador de empresa	Cidade	Licenciatura	Próprio	ATA
9	69	Feminino	Viúvo	Reformada	Cidade	Secundário Complementar	Próprio	ATA
10	71	Masculino	Casado	Reformado	Cidade	1º Ciclo	Próprio	ATA
11	71	Masculino	União de facto	Reformado	Cidade	1º Ciclo	Familiar	APA
12	74	Masculino	Casado	Reformado	Aldeia	Secundário Complementar	Próprio	ATA
13	75	Feminino	Viúvo	Reformado	Vila (Lar)	Sem escolaridade	Próprio	ATA
14	76	Masculino	Casado	Reformado	Cidade	Curso Técnico Profissional	Próprio	ATA
15	76	Feminino	Casado	Reformado	Vila	1º Ciclo	Próprio	ATA
16	79	Masculino	Casado	Reformado	Aldeia	1º Ciclo	Próprio	ATA
17	81	Feminino	Viúvo	Reformado	Cidade	1º Ciclo	Próprio	ATA
18	82	Masculino	Viúvo	Reformado	Cidade	1º Ciclo	Próprio	APA
19	85	Feminino	Casado	Reformado	Cidade	Secundário Complementar	Familiar	APA
20	85	Feminino	Casado	Reformado	Cidade	Secundário Complementar	Familiar	APA

ANEXO VI

Tabela 2 – Ajuda financeira

Egoredes	Ajuda Financeira																
	Rede tipo: Ego: Doente Atores da rede: filhos Lógica da rede: são pessoas idosas que dependem de todos dos filhos																
	Rede Real Nomes gerados							Total de actores	Rede Ideal Nomes gerados					Total de actores	Densidade da rede		
	Filho	Filha	Ninguem	Mãe	Banco	Companheiro	*Seg. Social		Filho	Filha	Estadão	Mãe	Companheiro	Amigos	Seg. social		
1				1				1				1				1	100%
2				1				1				1				1	100%
3						1		1			1					1	100%
4	1	1				1		3	1	1				1		3	100%
5			0					0									
6	1							1			1					1	100%
7			0					0									
8						1		1	2							2	50%
9	1							1	1							1	100%
10			0					0									
11	2							2	2							2	100%
12					1			1			1					1	100%
13	2							2	2							2	100%
14	1	1						2	1	1				2		4	50%
15			0					0									
16			0					0									
17	1	1						2	1	1						2	100%
18	1						1	2	1						1	2	100%
19	1	1				1		3	1	1			1			3	100%
20			0					0									
Total de actores	11	4	5	2	1	4	1	Total de actores	12	4	3	2	2	2	1		

Fonte: questionário

ANEXO VII

Tabela 3 – Ajuda na divisão de responsabilidades

Redes de apoio social – Um estudo de caso sobre pessoas submetidas a artroplastia da anca

Egoredes	Ajuda na divisão das responsabilidades															Total de actores	Densidade da rede	
	Rede Real							Rede Ideal										
	Nomes gerados							Nomes Gerados										
Filhos	Companheiro	Mãe	Empregada	Namorada	Vizinha	Auxiliar	Filhos	Companheiro	Empregada	Assistência Social	Mãe	Namorada	Junta de freguesia	Auxiliar do	Limpeza	Técnico de saúde		
1			1		1						1	1					2	100%
2			1								1						1	100%
3		1						1									1	100%
4		1						1									1	100%
5		1						1									1	100%
6						1				1							1	100%
7		1						1	1								2	50%
8	2	1						2	1								3	100%
9	3								1								1	30%
10		1												1			0	0%
11	1							1									1	100%
12	1	1								1							1	50%
13							2							2			2	100%
14		1							1								1	100%
15		1							1								1	100%
16		1											1				1	100%
17	1								2								2	50%
18				1					1								1	100%
19	1	1		1					2	1	1						4	75%
20		1														1	1	100%
Total de actores	9	12	2	2	1	1	2	Total de actores	9	8	2	2	2	1	1	2	1	1

Fonte: questionário

ANEXO VIII

Tabela 4 – Ajuda na doença

Egoredes	Ajuda Física																Total de actores	Densidade da rede				
	Rede tipo: Ego: Doente Atores da rede: companheiro Lógica da rede: são pessoas idosas que dependem dos companheiros																					
	Rede Real Nomes gerados										Rede Ideal Nomes Gerados											
Filhos	Mãe	Namorada	Irmão	Companheiro	Vizinha	Empregada	Neto	Amigos	Ninguem	*A. Do Lar	Filhos	Mãe	Empregada	A. Social	Companheiro	Nora	Estadao	Neta	**T. De Saúde			
1		1	1	1							3	1								1	30%	
2		1									1	1								1	100%	
3					1						1			1						1	100%	
4					1						1	1								1	100%	
5					1						1			1						1	100%	
6						1					1			1						1	100%	
7					1						1	1								1	100%	
8	1				1		1	1			4			1						1	25%	
9										1	0			1			1			2	0%	
10										1	1					1				1	100%	
11	1										1	1								1	100%	
12					1						1			1						1	100%	
13										2	2						1			1	50%	
14					1						1			1						1	100%	
15										1	0			1						1	0%	
16	1				1						2							1		1	50%	
17	1										1	1								1	100%	
18	1										1								1	1	100%	
19	1						1				2	1							1	1	50%	
20					1						1									1	100%	
Total de actores	6	2	1	1	9	1	2	1	1	2	2	Total de actores	5	2	2	3	3	1	2	1	2	1

Fonte: questionário

*Auxiliar do lar; **Técnico de saúde

ANEXO IX

Tabela 5– Ajuda Psicossocial

Egoredes	Ajuda Psicossocial																						
	Rede tipo: Ego: Doente Atores da rede: amigos Lógica da rede: são pessoas idosas que desabafam com os amigos																						
	Rede Real Nomes gerados										Total de actores	Rede Ideal Nomes Gerados						Total de actores	Densidade da rede				
Filhos	Amigos	Mãe	Companheiro	Namorado	Irmão	Porteiro	Funcionários	Cunhado	Ningué		Filhos	Madrinha	*Assistente social	Mãe	Companheiro	Amigos	Nora	Médico	Prima	Irmã			
1				1						1				1								1	100%
2			1		1					2				1								1	50%
3		2		1						3		1			1	2						4	75%
4				1						1	1											1	100%
5				1						1				1								1	100%
6	1	3								4			1		3							4	100%
7		3								3				1								1	30%
8		2					1	1		4						2						2	50%
9	3									3	3											3	100%
10		1								1					1							1	100%
11	1									1	2											2	50%
12								1		1			1									1	100%
13	2									2						1						1	50%
14	2			1						3				1								1	30%
15									1	0								1				1	0%
16	3			1						4								1				1	25%
17		3					1			4	2											2	50%
18								1		1										1		1	100%
19	1									1	2				1						1	4	25%
20									1	1					1			1				2	50%
Total de actores	13	14	1	5	1	1	2	1	2	2	Total de actores	10	1	2	2	6	8	1	3	1	1		

Fonte: questionário

* Assistente social